

BIBLIOTHECA
J. E. CRUZ COUTINHO

N.º 2

AUGUSTO GARRAIO

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

DRAMA EM 5 ACTOS E 6 QUADROS

EXTRAHIDO DO ROMANCE DO MESMO TITULO

DE

ARNALDO GAMA

EDITORA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

15, rua do Alameda, 15

PORTO





0420

AUGUSTO GARRAIO

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

DRAMA EM 5 ACTOS E 6 QUADROS

EXTRAHIDO DO ROMANCE DO MESMO TITULO

DE

ARNALDO GAMA

REPRESENTADO

COM GERAL APPLAUSO NO THEATRO BAQUET
DO PORTO



EDITORA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO

15, RUA DO ALMADA, 17
PORTO

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75, RUA DE S. JOSÉ, 75
RIO DE JANEIRO

1874

C. M. B.
BIBLIOTECA

Segundo a lei de propriedade litteraria, ninguém poderá representar esta peça sem licença por escripto do seu author.

Augusto Garraio.

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancellia Velha, 62

1874

PERSONAGENS

LUIZ VASQUES D'ENCOURADOS.

JOÃO PERES DE VILLA-LOBOS, sargento-mór de Villar.

O TRINTA E TRES, seu camarada.

VASCO MENDES D'ENCOURADOS.

FERNÃO SILVESTRE D'ENCOURADOS.

O LOUCO DE PROFUNDIS.

BRAZ DE PAIVA.

D. LUIZA D'ENCOURADOS.

CAMILLA, filha de João Peres.

O PADRE VALENTIM.

O CURA DE S. THIAGO.

O REITOR.

MANOEL, criado.

ROSA, criada.

O MORGADO D'ADÃES.

O MORGADO DE BASTUÇOS.

CHANISCO.

ANDRÉ PRELADA.

THADEU CAPOTE.

UMA CRIADA.

ALDEÕES DE AMBOS OS SEXOS

A acção passa-se no Minho em 1809

ACTO I

No solar de Encourados. — Casa de jantar á moda do Minho. Grande portão ao fundo, dando para o campo. Grande mesa no meio da casa meio preparada para o jantar.

SCENA I

Manoel, Rosa, depois o Cura de S. Thiago, o Morgado de Adães, Vasco Mendes, D. Luiz e aldeões.

(Ao levantar o pano ouvem-se vivas aos fidalgos de Encourados. Manoel e Rosa estão abrindo as portas do fundo).

GRITO *(dentro)* — Vivam os fidalgos de Encourados! Viva o snr. donatario do Couto. — Viva!

ROSA *(abrindo as portas)* — Ahi vai, ahi vai, que não lhes foge o tempo! *(Os aldeões entram dando vivas).*

CURA — Que o Senhor defenda o solar do fidalgo Vasco Mendes da invasão dos jacobinos!

ROSA — Amen, snr. cura. E que nas profundas dos infernos sejam queimadas as tropas do maldito corso!

CURA — Amen, minha filha!

ALDEÕES — Viva o snr. cura de S. Thiago, vivam os fidalgos de Encourados e morram os jacobinos.

O CURA E VASCO MENDES (*entrando*) — Morram os jacobinos!

VASCO — E assim será, snr. cura, porque nem um só dos portuguezes deixará de defender familia e casa até á sua ultima gota de sangue. Não é assim?

ALDEÕES — Sim, sim!

UM — Viva o fidalgo, morram os herejes!

VASCO — Obrigado. Aceito-lhes jubiloso as felicitações, ainda mais porque são um desmentido formal, á nodoa que a intriga vil e abjecta ousou lançar na minha familia, denunciando meu irmão Silvestre como jacobino. Alegro-me, em fim porque estou certo que não é da freguezia de S. Thiago, nenhum d'aquelles que tem perseguido como fidalgo traidor, como portuguez degenerado, o nobre militar que sempre trabalhou, ainda mesmo fugitivo pelos montes da perseguição estúpida do povo desvairado, por livrar a sua terra da usurpação estrangeira.

CURA — Na familia de Encourados não ha nem poderia nunca haver traidores; houve e haverão sempre fidalgos e guerreiros portuguezes!

VASCO — Obrigado, por mim e pelo meu infeliz irmão!

CURA — E agora, fidalgo, em nome d'esta pobre gente inculta, que phrases não tem para saudar o fausto de tão jubiloso dia, recoba v. exc.^a de minha bocca e toda a sua illustre familia, as venias laudatorias pelos seus felizes annos! E que muitos e bons v. exc.^a conte em companhia da exc.^{ma} D. Luiza e mais familia, para proveito dos pobres e exemplo dos abastados. E assim, illustre

vergonhea dos Quartelas e Maceiras, que a benção de Deus desça até ao solar dos nobres fidalgos de Encourados, pela mão do cura de S. Thiago, para que defeso elle fique da invasão dos jacobinos. Amen.

VASCO — Agradeço-lh'o, snr. cura.

VOZES — Viva o fidalgo d'Encourados!

CURA — Em seu nome tambem, exc.^{mo}, peço a v. exc.^a que se digne consentir que o povo da aldeia o acompanhe em triumpho até á igreja, para assistir á missa cantada em acção laudatoria dos seus annos.

VASCO — E porque não. Bem vindos serão sempre a meu lado todos os verdadeiros patriotas. Só espero a chegada de João Peres de Villalobos...

CURA — O sargento-mór de Villar?

VASCO — Esse mesmo, a quem prezo como verdadeiro amigo, apesar da desigualdade de jerarchias. O sargento-mór de Villar é um portuguez ás direitas, bom militar e valente como poucos. Além d'estes dotes que me tornam seu amigo, é pai de Camilla, d'essa linda criança que está em minha casa e a quem estimamos como filha propria. Não quero por tanto começar a festa sem que elle esteja presente!

CURA — Póde julgar-se feliz quem merece tal consideração do nobre fidalgo de Encourados.

O MORGADO D'ADÃES — Em quanto esperamos pelo sargento dê-nos o snr. cura algumas informações sobre a posição dos francezes. Sabe algumas noticias que mereçam credito?

CURA — Algumas sei, morgado. Affirmam as noticias de hoje, que ha já tres noites que se apagaram os fachos dos pineiros de Barroso, e ha tres noites tambem que as montanhas do nordeste scintillam continuamente com fogachos que rapida-

mente succedem uns aos outros. E sabe o que isto significa?

MORGADO — Francamente não attingo.

CURA — Significa que os francezes avançam por Traz-os-Montes pelas alturas e que, a estas horas, os soldados do corso já nos pisam talvez o solo da patria.

MORGADO — Mas então os inglezes... os inglezes?

CURA — Ora, snr. morgado, os inglezes, o Silveira e o Marquez de la Romana são tudo espalhafatos que tem corrido para alentar a credula confiança do povo; mas agora, diante do perigo, reduzem-se ao que valem verdadeiramente: a fumo que enturva a atmospherá em tempo sereno, mas que se dissipa e desaparece ao mais leve sopro da nortada.

VASCO — Diz muito bem, snr. cura, são meras palavras e bravatas com que não se aniquila o exercito francez. Para o combater é preciso um exercito, mas um exercito de soldados aguerridos e disciplinados. A invasão é irremediavel. Soult pisará como conquistador a terra portugueza e chegará até onde Deus permittir que elle chegue. A unica vez que esses imbecis governadores fallaram verdade á nação foi quando francamente o confessaram. E como poderiam dizer o contrario se a consciencia lhes está continuamente a bradar que é á ineptia e á cobardia d'elles que a facilidade d'esta invasão é devida? Oh! que tempos, que tempos? Que tempos e que homens! Onde está Portugal que conquistou a India e a Africa? Em que degeneraram esses homens heroicos que eram ainda ha dous seculos a gloria e o espanto da Europa? O que são os descendentes d'elles? O que são? Vergonha e infamia! Como tudo está muda-

do. Então o patriotismo era uma religião, o amor da gloria a inspiração de todos os portuguezes. — Do rei até ao lavrador tudo era soldado. Mas hoje... Oh! diz bem meu pobre irmão Silvestre, recitando o seu amado Camões: Um fraco rei faz fraca a forte gente.

CURA — Bravo, fidalgo, muito bem!

MORGADO D'ADÃES — Parece-me, sur. Vasco Mendes, que o caso não é ainda para desesperar. Os inglezes occupam a Galliza, apoiados no exercito hespanhol que commanda o marquez de la Romana. As nossas fronteiras do Minho estão guardadas pelas tropas de Bernardim Freire; em Traz-os-Montes Silveira está á testa d'uma divisão sufficiente. Com estes meios é possível que o pequeno e, como dizem, desalentado exercito de Soult entre em Portugal a seu salvo?

VASCO — Entra e conquista-o, acrodite, morgado. Depois do dia 20 de janeiro, depois da batalha da Corunha, depois da morte de John Moore, o unico general que a Inglaterra tinha para oppôr aos generaes de Bonaparte, o exercito inglez desapareceu; Soult esmagou-o completamente. Os hespanhoes?... Pois não vê como la Romana se sente obrigado a retirar diante do general francez a ponto de vir esbarrar nas nossas fronteiras, fugindo sem vêr a cara ao inimigo? E Silveira, que commanda Silveira? Uma horda de população armada de chuços e espingardas de caça e meia duzia de soldados indisciplinados que só obedecem quando querem. Se me fallam em brios de portuguezes, respondo-lhes: Que importa o patriotismo que combate com chuços e fouces, indisciplinado e em anarchia? Aos exercitos não se resiste com população armada em arruaça, resiste-se com outros exercitos que obedecam á voz de chefes energicos

e intelligentes, e nós, francamente, nem soldados, nem generaes! Ha sete mezes que Junot sahiu de Portugal, ha sete mezes que o general Dalrymple deshonrou a Inglaterra e inutilisou com a infame capitulação de Cintra o sangue derramado na Roliça e no Vimeiro! Bonaparte tem-nos dado tempo para descanso. Em sete mezes arma-se uma nação de milhões de habitantes. E que fizeram esses imbecis governadores? Nada, nada, nada!

CURA — Apoiado, fidalgo, apoiado!

ROSA — Ahi vem o pai da menina Camilla!

MANOEL — O sargento-mór lá se apeou do cavallo.

VASCO — Ora até que a final!

CURA (*consigo*) — Em fim o que está para vir a Deus pertence! *Deus super omnia!*

SCENA II

Os mesmos e o Sargento-mór (corno preparado para grande festa; de grande uniforme).

MANOEL — Viva o sargento-mór de Villar!

GRITO — Viva!

SARGENTO — Ora seja Deus aqui! e vivam vossas senhorias por muitos annos e sobre tudo o meu grande amigo o snr. Vasco Mendes de Encourados e que por muitos annos e bons festeje este dia, e nós com elle, prasa a Deus, amen! Ora aqui estou eu são como um pêro para o acompanhar e para lhe dizer, entende? que venham para cá os francezes e jacobinos, que aqui está João Peres Villalobos para lhes dizer que viva e reviva a casa de Encourados e o snr. Vasco Mendes e a snr.^a D. Luiza e o morgadinho e o meu compadre Fernão Silvestre, e que venham para cá, que digo eu

que sim, com um milhão de diabos que assim o quero e tenho dito, entende?

LUIZA — Bem vindo seja o nosso sargento-mór!

VASCO — Como assim, amigo João Peres! E' possível que n'um dia como este fosse o senhor o ultimo a chegar?

SARGENTO — O fidalgo não me diga isso. Não foi por falta de vontade, mas é que infelizmente vim por Cabreiros, para fallar alli com o morgado a respeito d'um pôtro que eu lhe quero comprar para um amigo, entende? Mas é verdade, onde é que está a minha Camilla, que os fidalgos tem tido a bondade de aturar cá por casa!

LUIZA — Está no jardim regando as suas flores.

VASCO — Vamos até á igreja e de caminho falla a sua filha, João Peres. A caminho, meus amigos! Hein? que me diz a estes rapazes, sargento? Com esta força podemos bem defender o solar de Encourados da invasão dos francezes! (*Começam a sahir os camponezes*).

SARGENTO — Dos francezes! Que um milhão de diabos os confunda e partam todos as pernas dentro e fóra de Portugal! E digam todos amen. Elles lá andam no Minho a turrar com o general Bernardim, mas cá não põem elles os pés. Digo-lh'o eu e sei o que digo! E, se vierem, por a alma de meu pai que lhes havemos de mostrar para o que somos! Está tudo revoltado... e o povo... e eu... com a ordenança? Entrar podem entrar, agora sahir!... De Portugal não sahe nem metade d'um, por essa fico eu e tenho dito. Mas agora que se trata de igreja, nada de fallar em herejes. — Vamos lá para a missa, fidalgo. Ouviu, ó padre cura, cuidado lá com as incensadellas do thuribulo. Olhe que eu ainda me lembro do anno passado. São tres ductos

a que tem direito cá o meu fidalgo! São tres e com muito fumo, entende?

CURA (*com mau modo*) — São tres ductos. Não podem esquecer-me as praxes da cerimonia!

VASCO — Vamos que são horas.

SARGENTO — Mau, padre cura, nada de fazer cara de jacobino, entende?

CURA — Jacobino! Isso nem por graça, amigo sargento-mór! nem por graça!

SARGENTO — E tem, fidalgo, tem cara de jacobino o padre cura! Digo-lh'o eu e tenho dito, entende? Ah! ah! ah! (*Sahem todos. — Manoel e Rosa ficam arranjando a mesa. Ouvem-se tiros, musica e vivas*).

SCENA III

Manoel, Rosa e depois Camilla

ROSA — Adei Manoel? que ficaste a olhar? A demora não póde ser grande e o jantar hoje tem que se lhe diga.

MANOEL — Vamos a isto. Ah! Rosinha, que pena não estar hoje no solar o bom snr. Fernão Silvestre! Era tão nosso amigo.

ROSA — E era, Manoel! Os demonios carreguem com todas as linguas damnadas que o abocanharam de jacobino só porque elle era amigo do capitão Mariz e de Luiz Furtado! Malditos!

MANOEL — Olha, Rosinha, eu ainda penso que o snr. Silvestre appareça hoje por ahi; como é o dia dos annos do fidalgo...

ROSA — Isso sim. Não que o povo tem-lhe feito montaria como se faz a um lobo; e se o apanha fóra do escondrijo...

MANOEL — Marotos! Ah! que se eu um dia encontro algum a perseguil-o estrafego-o com dous murros que não torna mais a comer o pão de Deus! Mas aonde estará elle mettido?

ROSA — Não sei. Deve estar em lugar seguro, porque o sargento-mór de Villar é seu compadre e tão amigo d'elle... como se os dous fossem irmãos. Também não lhe faz favor nenhum em vigiar pela segurança do homem a quem deve tantos favores!

MANOEL — E' verdade, se não fosse elle a menina Camilla era para ahi uma bruta como nós somos... e assim está feita um fidalga, que falla mesmo que nem um livro! Ha quantos annos vive a Camillinha cá no solar do fidalgo?

ROSA — Ora! desde que eu me entendo! Ah!... isto foi... foi em 1793. — Ha 16 annos. O sargento-mór de Villar tinha de partir para a batalha do Roussillon e viu-se embaraçado sem saber a quem entregar a filhinha. Vai o snr. Fernão Silvestre offereceu-se-lhe para a trazer para o solar de Encourados... e o sargento-mór que tinha muita confiança no amigo, aceitou!

MANOEL — Não que elle havia de fazer-se grave.

ROSA — E vai a linda criancinha para aqui veio onde a esposa do morgado a tratou e educou como verdadeira fidalga.

MANOEL — Mas, ó Rosinha, eu ouvi dizer aos criados da lavoura que o pai agora pensa em levar a Camillinha para a sua casa de S. João d'Arcias! Será certo?

ROSA — Sim, sim; rosna-se por cá isso mesmo... A cousa está entendida. (*Como em segredo*). A Camillinha está uma linda rapariga e essas más

linguas que trataram o bom Fernão Silvestre de jacobino... pôdem também roer na honra da pobre menina, vendo que ella vive debaixo do mesmo tecto com o filho primogenito do fidalgo!

MANOEL — Ah! agora percebo! E era um bonito casamento, hein, ó Rosinha!

ROSA — Adei? Isso era bom! O filho de um fidalgo de tres incensos, com a filha d'um pobre sargento-mór! Isso podia lá ser! Não que o orgulho do fidalgo arrebetava para ahi como o batoque de vinho de Airó, que se perdeu o mez passado!

MANOEL — Ahi vem a menina Camilla.

ROSA — E' verdade!... Admira-me não ter ficado na igreja. Vá, vá, Manoel, desça lá baixo a buscar lenha que eu vou-me até á cozinha.

MANOEL — E' p'ra já; aproveitemos em quanto não chegam os francezes. (*Sahe*).

ROSA — T'arrenego... nem fallar n'isso é bom; os demonios confundam os herejes! (*Sahe*).

SCENA IV

Camilla só, depois Luiz Vasques

CAMILLA (*entrando assustada*) — Meu Deus... o que terá succedido?! Luiz não foi á igreja e agora mesmo o vi atravessar a eira pallido e transtornado! Serão más novas do inimigo... vêr-me-hei obrigada a apartar-me de ti, meu Luiz amado! Como esta idéa me inquieta! Ai, pobre coração! porque ousaste pulsar por quem não póde nunca pertencer-te? Porque o amor não conhece jerarchias que os nobres antepõem como barreira, como abysmo

onde sepultam os affectos dos plebeus! (*Olhando para a porta*). Elle!

LUIZ (*entrando sem vêr Camilla*) — Ah! infame! (*Atira o chapéo fóra e senta-se pensativo*).

CAMILLA (*a medo*) — Snr. Luiz, tem alguma cousa?

LUIZ (*levantando-se*) — Ah! estavas ahi, Camilla? Não foste á igreja?

CAMILLA (*disfarçando como póde*) — Ouvi missa de manhã... e como tinha que fazer em casa... Porém... o snr...

LUIZ — Não fui tambem. Desculpar-me-hei com meu pai. Mas pareces-me tão triste!

CAMILLA — Triste? Não... é que em quanto esperava que voltasse sentei-me alli á janella, á sombra d'aquelle frondoso carvalho, namorando os campos onde tantos dias formosissimos passámos juntos, brincando! E hoje que nos cercam tantos perigos tive saudades da nossa infancia!

LUIZ — E' verdade, Camilla! Que dias formosos eram aquelles! Que innocentes prazeres! que deliciosos folguedos! Não vale a pena ser homem. Aquelles dias não tinham cuidados, não tinham nuvens! — Tu crês em agouros, Camilla?

CAMILLA — Eu não, snr. morgado; creio só em Deus e na Virgem Nossa Senhora, que ha-de arredar de nós as desgraças de que tanto nos arreceamos.

LUIZ — Tambem eu não creio em agouros e contudo... Olha, Camilla, tenho o presentimento de que o dia de hoje ha-de ser-me fatal!

CAMILLA (*tremendo*) — Porque?

LUIZ — Porque me rompeu mal agourado; porque a primeira pessoa que vi esta manhã foi o unico homem por quem sinto desprezo e até odio. E não só o vi, Camilla, fallei-lhe, ou antes, fal-

lou-me elle e disse-me cousas que me denegriram o espirito. Conheces Braz de Paiva, esse homem a quem chamam por ahi o morgado da Barca?

CAMILLA (*á parte, tremendo*) — Meu Deus! (*Alto*). Conheço...

LUIZ — E sabes a historia d'aquelle infame para com seu irmão mais velho, que devia succeder no morgado? o desgraçado Francisco de Paiva que o povo appellida *De profundis*?

CAMILLA — Por alto a ouvi contar a meu pai.

LUIZ — Oh! infames! Se ha justiça no céu toda aquella familia deve já estar condemnada. Pai, mãe e até a esposa concorreram para tamanho crime. Escuta, Camilla, a historia de *De profundis* conta-se em dous minutos. Eu conheci *De profundis* e aquelle seu irmão mais novo ainda na escola, onde fomos companheiros. Francisco era uma criança meiga, franca e corajosa; Braz uma fera, tençoeiro, refochado, denunciante e traidor; mas, cousa incomprehensivel, os mimos de toda a familia eram para Braz; para Francisco ficavam os trabalhos, os castigos e até odios, que por fim chegaram a tocar os limites derradeiros. Aquelles paes desnaturados imaginaram o meio de inutilisar o filho mais velho, endoudecendo-o, e pozeram-no em pratica. Obrigaram-n'o primeiro a praticas religiosas; aproveitando-se ao mesmo tempo da timidez e fraqueza a qué o haviam reduzido, para lhe aterram o espirito com superstições e fabulas pavorosas. Chegada a occasião que julgaram propria, alancearam-no com o ultimo golpe, casando-o com uma mulher estúpida, leviana e caprichosa. D'este enlace houve um filho, que o pobre Francisco amou... como aquelle homem sabia amar. Um dia, a mulher, cuja estupidez a tornava cega para a origem das desgraças do marido, abandonou-o e fugiu para um

convento de Braga, acompanhada pelo infame Braz de Paiva, em prol de quem se commettiam tantos crimes! Ao passar o rio Cavado o infame cahiu ao rio... cahiu com o sobrinho nos braços, percebe, Camilla? e a pobre criancinha de seis mezes, o filho do irmão mais velho morreu afogado e o malvado salvou-se a nado! Ao saber esta noticia, o infeliz Francisco cahiu no leito nupcial, então só d'elle, e alli jazeu 30 dias! Ao levantar-se estava louco, ou, melhor, n'esse estado de espirito que pende entre a loucura e o idiotismo. Mudaram-se então as scenas: até alli, era a familia que fugia d'elle; agora fugia elle da familia. Vagueava pelos montes, entoando sempre canções funebres e os canticos dos mortos, como preces a Deus pelo seu amado filhinho; d'aqui lhe veio a alcunha de *De profundis*, em memoria do seu canto favorito. E a obra estava completa. Francisco o filho mais velho era o louco *De profundis*; Braz de Paiva, o mais novo, o infame, era o administrador da casa.

CAMILLA — Que horror, snr. Luiz. E o outro, o pobre louco, não se sabe o que é feito d'elle?

LUIZ — Desappareceu. A familia julga-o morto, porém elle vive, vive para quando a justiça de Deus ordenar que elle appareça. A primeira vez que vi o infame foi hoje e demais ousou fallar-me. E sabes o que me disse, Camilla? Quando o avistei afastei o cavallo para o lado, mas o villão atravessou o d'elle diante do meu e disse-me, comprimendo com aprimorada cortezia: «Snr. Luiz Vasques, tencionava procural-o, porém como tenho a felicidade de encontral-o aqui, tomo a liberdade de dirigir-lhe esta pergunta: V. s.^a tem algumas tenções a respeito da filha do sargento-mór de Villar?» Ao ouvir estas palavras senti vontade de lhe cruzar a cara com este chicote. « Com que direito

se arroga o senhor para me fazer essa pergunta?» respondi eu. «Perdão, esta pergunta representa, julgo, uma prova de consideração por v. s.^a Eu me explico, continuou elle. Gosto d'aquella menina, e convem-me aquelle casamento. Tenho-me apresentado como pretendente umas poucas de vezes, e outras tantas tenho sido repellido. Ora, eu, snr. Luiz Vasques, persuado-me que nem a minha familia, nem a minha casa estão no caso de serem menosprezadas pela filha d'um sargento-mór de Villar, porque, como v. s.^a sabe, a minha nobreza data de meu bisavô que foi nobilitado por el-rei D. João v, e a minha...» Eu estava fóra de mim! «Snr. Braz de Paiva, exclamei eu, interrompendo-o, poupe-me á historia da sua fidalguia villã. Em quanto á repugnancia de Camilla, se por ventura tem sido repellido por ella, procure as razões na infamia do procedimento com que roubou seu desgraçado irmão!» Com isto voltei-lhe as costas, porque se o não fizesse, matava-o! Se chegasse a acreditar que elle tinha ousado... Oh! matava-o por Deus!

CAMILLA (*tremendo e angustiosa*) — Oh! Eu nada sei d'aquelle homem, snr. Luiz!

LUIZ — Sim, acredito-te, Camilla, o perverso mentiu, como mente em todas as cousas, como mente á propria mesa da communhão! Mas aquella mentira, minha Camilla, foi um grito profundo d'alarme que me despertou, advertindo-me de que (é preciso que nos definamos um para com o outro. *Tomando uma das mãos de Camilla*). Nunca te lembreste, Camilla, de consultar o coração a meu respeito? Nunca lhe perguntaste o que elle sentia por mim? Olha, minha Camilla adorada, é preciso que d'aqui por diante nos conheçamos bem um ao outro. Até hoje não nos temos considerado mais do

que irmãos; porém a nossa infancia acabou e talvez que ella durasse mais do que devia durar! Eu amo-te, amo-te, Camilla, não como irmã, mas como a escolhida pelo meu coração para companheira da minha peregrinação n'este mundo. Amo-te, mas se o teu coração não sentir por mim mais do que sente uma irmã, resignar-me-hei, porque nunca tentarei chegar á felicidade, passando por cima d'um sacrificio que te seja penoso! Responde, pois, (*D. Luiza apparece á porta*) o amor que me tens reduz-se apenas á casta affeição fraternal, ou vai mais longe, toca o céo de mais perto... é o amor d' amante, o amor d'esposa?

CAMILLA (*enlaçando Luiz com os braços e chorando de felicidade*) — Oh! como eu sou feliz agora! Eu amo-te, amo-te, meu Luiz adorado!

SCENA V

Os mesmos e D. Luiza

LUIZA — E Deus abençoará a vossa união...

CAMILLA (*dando um pequeno grito e cobrindo o rosto com as mãos*) — Ah!

LUIZA — E ella fará a felicidade da minha velhice.

LUIZ (*beijando as mãos de Luiza*) — Oh! minha santa mãe! (*Camilla esconde o rosto no seio de D. Luiza e chora em soluços*).

LUIZA — Ouvi tudo, meus filhos, e approvo e abenção o vosso casto amor. Este casamento seria a corôa da minha felicidade. Que eu o veja e depois o Senhor me leve para si, quando fôr do seu agrado. Mas para que elle se realise é preciso prudencia, Luiz, é preciso resignação, Camilla. Cumpre não dissimular a verdade, filhos. O vosso amor

que é santo e agradavel aos olhos de Deus, que é abençoado pelas lagrimas da alegria de tua mãe, Luiz, é impossivel aos olhos do mundo. Tu, Luiz, és herdeiro e representante d'uma familia illustrissima, cuja fidalguia data de muitos seculos; e tu, Camilla, és filha d'um simples lavrador que só tem uma patente de capitão do exercito, uns poucos de mil cruzados e um officio subalterno n'um conto de frades. Aos olhos do teu amor, Luiz, tudo isto é nada; aos olhos da tua innocencia e da tua santa affeição, minha filha, nunca taes visões se antolham, não é assim? Comtudo o mundo está entre vós e separa-vos por motivos que vós nem mesmo sonhaes.

CAMILLA — Oh! é verdade, minha mãe! Tambem eu não quero ser feliz, calcando aos pés a tua dignidade, meu Luiz.

LUIZ — Oh! cala-te, louquinha! Que me importa a mim a condemnação do mundo, se Deus abençoará o nosso amor!

LUIZA — Quererás tu ser mau filho, Luiz Vasques? Quererás que teu pai morra amaldiçoando-te? Teu pai é bom, mas pensa como o mundo. Mas não desanimeis, prometto-vos que sereis um do outro, e que não vos faltará a benção de vossos paes. Para isso cumpre que se entreguem ambos á minha direcção. Promettes-me, Luiz, que occultarás a teu pai o teu amor por Camilla até ao dia em que eu mandar que lh'o descubras?

LUIZ — Oh! minha mãe, entrego-lhe a minha felicidade.

LUIZA (*a Camilla*) — De ti, minha filha, nada receio, porque sei de quanto as mulheres são capazes quando sabem amar como tu. Haveis de ser felizes. (*De profundis abre de mansinho a porta e a estas palavras dá uma gargalhada de louco*).

DE PROFUNDIS — Felizes! Ah! ah! ah!

LUIZ (*sobresaltado*) — Ah! quem está ahí? (*De profundis entra. Vem em mangas de camisa, collarinho desapertado, collete esfarrapado. Cobre as pernas até ao joelho com uns calções velhos e também rôtos; d'ahi para baixo as pernas nías, os pés mettidos n'um sapatos esburacados. Vem em cabelo*).

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi, ad te Domine!* (*Olha todos desconfiado e tira do seio um papel escripto que estende a Luiz*).

LUIZ — Tu aqui, *De profundis*? Foi elle que te mandou?

DE PROFUNDIS — *Requiem eternum dona eis Domine!*

LUIZ (*recebendo o escripto*) — Perdão, minha mãe, é um recado importante que me traz Francisco. (*Lendo á parte*). « Sobrinho, chegou em fim o momento em que todo o portuguez que cruzar os braços, e preferir a ociosidade e descanso a armar-se em favor da patria, é um cobarde e um traidor. E' preciso que hoje mesmo partas para Braga, para avisar o general Bernardim Freire que vão immediatamente para o Porto, porque o Minho, mais tarde ou mais cedo, está perdido. Do alto das serranias do Gerez adivinho o movimento do inimigo. Apagaram-se os fachos de Barroso. E' por muito distante das margens do Minho que os francezes pretendem invadir Portugal. Simulam ataques por este lado, para poderem entrar sem perda de gente. Em todo o caso quer por um, quer por outro lado, o seu primeiro fito é conquistar o Porto. Depois, refocilladas as forças, ser-lhes-ha facil a conquista de Lisboa. E', pois, diante dos reductos do Porto que a invasão deve sentir a verdadeira resistencia. Vem fallar-me e melhor saberás o meu plano. Sobe dentro de meia hora á ser-

ra do Gerez e procura-me no interior das ruínas da ermida de Joannes. Teu tio, *Fernão Silvestre*.» Muito bem, *De profundis*, agora podes partir. Dize-lhe que não faltarei. D'aqui a meia hora lá estou.

DE PROFUNDIS (*sem responder, olha todos espantado, e solta uma gargalhada*) — Ah! ah! ah! Aguenta, Choupêlo! Canté... isso queres ser feliz! Bumba! Ouvi tudo... tudo... tudo... Feliz?! a ventura n'este mundo não é senão para os marotos, e tu não és maroto, Luiz Vasques! A ventura! *Requiem eternum dona eis Domine!*

CAMILLA — Que desgraça é a loucura, minha mãe!

DE PROFUNDIS (*vindo ao pé de Camilla, fitando-a com olhos espantados e fazendo-lhe depois medidas profundissimas*) — Minha senhora... minha senhora... Adei, como é guapa! Minha senhora... muitos parabens... muitos parabens... muitos parabens. Desejo-lhe muitos annos e bons e muita felicidade! Felicidade?... (*Estaca repentinamente*). *De profundis clamavi... Requiem eternum... requiem eternum! (Sahe)*.

LUIZ — Eil-o ahí vai, Camilla, ahí tens o desgraçado victima do infame Braz de Paiva. Agora, preciso deixal-as, minha mãe. Eu bem te disse que o dia me tinha principiado mal, Camilla. Vês tu? Hoje que eu devia pertencer todo á minha familia, é que me vejo obrigado a partir e talvez por todo o dia. Desculpe-me para com meu pai, minha querida mãe. Elle ha-de agoniar-se, mas em fim, que lhe hei-de fazer? A honra manda-me que parta.

LUIZA — E aonde vaes tu, filho?

CAMILLA (*tremendo*) — Oh! não o deixe partir, não o deixe partir, minha boa mãe.

LUIZA — Tu não sahes d'aqui, filho, tu não sahes d'aqui.

LUIZ — E' impossivel deixar de o fazer. Afianço-lhe que não me ameaça perigo de qualidade alguma.

LUIZA — Mas aquelle homem funesto, aquelle homem agourento?

LUIZ — O pobre Francisco! Soceguem, vamos, e não imaginem nuncio de mau agouro o meu pobre *De profundis*. Aquella desgraça é muito respeitavel; recebe-se com lagrimas e não com prejuizos que ainda a fazem magoar mais. (*Fugindo como a brincar depois de ter beijado a mão da mãe e a fronte de Camilla*). Não tenham medo... Adeus, até logo, até logo. (*Sahe*).

CAMILLA (*deixando cahir a cabeça no peito de D. Luiza*) — Oh! Luiz vai morrer! vai morrer, minha mãe!

LUIZA (*com terror*) — O que dizes tu, filha?

CAMILLA — Oh! minha mãe, eu não quiz dizer a Luiz que era verdade o que elle ha pouco me perguntou a respeito de Braz de Paiva, que esta manhã se dirigiu a Luiz com perguntas a meu respeito. E é verdade tudo o que elle disse. Tem-se dirigido a mim por diferentes vezes, por escripto sempre, e sempre a ameaçar-me com a morte de meu pai, com a morte de Luiz, e com vinganças que ha-de tirar se eu não quizer casar com elle! Oh! Luiz vai morrer, Luiz vai ser victima do odio d'aquelle homem!

LUIZA (*rapidamente*) — Meu Deus! (*Serena e com magestade beijando Camilla*). Louquinha! E o caso é que tambem me pozeste medo! Receias por Luiz. Meu filho é muito fidalgo para que um vilão se atreva a levantar os olhos para elle. A casa de Encourados nunca produziu cobardes. Depois

não ouviste que nos deu palavra de honra de que não ia correr perigo algum? O nosso Luiz nunca mentiu. Vamos, socega, (*ouvem-se vivas*) serena o teu espirito, que ahí voltam da igreja. Vem até ao meu quarto... e disfarça as lágrimas, que tens d'ir á mesa do jantar. (*Sahem. Grande barulho fóra. Entrada de Manoel e Rosa*).

ROSA — Voltam da igreja. O' Manoel, tira o leitão do lume.

MANOEL — Espera, deixa-me vêr o rancho! Aguenta! que função tão guapa! Olha o padre Valentim, o morgado de S. Julião, o morgado de Cabreiros, o sacristão! Aguenta, Choupêlo! Isto é que é festa! (*Sahe correndo*).

SCENA VI

O Sargento-mór, Vasco Mendes, o Morgado d'Adães, o Padre cura, o Padre Valentim, o Morgado de Cabreiros, o de Bastuços, o de S. Julião, Rosa e aldeões ás portas.

SARGENTO-MÓR (*agitando o chapéo*) — Viva Encourados e morram os francezes! Cá estão todos os meus amigos, fidalgo, e cá está o sargento-mór de Villar, para mostrar aos francezes quem nós somos, entende?

VASCO — Cá não entram elles, amigo sargento-mór, porque o paço de Encourados será uma gaiola de leões! Rosa, leva esses rapazes até á adega e dá-lhes vinho d'Airó.

SARGENTO — Vá, que é d'abrir o olho! Tocou ao rancho cá no quartel do fidalgo. Diziam os nossos antigos: Vinho d'Airó bebe-o tu só. E o snr. de Encourados dá o dito por não dito, em attenção á valentia da sua tropa! Em apparecendo os

jacobinos é metter em linha, com um milhão de diabos, ou cá está a alabarda do sargento-mór para zurzir o costado d'aquelle que der um passo á retaguarda, e é que o faço porque o tenho dito, entendem?

ROSA — Vamos, rapazes, dêem volta pelo portal da horta.

GRITO — Viva o snr. de Encourados, viva o sargento-mór de Villar! (*Vão retirando. Rosa fecha as portas do fundo*).

SARGENTO — Boa gente, com todos os diabos! O que lhes falta é a pratica da mochila, que bom costado teem elles, entende?

VASCO — Vão tomando lugares á mesa. Tome essa cabeceira, sargento-mór, á direita fica sua filha. Aqui eu e minha mulher. Venha para aqui, padre Valentim, snrs. morgados, tomem estes lugares.

SARGENTO — E' verdade, onde está o Luizinho?

VASCO — Não veio ainda da igreja?

SARGENTO — Da igreja? Isso era bom que elle lá tivesse ido, entende?

VASCO (*agastado*) — Se não foi, certamente algum negocio importante... Manoel, onde está o snr. Luiz Vasques?

MANOEL — Sahiu agora mesmo com o seu escudeiro em direcção á serra.

VASCO — Bem; já sei onde foi. (*A' parte*). Repararam que meu filho não foi á igreja... Camilla tambem não appareceu... São certas as minhas desconfianças. Hoje mesmo prevenirei o pai para o desenganar completamente, se por acaso tambem ousou nutrir algumas esperanças. (*Alto*). Rosa, põe o jantar. Estejam á sua vontade, meus senhores. Vou buscar D. Luiza. (*Sahe*).

SARGENTO (*que tem bebido*) — Bom vinho! famoso, famosissimo! E havíamos d'entregal-o aos francezes assim sem mais tir-te nem guar-te? Isso, lá, fóra herejes! Jacobinos! Não, pelo inferno. Que venham para cá, que não sahe nem um, entende snr. conego? E tenho dito.

CURA — O essencial é que elles não venham.

SARGENTO — E que venham, com um milhão de diabos! Aqui os esperamos a pé firme. Aqui hão-de vêr que é mais facil entrar do que sahir, por essa fico eu e tenho dito, entende?

MORGADO D'ADÃES — Isso é que é fallar, amigo João Peres: assim é que gosto dos homens. O que eu quero é que elles caiam na asneira de vir. Não me temo d'elles como o snr. padre cura, que pelos modos cheira-me a jacobino!

CURA — Oh! snr. morgado! jacobino eu!

MORGADO — Jacobino, sim, sim. Quem tem medo dos francezes é jacobino. Um portuguez é para vinte francezes. Eu cá sou pelo que diz o sargento-mór. A ordenança d'un lado... e povo do outro. Quem diabo ha-de cá vir! Eu cá já tenho prompto o meu cavallo para o que dér e vier. Pena tenho de me ter morrido o meu baio de laparões. Optimo bicho!... Lembra-se d'elle, snr. João Peres? Que me diz a isto?

SARGENTO — Ora adeus! Eu cá sou da infantaria! Digo que para comer basta a egua! Eu cá tenho lá uma espada que já serviu em Belver e Puyg-Cerdá, entende? Em quanto ao baio tenho pena que morresse por causa d'aquellas 12 moedas que v. s.^a me pediu.

MORGADO DE S. JULIÃO — Mas, primo, ouvi dizer que o Soult já está em Traz-os-Montes. Sabes alguma cousa?

MORGADO D'ADÃES — Não sei d'isso; o que sei

é que o meu cavallo é um optimo bicho, e que ha-de servir. Aquillo é uma estampa. E' para vêr como elle soffre o castigo. Nem todos o montam. E' o animal mais perfeito dos arredores.

MORGADO DE CABREIROS — Isso lá peço perdão, primo. Se queres vêr um cavallo vai vêr o meu Turco. E alli o sargento-mór que o diga. E' pai d'aquelle potro...

SARGENTO — Sim, senhor, d'aquelle potro. E v. s.^a quer dezoito moedas por elle, mas sobre isso ainda temos que dizer duas palavrinhas. Dezoito moedas, entende? custou a v. s.^a o seu Turco na feira de Famalicão... e não me diga que não, que fui eu por signal que lh'as emprestei. Ora, vender o filho pequeno pelo mesmo preço do pai grande não me cheira, entende?

CURA — Ahi veem os fidalgos.

SCENA VII

Os mesmos, D. Luiza, Vasco e Carnilla,
Rosa e Manoel, servindo a mesa

(Momento de silencio. Todos tomam os seus lugares, ficam um momento de pé, como rezando intimamente. O padre cura abençôa a comida, depois Vasco Mendes e depois todos se sentam, fazendo grande barulho).

LUIZA — Digo-lhes, meus senhores, que pela minha presença não deixem de proseguir livremente na sua conversação.

SARGENTO — Isso sim, cá está o vinho d'Airó para fazer fallar o padre cura e a minha Camillinha para inspiração da bossa oratoria do sargento-

mór de Villar ! Que dizes a isto ? Fallei bem, fidalgo ! Fallei bem e tenho dito !

MORGADO D'ADÃES — Fallavamos sobre os francezes.

MORGADO DE S. JULIÃO — O que lhes digo é que se fosse n'outros tempos... Ah ! no tempo dos meus antepassados é que os francezes não se atreviam a pôr cá os pés !

SARGENTO — Com um milhão de diabos ! Que falta nos fazem cá os seus antepassados ? Deixe lá dormir os homens debaixo da terra que já teem os ossos comidos. Hoje tambem ha homens ! Por mim o digo, que se os francezes passarem o Minho... passem por onde quizerem, que os leve o diabo, que á fé de João Peres que ainda vivem os homens de Belver e Puyg-Cerdá. Entende ? Que venham para cá e tenho dito !

VALENTIM — Sou d'essa opinião. E' melhor que não venham.

MORGADO D'ADÃES — Qual melhor ! O conego Valentim é jacobino !

VALENTIM — Jacobino ? eu !

SARGENTO — Isso não, snr. morgado, jacobino isso não, por alma de meu pai ! Medroso... Irra ! isso, sim, senhor, com um milheiro de... entende ?

MORGADO D'ADÃES (*levantando-se*) — Digo e re-digo. O conego é jacobino e não é vossê, snr. sargento-mór que se atreve a desdizer-me !

SARGENTO (*levantando-se*) — Eu desdigo-o a si e a cem mil, com um milhão de diabos ! Chamo-me João Peres de Villalobos, sargento-mór de Villar. Se quer alguma cousa é sahir a caminho, entende ? E tenho dito !

D. LUIZA — Então, primo !

CAMILLA — Meu pai !

VASCO — Então que é isto, senhores! Lembrem-se que estão no solar de Encourados!

SARGENTO — Isto é, fidalgo... com um milheiro... entende! Toma lá presunto, Camilla!

MORGADO DE S. JULIÃO — O' conego Valentim, vossemecê que é tão lido póde dizer-nos alguma cousa ácerca d'aquellas ruínas que se vêem no alto da serra. O povo tem-nas na conta de restos de morada d'um santo. E parece que Deus approva esta idéa popular, porque quanto mais para o alto, mais chegado á ermida, tudo do melhor: as frutas, as aguas. Em que dia se festeja o santo que alli viveu e morreu?

VALENTIM (*sorrindo com superioridade*) — O homem de Deus que alli viveu, snr. morgado, ainda não está no calendario, porque ainda não foi canonisado.

MORGADO D'ADÃES — Pois devia-o ser quem fez com que haja tal vinho.

MORGADO DE S. JULIÃO — Silencio, primo.

SARGENTO — Qual silencio, nem qual diabo! E' canonisal-o; é como elle diz e está dito, que lh'o digo eu, entende?

VASCO — Psciu! deixem ouvir.

VALENTIM — A historia falla-nos pouco d'aquelle homem, mas a tradição local descreve-o com traços mais amplos. Quem era Joannes, o pobre? A historia só nos diz que pertenceu á familia dos condes de Urgel. Creio que se chamava João Ponce de Cabreira, da familia dos Cabreiras, ramo segundo d'aquella casa, que disputou á filha do rei Martinho o condado de Urgel por ter representantes varões e no condado não poderem succeder fêmeas. Os Ponces de Cabreira foram infelizes na contenda e tiveram de fugir á perseguição de Fer-

nando i. João veio para Portugal e fez-se eremita. Diz a historia que a snr.^a D. Philippa, esposa de D. João i e D. Affonso i, duque de Bragança e filho d'aquelle excellente monarcha, o mandaram consultar como santo. Por fim morreu aqui santamente e os frades de Villar vieram buscar o cadaver e como bemdito o levaram para o convento, na igreja do qual o enterraram. A tradição acrescenta que a todos estes soffrimentos que lhes acabou de contar, juntou o pobre Joanne outros mais fortes porque tocam de perto o coração do homem.

VASCO — E que motivos foram esses que pesaram mais no animo do illustre cavalleiro do que a perda da patria e o vêr-se despojado dos bens que lhe pertenciam?

VALENTIM — Quando el-rei Martinho morreu e que D. João se empenhou na guerra da successão do condado de Urgel, já elle se achava casado com una dama tão leviana e volteira, que não só atraçou a honra do marido como vendeu ao inimigo o segredo que perdeu a causa dos Ponces de Cabreira. E' este o motivo. A' idéa de vingança, succedeu a melancolia e descoroçoamento, que se segue após a convicção das cousas do mundo. Voltou-se para Deus que é a suprema verdade e a suprema virtude. Eis o que diz a historia, bem pouco como vêem, porque diante d'ella, Joanne, o pobre, continua a ser um enigma.

MORGADO D'ADÃES (*que tem bebido muito vinho*) — Forte pateta era o tal Joanne! Commigo fôra o feito, que não era para o filho de meu pai o vir prantear como villão agoutado o desavergonhamento da consorte. A ser commigo, ai da traidora! Torcia-lhe o pescoço. Assim se devem haver os fidalgos verdadeiros e mau mez para ser santo.

SARGENTO — Santo em todo o caso, e renego

de quem disser o contrario, que logo deve ser tomado como hereje e jacobino! Santo em todo o caso, mas estava ali um bom cerquinho, era pegarlhe ás mãos ambas e desancar á bilhardona até gritar por Deus, amen!

MORGADO D'ADÃES — Digo e sustento que é melhor ser cavalleiro do que santo.

SARGENTO — Digo e redigo, entende? que quem não quer ser santo é jacobino e hereje!

MORGADO D'ADÃES (*levantando-se*) — Insulta-me, snr. sargento-mór! (*O sargento levanta-se*).

CAMILLA — Meu pai... meu pai...

SARGENTO — Com um milheiro de... Toma lá esta maçã, Camilla!

MANOEL — Está prompto o café.

VASCO — Passemos á outra sala.

SARGENTO — E' verdade... vamos ao café, Camilla. (*Todos se levantam e começam a sair*).

VASCO — Preciso fallar-lhe em particular, amigo João Peres. Peça-lhe que se demore aqui.

SARGENTO (*á parte*) — Demonio! E' naturalmente algum pedido de dinheiro e eu estou inteiramente desprevenido... Deixar de servir o irmão do meu querido compadre Fernão Silvestre... mas na presente occasião...

VASCO (*sentando-se*) — Eu, snr. João Peres de Villalobos, sou o representante d'uma familia antiquissima, cuja fidalguia se perde através dos seculos. E' uma das mais antigas de Portugal...

SARGENTO — Valha-me Deus! Eu sinto muito, meu bom amigo, snr. Vasco Mendes... mas...

VASCO — Eu é que sinto, snr. João Peres, eu é que sinto que vossemecê não possua igual nobreza como é merecedor. Mas para que desculpe o meu procedimento, o qual é filho dos deveres que a mi-

nha fidalguia me impõe, quero que saiba a minha grande nobreza.

SARGENTO — Oh! meu grande amigo, eu sei-o muito bem, mas é que na presente occasião...

VASCO — Na presente occasião é que é preciso mais do que nunca que vossemecê a conheça. Não quero que me tenha na conta de ingrato á sua provadissima amizade.

SARGENTO — Oh! meu bom amigo, eu sei muito bem... eu sei muito bem! Valha-me Deus! Mas em fim eu verei... eu cá darei as minhas voltas e tudo se ha-de arranjar... tudo se ha-de arranjar, entende?

VASCO (*sorrindo tristemente*) — Arranjar! arranjar! Infelizmente é impossivel arranjar-se nada; e para que vossemecê o reconheça e me dê razão é que desejo que saiba a fidalguia da minha linhagem. O snr. D. Sueiro Mendes d'Encourados, meu illustre ascendente, existiu ha mais de seis seculos e foi casado com D. Urraca Gil, filha de D. Gonçalo d'Airó. Depois d'elle é que meu irmão principiou a usar o nome d'Encourados que hoje tem.

SARGENTO — Mas não é preciso, tudo se ha-de arranjar, eu lhe prometto...

VASCO — E' preciso, é, snr. João Peres. A snr.^a D. Urraca Mendes, esposa de D. Sueiro Mendes d'Encourados... era filha de D. Urraca Gil e neta de Lourenço Maccira e Maria Fernandes Acha.

SARGENTO — Mas para o caso presente não é preciso estar citando todos os parentes. Se eu já lhe disse que tudo se arranja, antes que eu dê uma volta no inferno.

VASCO — Escute. A snr.^a D. Maria Fernandes era filha de D. Fernão Ramires e neta de D. Ra-

miro Quartella, o progenitor da illustrissima familia dos Quartellas.

SARGENTO — Mas, por alma de meu pai, snr. Vasco Mendes, não me porá v. s.^a tudo em pratos limpos!

VASCO — Attenda, attenda... A snr.^a D. Christina Soares, mãe de D. Maria Fernandes Acha, era filha de D. Sueiro Moura e da snr.^a D. Urraca Mendes de Bragança. Attenda a esta filiação e veja que até aqui entronco já com os Airós, com os Quartellas, com os Maceiras e com os Braganças.

SARGENTO — Por vida minha, fidalgo, afigura-se que tenho estado enganado, entende? V. s.^a quer dizer-me alguma cousa?...

VASCO — Tenha paciencia por mais um pouco. De D. Sueiro Mendes d'Encourados foi filho D. Fernão Silvestre d'Encourados, de quem meu irmão tem a honra de usar o nome, o qual foi casado com D. Urraca Sanches Gomes, filha de Gomes Ramires e da snr.^a D. Goutinha Nunes, D. Ramiro Gomes...

SARGENTO (*fulto de paciencia*) — Com um milhão de diabos! V. S.^a não me dirá porque está ha mais de meia hora a alardear a sua prosapia, snr. Vasco Mendes?

VASCO — Pois vossemecê não percebe?

SARGENTO — Nem palavra, por alma de meu pai, nem palavra, e se não m'o diz endoudeço, entende?

VASCO — E' para lhe fazer vêr que não posso consentir no casamento de meu filho com sua filha.

SARGENTO (*levantando-se*) — Hein?... Casamento?

VASCO — E' preciso não disfarçarmos, snr. João Peres. Eu já o tinha desconfiado e minha mulher

acabou de confirmal-o. A sua Camilla tem ousado levantar os olhos para o illustre morgado d'Encourados, e Luiz, esquecendo o que deve á nobreza do seu sangue, anima este procedimento. Ainda esta manhã... Eu sei tudo... e o senhor tambem; porém, bem vê, não posso dar o meu consentimento!

SARGENTO (*no auge do espanto e raiva*) — Eu sei tudo? Ah! que se não fôra irmão de Fernão Silvestre... Com um milhão de diabos! Pois eu já lhe disse que queria que minha filha casasse com seu filho! Pois suppõe que lhe invejo nem por pensamentos os taes Macciras e Quartellas que o diabo confunda e a si com elles?

VASCO — Snr. João Peres! Lembre-se...

SARGENTO — E' como lhe digo. Minha filha para casar, entende? não precisa de seu filho; guarde a sua fidalguia para quem lh'a invejar e acredite que o sargento-mór de Villar tem mais honra em vêr sua filha casada com um honrado lavrador, do que com o fidalgo mais fidalgo de Portugal. Villão nasci, villões foram meus paes e honrados villões morreram tambem. Quero acabar como elles, quero que minha filha viva e morra no credo dos seus avós sem se lembrar sequer da vergonha de se aliar com aquelles que vivem na ociosidade perdulariando o suor do pobre povo.

VASCO — Senhor, lembre-se de que está em minha casa!

SARGENTO — Lembro-me de que estou fallando com o irmão de Fernão Silvestre, senão fallaria d'outro modo, em sua casa ou fóra d'ella, onde quizesse, entende? Diz muito bem, snr. Vasco Mendes d'Encourados, minha filha seria uma nodoa na sua familia, mas creia, entende? creia que para eu dar licença que minha filha casasse com seu filho, era preciso que me gritassem bem aos

ouvidos, que elle é sobrinho do meu compadre Fernão Silvestre. E' rapaz honrado, não posso negal-o que não chega ahi a minha villania, mas é seu filho e tanto basta. Com mil demonios! Pois eu pensei alguma vez em tal, pois suppõe que sequer tal idéa me passou na cabeça! Nunca, nunca, entende? Agora, nem que vossemecê m'o pedisse de joelhos! (*Com ironia*). Ah! o nobre fidalgo que se peja que o filho pretenda a filha d'um villão e que não se envergonha de vir de chapéo na mão pedir ao villão a esmola de lhe emprestar dinheiro! Pois se isto é fidalguia, entende? guarde-a, guarde-a, snr. fidalgo, que não ha-de desejar-lh'a quem tiver honra e vergonha!

VASCO — Snr. João Peres, apesar de tudo que é passado não poderei deixar de ser seu amigo. Desculpo-o á custa da paixão que o cega. Em quanto ao meu consentimento, não posso dal-o.

SARGENTO — Com um milhão de diabos, pois eu peço-lh'o, pois eu quero-o, pois eu consinto? Nunca! Seria mais facil matal-a do que dar minha filha a um filho seu, entende? Eu vou-me embora, tenho medo de sujar a sola das botas na lama dos seus tapetes. Adeus, snr. fidalgo. Vou buscar Camilla. Quando me encontrar na rua não me salve, nem sequer me salve! Olá, snr. fidalgo, mande pagar-me o que me deve senão mando-o citar, entende? (*Sahindo*). Camilla, Camilla!

VASCO — Que vergonha! (*Sahe. Continuam a ouvir-se os gritos do sargento*).

SCENA ULTIMA

Os Morgados, D. Luiza, Camilla, o Padre Valentim, o Padre cura, depois o sargento. (Alguns entram com chavenas de café na mão).

SARGENTO (*dentro*) — Camilla? Camilla?

MORGADOS — O que é isto?

D. LUIZA — Que gritos são estes?

PADRE CURA — E' o sargento que corre como um louco, procurando a snr.^a D. Camilla.

CAMILLA — Ah! minha mãe, adivinho uma desgraça! Meu pai... meu pai?

SARGENTO (*entrando*) — Minha filha?... Ah! (*Segurando-a por um braço*). Vamos Camilla, saiamos d'esta casa, com um milheiro de diabos. Nunca tu cá tiveras entrado, ou então que uma bala me tivesse lambido lá pelas guerras! Anda, anda! Vamos!

CAMILLA (*chorando*) — Adeus, adeus, minha mãe.

LUIZA (*fazendo parar Camilla*) — Mas que é isto, snr. João Peres?

SARGENTO — Deixe-a... deixe-me, snr.^a D. Luiza! Olhe que suja o seu vestido no chiqueiro da nossa villania!

CAMILLA — Pai, pai!

D. LUIZA — Por Deus, snr. João Peres, socogue! não vê que martyriza sua filha!

SARGENTO — Seu marido acha-me villão de mais, para elle... só para lhe emprestar dinheiro é que não!

MORGADO D'ADÃES — O snr. sargento-mór pratica um escandalo.

SARGENTO — Tem razão, senhores fidalgos, eu saio já, e sem pena de cá não voltar. Agora aviso-os que dentro de oito dias mandem pagar-me o que me devem ou faço-lhes uma penhora, entendem?

LUIZ — O que é isto?

CAMILLA (*n'um grito espontaneo*) — Ah! Luiz... adeus!

SARGENTO — Cala-te, desgraçada!

LUIZ — O que aconteceu, snr. João Peres?

SARGENTO — Deixe-me, com todos os diabos!... O que aconteceu é que não torne a pôr os pés em minha casa, entende? Porque eu sou um villão e porque o snr. Luiz e seu pai descendem dos Quartellas e Maceiras! Agora diga a seu pai que não suje os seus pergaminhos, conservando na algibeira dinheiro ganho pelo suor d'um plebeu!... Para traz, snrs. fidalgos, deixem passar os villões! (*Sahe, levando Camilla quasi de rastos*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O theatro representa o lugar de S. João d'Arcias. Á direita a casa do sargento-mór, vista do lado detraz. Especie de chalet suisso coberto de telhado que se estende para o lado de fóra. Para este sóbe-se por uma escada de pedra. Da esquerda o mosteiro de Villar. Fundo verdejante pela vegetação de frondosos carvalhos.

SCENA I

O Trinta e tres, Thadeu Capote, André, povo, depois o Sargento-mór

(Ao levantar-se o pano grande agitação de povo que atravessa a scena, fugindo á invasão dos francezes. Uns trazem trouxas de roupa, outros crianças, mobilia, etc. etc. Vai-vem pittoresco e desordenado. Os sinos tocam a rebate. E' noite).

TRINTA E TRES — Eil-os connosco! Não me apanharam desprevenido, com um milhão de balas! Já os esperava! O' Thadeu, aonde é que elles veem já?

THADEU — Acaba de chegar um homem de Adãos, que os viu no Carvalho d'Este.

TRINTA E TRES — Com mil demonios! *(Corre a*

bater á porta do quarto do sargento-mór sobre a varanda da D.) — Abra, abra, sargento-mór.

SARGENTO (*apparecendo á varanda*) — Que é isto? Que mariolada é esta?

GRITO GERAL — Os francezes, os francezes!

SARGENTO — Quem mandou tocar o sino da ordenança, Trinta e tres? Vossês as pagarão, entendem?

TRINTA E TRES — Ande d'ahi, com um milhão de diabos! Ande d'ahi, que chegaram os francezes!

SARGENTO — Os francezes?!

TRINTA E TRES — O reitor mandou tocar o sino da ordenança. Os frades estão a armar-se; vai tudo n'um cortado no convento. O reitor já perguntou por vossemecê.

SARGENTO — Ah! herejes! A elles, rapazes! Morram os jacobinos!

GRITO — Morram os jacobinos! (*O sargento entra dentro de casa e torna a sahir armado com a espada. Continua o movimento do povo — de voz em grita — homens e mulheres apavoradas, fugindo com crianças ao collo, etc. Scena muda. Harmonia na orchestra*).

SCENA II

Os mesmos, o Reitor e frades armados de espadas e pistolas e cada um com a sua espingarda ao hombro.

REITOR — Sargento-mór, faça reunir a tropa.

SARGENTO — Ordenança, sentido! Chega á fôrma! — Ah! brutos, não ouvem? Cheguem mais atraz, selvagens! (*A ordenança começa a formar á custa de encontrões e murros do sargento-mór*) — O' Zé da Cancellá, põe essa perna unida á outra, alma

de cantaro! O' Thadeu Capote dá ahi um cacha-
ção n'esse bruto que tens á esquerda. Isso, homem!
Mais de riço, entendes? Metter em linha lá os da
direita. Ai que eu arrebento, ladrões dos meus pec-
cados. Zé do Nuno, põe essa espingarda ao hombro,
ladrão! Olha que te parto, entendes? Assim. Um,
dous... Sentido! um passo em frente! Ai que alar-
ves estes! Lá se vai a fôrma com seiscentos diabos.

GRITO — Morram os jacobinos! vamos aos fran-
cezes!

SARGENTO — Se me sahem da fôrma vai tudo
com seiscentos diabos. Sentido! Vai proceder-se á
chamada. (*Tira da farda o registro da ordenança
do Couto*). Zé do Rio?

UM ALDEÃO — Prompto.

SARGENTO — Thadeu Capote?

THADEU — Prompto.

SARGENTO — Manoel sapateiro?

THADEU — Tem a mulher de cama, não pôde
vir.

SARGENTO — Ladrão, madraceiro! Antonio da
Prêsa?

UM — Prompto.

SARGENTO — Thomé Alves?

THADEU — Fugiu-lhe a bacora, anda atraz d'el-
la por Cabreiros.

SARGENTO — Ah! bargantaço. Zé Perpetuo?

THADEU — Está torto d'um pé, não pôde vir.

SARGENTO — Multa-lo n'um *carto* d'ouro, mul-
ta-lo n'um *carto* d'ouro, já disse. Este não escapa.
E dous dias de cadeia, entende? Eu lhe darei en-
sino d'esta feita, ladrão de uma figa! Zé Pancada?

UM — Prompto.

REITOR — Sargento-mór, excusa-se a chamada.
Está gente a maior.

GRITO — Nada de chamada, nada de chama-

da ! Está gente a maior. Viva o nosso reitor, capitão-mór !

SARGENTO — Callocio ! Leva rumor ou trabalha a alabarda.

REITOR — Attenção.

SARGENTO — Sentido ! que vai fallar o snr. reitor.

REITOR — Ordenança, sentido ! Ahi estão os francezes e vamos a elles com a ajuda de Deus. Aquillo são uns herejes que tiraram os olhos ao nosso padre santo. *Deus pro nobis*, Deus por nós. E' elle quem decreta a extirpação d'aquolles infieis, que cortaram a cabeça ao seu rei, insultaram a religião e andam feitos com o Bonaparte. A olles, filhos ! Não escape um só. Francez que se apanhe, é dar cabo d'elle que o santo padre concede cem annos de indulgencias por cada um que matarmos. Vai cantar-se um *Te-Deum* em acção de graças pela victoria que vamos alcançar dos francezes. Disse !

SARGENTO — Esquerda volver ! (*Zangado por vêr que todos perdem a fôrma, seguindo os frades até á igreja*). Os diabos os carreguem, paisanada do inferno !

GRITO — A Braga, a Braga ! Morram os jacobinos ! (*Sahem o reitor, os frades e povo*).

SCENA III

Sargento-mór, Trinta e tres, Thadeu Capote e André

SARGENTO (*baixo a Trinta e tres*) — Trinta e tres, vai haver pancadaria, homem, e eu não sei

quando voltarei, entendes? Tu ficas; entrego-te a minha casa e a minha filha, entendes?

TRINTA E TRES — Entendo, sim, com um milhão de diabos! Quando cheira a polvora ao velho militar, toda a sua raiva é que o mandem estar firme como um recruta.

SARGENTO — Tem paciência, Trinta e tres. Eu vou porque não ha remedio. Toma cuidado n'ella, Trinta e tres! Cuidado n'ella, entendes?

TRINTA E TRES — Vá descansado.

SARGENTO — E vou, acredita; vou descansado porque tu ficas, tu que sabes o grande thesouro que... (*limpando as lagrimas*) que só tu sabes guardar! Sobre tudo, Trinta e tres, cuidado com o fidalguinho, entendes! (*Desesperado*). Com mil balas, quando me lembro das scenas passadas no solar de Encourados, sinto ganas de deixal-a morrer para ali, mas nunca consentir semelhante casamento.

TRINTA E TRES — Mau! vossemecê é casmurro, e tenho dito. Deixe a pequena por minha conta, que apesar do estado de magreza em que ella está por amor do Luizinho... ha-de passar-lhe, digo-lh'o eu. Então p'ra que fica o Trinta e tres senão para vigiar por ella?... A não ser assim, raios de diabos! que os francezes haviam de provar as ameixas d'esta pucara. (*Indica a espingarda*).

SARGENTO — Confio em ti, Trinta e tres; mas toma tento, entendes? Não me tornes a esfalfar os miolos, dizendo que a Camillinha morre por amor do Luiz! Com todos os diabos, que o amor de pai deve ser mais forte! Então lá porque um fidalgo casmurro e orgulhoso se atreveu a insultar-me a honra, julgando-me capaz de cubigar-lhe o filho, parente dos Quartellas, ou que raio de parentesco é, ha-de a minha honra soffrer, e soffrer

deveras, voltando eu com a minha palavra atraz?! Isso é que não, entendes? A Camilla está melhor, pois não está?

TRINTA E TRES — Está, homem! (*A' parte*). Poderá! com as cartinhas que eu lhe tenho trazido... (*Alto*). Vá descansado, homem. Cá fica o Trinta e tres. (*A' parte*) Para lh'o metter em casa se preciso fôr; mas lá deixar morrer a pequena ao canto d'uma parede, isso é que não, com os diabos! (*Alto*). Vossemecê quer que lhe vá buscar a egua?

SARGENTO — Não, homem; estes madraços eram capazes de m'a roubar. E demais em casa fica mais segura. Por lá não faltam bestas!

THADEU (*trepado a uma arvore observando o que se passa dentro da igreja*) — Olha, André Prelada, lá pousaram os frades as armas.

SARGENTO — Olhem aonde se encarrapitou aquelle maldito.

THADEU — Deixe-me *ber*, sargento-mór; não cabe mais ninguem na igreja. Olha, olha.

ANDRÉ (*debaixo da arvore*) — Dize cá, ó Thadeu, o reitor está de capa de *asperces*!

THADEU — Não, homem; *callocio*!

ANDRÉ — Mas dize *antom* como está?

THADEU — Está de *capitom*-mór.

ANDRÉ — De *capitom*-mór?!... *Antom nom bale*.

THADEU — Como *nom bale*, se antes de começar *deitarom*-lhe ao pescoço a *chabe* com a fita benta.

ANDRÉ — Ah! dize-me d'essas, *antom*, sim.

THADEU — O reitor lá entrega o breviario; acabou a *funçom*. Lá tomam os frades as armas, lá fazem a *continença ao aurtar-mór*... *Éna* como bem feros... (*Desce da arvore. Entram os frades armados, reitor e povo*).

SARGENTO — E' a hora de partir, Trinta e tres.

Adeus. Cuidado com a menina, entendes? cuidado com ella.

TRINTA E TRES — Mau. E' casmurro e tenho dito. Sabe que mais, eu sempre lhe vou buscar o cavallo.

SARGENTO — Nem por penso, Trinta e tres. Era a maior asneira da minha vida.

TRINTA E TRES — Então para que leva as esporas?

SARGENTO — Eu cá me entendo. (*A Thadeu*). Anda cá, choupêlo.

THADEU — Prompto, meu sargento.

SARGENTO — Toma-me conta d'estas esporas, entendes? e depois m'as darás; que, por vida minha, vou agora a pé, mas faço conta de vir montado no melhor cavallo que trouxerem os francezes!

REITOR — Sargento-mór, toca a marchar!

SARGENTO (*apertando commovido a mão de Trinta e tres*) — Adeus, adeus, Trinta e tres, meu amigo. (*N'uma expansão que termina enxugando os olhos*). Ainda uma vez ou arrebento: entrego-te minha filha, entendes?

TRINTA E TRES (*n'um accesso de raiva mas commovendo-se rapidamente á commoção do sargento*) — Entendo... entendo e tenho dito. (*Sahem os frades, o reitor, o sargento e o povo tocando tambores e bombos, á voz do sargento*).

SARGENTO — Ordenança, marcha!

TRINTA E TRES (*consigo*). — E aqui fica um bravo veterano a guardar uma mulher! Oh! com mil... (*Pensando*). Tem paciência, meu amigo; assim é preciso para a felicidade de todos.

SCENA V

Trinta e tres e depois Luiz

(Apenas sahem todos Luiz Vasques fica destacado dos grupos no fundo. Vem de capa preta e chapéo baixo).

TRINTA E TRES — Oh! minha pobre menina, juro que hei-de cumprir a minha palavra, se o nosso querido Luiz souber cumprir a sua. Nada, lá assim é que eu não posso entender a honra. Porque um pai é cabeçudo e outro orgulhoso, morra para ahí a Camillinha phthisica de paixão! Não senhor, e tenho dito! Venham os francezes quando quizerem, que se eu escapar e mais o fidalgo, juro, que os hei-de casar, ou eu não serei o Trinta e tres, o valente de Puyg-Cerdá!

LUIZ *(avançando. A' parte)* — Não tenho que duvidar; João Peres vai na frente da ordenança. Ah! Trinta e tres! Esperavas-me? És um homem honrado e leal! Aqui estou.

TRINTA E TRES — O que eu sou, sr. fidalgo, ninguém o sabe melhor do que eu. Mas, primeiro, vamos a contas. Amigos, amigos, negócios á parte. Sou muito seu amigo e da menina, mas por fim de contas não sou homem que me metta n'estas alhadas sem lhe saber o fim. O pai já lá vai em direcção a Braga porque dizem que os francezes estão ahí.

LUIZ — Sim, é quasi certa a sua entrada e por isso tenho que partir hoje mesmo. Fui encarregado por meu tio Fernão Silvestre d'uma missão importante para o general Bernardim Freire; por

tanto, meu amigo, deixa-me abraçar-a uma vez ainda, n'esta hora suprema em que muitos filhos e amantes talvez partam para não mais voltar.

TRINTA E TRES — Eu creio no senhor; porém não sou homem que faça as cousas no ar. Vamos, por partes. Pão, pão, queijo, queijo, e sem isso nada feito. Quando o snr. fidalgo me pediu que dissesse á menina que precisava fallar-lhe esta noite, jurou-me que não casava com outra. Ella disse-me outro tanto, pedindo-me que lhe protegesse a escapatoria, porque não sabia ainda que o pai teria de partir esta noite. Porém, snr. Luiz, eu n'estes negocios quero cousa mais certa; porque se v. s.^a faltar ao que me prometteu, dou-lhe um tiro tão certo como Deus ser Deus! Nunca ninguem faltou, que m'as não pagasse. Por tanto veja lá em que se mette.

LUIZ — Meu amigo, juro-te por Deus, pela minha honra e pelo nome de meus paes, que serei marido de Camilla. Morto ou vivo serei d'ella. A tua nobre desconfiança é o digno preço d'aquelle thesouro que eu só desejo abençoado pela mão de Deus. Tão digna do teu respeito, merecedora dos teus affectos, não haveria no mundo quem tentasse profanar o mimo que tu conservas sagrado no coração. Amo-a e respeito-a como tu, quero-a, como tu não pódes querel-a, porque lhe foste segundo pai. Agora resolve porque o tempo urge. A minha honra e a minha vida respondem-te por mim.

TRINTA E TRES — Bem, estamos entendidos; v. s.^a é um homem honrado; fico por fiador da sua palavra. Se não a cumprir o outro fiador está aqui. (*Bate no cano da arma*). Nunca ninguem faltou que m'as não pagasse. Ora bem, senhor; agora vou buscar Camilla. (*Vai para sair*).

LUIZ — Aguarda um pouco. Torna-se necessa-

rio que tu empenhes tambem a tua palavra no cumprimento d'uma missão, que, em razão da promessa que exististe de min, tenho direito a encarregar-te, e que espero da tua amizade cumprirás fielmente.

TRINTA E TRES — Diga.

LUIZ — Não sei se será esta a ultima vez que tornarei a vêr Camilla. Soult com o grosso do exercito avança por Traz-os-Montes e eu corro a partilhar a sorte que Deus me tiver reservada.

TRINTA E TRES — Cumpre o seu dever.

LUIZ — Não sei quando tornarei. Longe de Camilla e com a inimizade que o snr. João Peres tem hoje á minha familia...

TRINTA E TRES — Qual inimizade, nem qual diabo. Tudo aquillo são ferros, eu conheço-o bem. Amanhã já nada lhe lembra. E' mais facil elle arrebentar por todas as costellas do que deixar de ser amigo de toda a sua familia, e sobretudo de seu tio, e de si, snr. Luizinho. Vá com isto que lhe digo, fidalgo; eu conheço bem o meu capitão.

LUIZ — Assim o espero. Confio que o snr. João Peres, ha-de conhecer que um erro de meu pai...

TRINTA E TRES — Muito mal feito com um milhão de diabos!

LUIZ — E' preciso perdoar-lhe, Trinta e tres; assim o crearam; não pôde ser superior áquellas idéas. A estas horas já está de certo arrependido porque meu pai ama Camilla e é incapaz de sacrificar a minha felicidade a qualquer preconceito por mais forte que seja. Mas eu vou estar ausente por muito tempo, meu amigo, e o snr. João Peres pôde esquecer-me e querer casar Camilla...

TRINTA E TRES — Qual casal-a, nem meio casal-a, com um raio de diabos!

LUIZ — E Braz de Paiva pretende-a... ha-de

empregar todos os meios para a obter... e eu ausente... Tu sabes de que elle é capaz!

TRINTA E TRES (*pegando na espingarda com ambas as mãos*) — Com um milhão... Se Braz de Paiva se aproxima, arrebento-o!

LUIZ — Dás-me a tua palavra de honra de proteger Camilla contra todos... contra seja quem fôr?...

TRINTA E TRES (*estendendo-lhe a mão*) — Juro-lh'o pela minha honra.

LUIZ — Obrigado. Agora vai dizer-lhe que estou aqui.

TRINTA E TRES — Eu vou. (*Sobe um pouco e Luiz afasta-se. A' parte*) — Esta só pelo diabo!... Eu mettido a capa d'amores. Olhem se o meu capitão soubesse! Raios do diabo, que a culpa é d'elle. O rapaz é uma perola e a rapariga quer-lhe mais do que aos olhos da cara. Está decidido. Se se zangar ha-de ouvir-me quatro verdades tesas na cara. E tenho dito. (*Sobe á casa*).

SCENA VI

Luiz só, depois Camilla e Trinta e tres

LUIZ (*sentando-se n'um recanto florido de relva*) — Como eu vejo nublar-se o horisonte do futuro que sonhei risonho, junto da minha linda companheira. Como ligeiros correram aquelles dias de felicidade, trocando-se por noites de tantas e pungentes amarguras!. Descem as trevas sobre a luz! E' o destino! Porém Deus ordena que na transição do sol á escuridão bruxuleie luz suave e meiga, que a pouco e pouco desfallece como desfallece a esperança, a alma, a vida! Assim tu és para

mim, Camilla, luz das minhas trevas, em que eu sinto brandamente abysmarem-se os meus dias! Ah! melhor será morrer do que perder-te!

CAMILLA (*vendo-o*) — Ah! Luiz.

LUIZ — Minha Camilla adorada!

CAMILLA — Meu querido Luiz! (*Chora nos braços d'elle, Luiz senta-a a um lado*).

TRINTA E TRES (*á parte*) — E' mais forte do que eu, com um milhão de raios! (*Enxuga as lagrimas. Alto*). Ah! a entrego á sua honra, fidalgo. Eu vou-me até lá baixo saber noticias dos jacobinos pelas familias, que fogem abandonando as casas. (*A' parte*). Pois sim, o que eu vou é fugindo tambem ás lagrimas d'aquellas pobres crianças que me cortam o coração! Se os paes os vissem agora?!... E que tal acontecesse com um milhão de... Estimava-o até. Orgulhosos do inferno!... Pois hei-de casal-os e tenho dito. (*Sahe*).

SCENA VII

Luiz e Camilla

CAMILLA — Ah! como tenho soffrido depois d'aquellas scenas em tua casa, Luiz!

LUIZ — Bem o dizia minha mãe, Camilla, bem o previa ella.

CAMILLA — E agora que havemos de fazer?

LUIZ — Ter esperanza em Deus e confiar no amor d'aquella santa. O peor, minha Camilla, ainda tu o não sabes, querida. Quiz hoje vir fallar-te porque preciso ouvir mais uma vez da tua bocca que me amas, que nunca pertencerás a outro homem.

CAMILLA — Oh! nunca! Ou tua na terra, ou de Deus no céo!

LUIZ (*beijando-lhe as mãos*) — Obrigado, minha vida! (*Com hesitação*). Camilla... eu venho dizer-te adeus... parto, talvez por muito tempo.

CAMILLA (*aterrada*) — Tu... tu...

LUIZ — Oh! sim! A honra manda que eu vá alistar-me para defeza da patria!

CAMILLA — Tu... deixas-me, Luiz amado!

LUIZ — E' forçoso; mas por Deus, Camilla, não me tortures assim! Anjo querido, tu a quem Deus escolhe para companheira da minha vida, não quererias vêr-me deshonrado. Olha, Camilla, se eu não partir, se eu me deixar ficar aqui sem ir reunir o meu nome ao de tantos portuguezes que arriscam a vida pela patria, sabes o que dirão de mim, sabes o que dirão do fidalgo que não soube sustentar a gloria, a honra do seu braço?

CAMILLA (*querendo apparentar coragem*). — Parte, Luiz, e recorda-te sempre da tua Camilla com uma lagrima!

LUIZ — Camilla, Camilla, que querem dizer essas palavras?

CAMILLA — Luiz, julgas que eu possa viver muito tempo com o pungir d'este sobresalto?!... Ai! sinto que principio a morrer!

LUIZ (*apavorado*) — Ah! (*Socegando-se*). Vamos, escuta, Camilla. E' possivel que tu que me amas desde o berço queiras matar-me assim, deixando-me morrer, não forcejando por viver para que eu viva tambem? Oh! não é possivel que tu Camilla a cujos pés eu desejava depôr todos os sceptros do mundo, tu que me alumias a vida te deixes assim morrer, porque eu não quero ser infame! Deus protege o nosso amor, querida; ha-de guardar-me

nos campos de batalha, porque não quer que tu morras, porque fez a minha vida necessaria á tua.

CAMILLA — Oh! Luiz... se tu morresses...

LUIZ — Não me deixes partir só com a saudade e sem a convicção de que a mulher que eu amo é digna de ser amada, porque me segue aos combates com orações que pedem a Deus a minha vida, mas a vida com honra e gloria! Camilla, tu não podes preferir ser esposa de um infame cobarde, de um villão deshonrado, a sê-lo d'um homem benemerito do seu paiz, glorioso por feitos iguaes ao grande nome que herdou.

CAMILLA — Parte! Olha, Luiz, põe esta imagem sobre o teu coração... (*Tira do seio um pequenito crucifixo d'ouro*). Nunca a deixes. Em quanto a trouxeres, viverei.

LUIZ — Oh! bem hajas, meu amor! Voltarei vivo, voltarei, que m'o diz o coração, porque tu estarás á minha espera! Bem hajas, que assim consentes na gloria do meu nome, e não me embaraças os passos com medos pueris e indignos de nós ambos. Deixa-me olhar bem para o teu rosto mais sereno agora, que poucos são os momentos que tenho para gozar tão suprema ventura. D'aqui a duas horas devo estar em Braga. Depois lançar-me-hei dentro dos muros do Porto. (*Braz de Paiva avança cautelosamente até elles*). Ah! Camilla, que sublime e vasto não é o campo aonde eu vou colher a gloria do nosso futuro, porque eu hei de voltar!

SCENA VIII

Os mesmos e Braz de Paiva, depois
De profundis

BRAZ DE PAIVA — E quem lhe assegura que ha-de partir?

LUIZ E CAMILLA (*levantando-se rapidamente*) — Ah!

CAMILLA — Elle!

LUIZ (*com desespero*) — Infame!

BRAZ (*com raiva concentrada*) — Não tanto como v. s.^a! Ah! ah! ah! Que diria o bom do sargento-mór, sabendo que a innocente filhinha conversa com um homem a sós e n'este lugar a altas horas da noite? Por minha fé que estava tentado a participar-lhe a innocencia da casta pombinha. Bem me parecia a mim que tanta virtude era inspirada por estas torpezas. Ah! mas o illustre fidalgo pratica com fino tacto... porque em fim... um bom dote...

LUIZ (*no auge do desespero*) — Ah! cobarde, miseravel! Já uma vez tentei cruzar-lhe na cara o meu chicote... (*Querendo avançar para elle, Camilla luta com força extrema impedindo-lhe a passagem*).

CAMILLA — Luiz, Luiz que te mata!

LUIZ — Oh! deixa-me, deixa-me marcar-lhe nas faces o estigma da sua cobardia, para que o povo conheça em toda a parte o infame que roubou seu proprio irmão! Deixa-me! (*Deixa de ser sus-tido por Camilla, arremessa-se sobre Braz que dis-para um revolver. Camilla cahe desmaiada. O tiro não acerta, porque na mesma occasião em que é dis-parado, De profundis sahe d'um salto de qualquer*

arbusto que orna a scena e arremessa-se sobre Braz, arrancando-lhe a pistola e obrigando-o a cahir prostrado).

CAMILLA (*n'um grito*) — Ah!

DE PROFUNDIS (*tomando uma posição feroz sobre o corpo de Braz*) — *De profundis clamavi, requiem eternum.*

BRAZ — Ah! foste tu, maldito! (*O louco desaparece rapidamente por entre o arvoredo*).

LUIZ — Camilla, Camilla, meu amor!

BRAZ (*depois de se ter levantado e depois de pausa, em quanto Luiz cuida de Camilla*) — Treguas, snr. Luiz Vasques de Encourados. Façamos treguas por hoje. Bem vê que é preciso cuidar d'essa senhora. D'outra sorte póde morrer-nos assim. Eu mesmo vou buscar agua, porque a vida d'essa menina é-nos preciosa a ambos. Julgo que por isto não ha-de querer deixal-a morrer! (*Luiz mede-o de alto a baixo com olhar de espanto e raiua e diz:*)

LUIZ — Maldito! Deixa-me!

BRAZ (*dirigindo-se a buscar a agua*) — E' ser pouco agradecido. (*A' parte*). O doudo tinha razão: era vingança pequena de mais para mim. Devo vingar-me d'outra sorte. (*Alto, trazendo a agua no chapéo, que foi buscar a qualquer arroyo ou fonte, que haja em scena*). Lance-lhe uma pouca d'agua no rosto. (*Luiz machinalmente molha na agua o lenço de Camilla e leva-lh'o ás fontes*). Não tarda que volte a si, mas antes que tal aconteça, permitta-me que aproveite esta occasião, em que pela ultima vez podemos conversar sem perigo, para lhe dizer duas palavras. (*Luiz olha-o com desprezo e cuida novamente de Camilla*). Snr. Luiz d'Encourados, convem-me casar com essa senhora, e convem-me porque não conheço n'estes arredores ou-

tra, que seja tão rica como ella, nem que esteja em tão boas condições de familia para casar com-migo.

LUIZ (*n'um grito surdo*) — Oh! é de mais!

BRAZ — Já vê que não deixo de proseguir na realisação d'esta idéa. Os meios nunca faltam a quem quer verdadeiramente, e eu não sou dos que param diante da escolha dos meios.

LUIZ — Miseravel!

BRAZ — Olhe que pôde magoal-a. O expediente que eu ia empregar ha pouco era o mais prompto. Terminavam assim as competencias. Falhou, paciencia. Se eu tivesse trazido duas pistolas não estaria o senhor ahi tão descançado.

LUIZ (*no auge do espanto*) — Matava-me, quer dizer?

BRAZ — Naturalmente! Não sou homem que pare diante dos meios, já lh'o disse. Não lhe cedo a posse d'essa menina, senão com esta condição. Consinto no seu casamento, se pelo valor do dote d'ella, quizer hypothecar-me as propriedades que ha-de possuir no futuro. Decida-se, que é esta a ultima vez que temos para qualquer transacção entre nós. Já vê que não é negocio de amor... é de dinheiro.

LUIZ — Oh! foge, villão, ou atravesso-te com a ponta da minha espada. (*Tem erguido Camilla*).

BRAZ — Menos fogo e mais prudencia. Não accitando a proposta offerecida cavalheirosamente previno-o de que não será nunca o marido de Camilla, e que eu saberei cural-a d'essa paixão, não tem duvida.

LUIZ (*fôra de si puxa pela espada para ferir-o. Camilla sentindo-se abandonada volta a si e dá um grito*). — Infame!

CAMILLA — Ah! (*Fica extatica. Luiz a este gri-*

to volta-se e não executa o designio, vindo a ella com meiguice).

LUIZ — Ah! obrigado, anjo meu, seria deshonrar-me!

BRAZ — Até á vista, senhor fidalgo. (*A' parte*). Tu m'as pagarás! (*Sahe*).

SCENA IX

Luiz, Camilla, depois Trinta e tres, depois
De profundis e povo

CAMILLA (*sentando-se quasi desfallecida*) — Ai! Luiz, não ha forças para tantas desventuras! Sinto que morro!

LUIZ — Camilla... sou eu, o teu Luiz amado... Não tenhas receio... De que temes se eu estou a teu lado?!... (*Camilla chora*).

TRINTA E TRES (*entrando*) — O que foi isto, snr. Luizinho?... Pareceu-me ouvir um tiro, foi dado aqui?

LUIZ — Sim, meu amigo. Braz de Paiva, o infame, tentou assassinar-me!

TRINTA E TRES (*batendo com a arma no chão*) — Pelo inferno! porque não cheguei mais cedo! Ah! senhor morgado da Barca, quer tramar a desgraça d'aquelles, que amo tanto? Espera, maroto! (*Sobe*). Ah! conheço-o perfeitamente subindo a encosta. Não se engana o veterano acostumado a espreitar o inimigo nas trevas da noite. Vaes ainda ao alcance da minha espingarda... não te erro a pontaria! (*Mette a espingarda á cara*).

LUIZ E CAMILLA — Oh! não, não!

DE PROFUNDIS (*entrando, colloca-se na frente da espingarda com gesto supplicante*) — Não!... (*Depois de pausa tetricamente*). Elle é meu... só

meu... não podes matal-o! (*Dando uma gargalhada*). Ah! ah! ah! *De profundis clamavi! requiem eternum!* (*Entrega um bilhete a Luiz*).

LUIZ (*comsigo*) — O que é isto? (*Lendo*). «Parte immediatamente ou está perdido Bernardim Freire. *De profundis* ha-de mostrar-te os homens que podes trazer até ao lugar aonde estou para lhes dar as minhas ordens. Vem já, já, uma hora perdida, póde perder a patria. Teu tio, *Fernão Silvestre de Encourados*.»

TRINTA E TRES — E' de seu tio?

LUIZ — E'. Preciso partir já.

TRINTA E TRES — Oh! sim, as familias continuam a abandonar as casas, porque é certa a aproximação do inimigo. (*Grande susurro dentro*). Camilla fica á minha guarda. Não tenha receio. D'esta vez se Braz de Paiva se aproximar d'este sitio, — com os diabos! — mato-o sem dó... e tenho dito!

LUIZ — E' preciso combater. Parto já. *De profundis*, aonde estão os que devem seguir-nos?

DE PROFUNDIS (*indicando um dos lados*) — *De profundis clamavi*. (*Entram em scena grupos de camponezes*).

GRITO — Morram os jacobinos!

TRINTA E TRES (*vendo Camilla chorar*) — Então que é isso, menina?

LUIZ — Camilla, adeus, eu voltarei breve! Vive por mim, Camilla!

TRINTA E TRES — E ha-de viver com todos os diabos! que aqui está o Trinta e tres que assim o quer... E tenho dito!

CAMILLA — Adeus, Luiz, vai, que te seguem as minhas orações. Adeus, não te esqueças do meu crucifixo.

LUIZ — Adeus!

GRITO — Morram os jacobinos!

LUIZ — Vamos. Trinta e tres, cumpre a tua palavra; respondes-me por ella! (*Sahem, gritos ao longe*).

DE PROFUNDIS — A Braga. *De profundis clamavi!*

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Sala de jantar em casa do sargento-mór. Estylo do Minho.
Porta ao fundo, postigos lateraes, etc. Mesa rustica, cadeiras. Ouve-se, durante todo este acto, soar a artillheria ao longo.

SCENA I

O Sargento-mór e Trinta e tres
e De profundis

(Ao levantar-se o pano continua uma harmonia. O sargento está acabrunhado com as lagrimas nos olhos encostado a uma mesa. Trinta e tres está pensativo. De profundis dorme).

SARGENTO — Com mil raios! Assim se mata um valente como era Bernardim Freire. Pobre general!

TRINTA E TRES — Então, meu sargento... o que não tem remedio, remediado está, diz o ditado!

SARGENTO — Mas custa, Trinta e tres, custa muito perder assim um general valente. Se eu o

visso cair a meus pés, varado pela metralha dos jacobinos, não tinha pena, entendes? Mas vê-o arrastado, apedrejado pela população tão covarde que nem se atreveu a disparar um tiro na passagem dos francezes por Salamonde, é triste, com todos os diabos! (*Dá um murro na banca*).

TRINTA E TRES — Console-se, meu sargento. As mesmas balas que os jacobinos estão a esta hora atirando sobre Braga talvez seja a vingança dos proprios miseraveis, que assassinaram cobardemente aquelle general honrado e leal!

SARGENTO — Honrado e leal, sim, Trinta e tres! portuguez ás direitas e amigo da patria como poucos! Nós o vimos, entendes? em Puyg-Cerdá e em Belver, com seiscentos diabos! E que não nos digam que não esses marinellos que comiam as papas á borralha, em quanto que nós andavamos por lá ás cutiladas aos francezes. Não nos digam que não, que nós... entendes? e tenho dito. Ainda aqui está a mesma espada, Trinta e tres! Isto mesmo disse eu ao infeliz Bernardim Freire quando lhe contei que haviam fugido todos os marinellos dos meus coutos! General, faça o que lhe digo com seiscentos diabos! Agarre-me já esses tratantes da ordenança e fuzile-m'os! Que não escape um só, entende? Vê esta espada? Não me deram tempo de a empregar nos francezes que avançavam, mas despiquei-a nas costellas d'aquelles gallegos que fugiam. Alguns ficaram por lá estendidos, mas não os pude acabar todos.

TRINTA E TRES — Mas diga-me, sargento, porque se revoltou o povo contra Bernardim Freire?

SARGENTO — Porquê? Pois tu não entendes, Trinta e tres, que o general, o barão d'Eben, tramava contra elle para o substituir no commando da divisão? Maroto!

TRINTA E TRES — Ah! com os demonios, que se um dia lhe posso ser bom mato-o como quem mata um cão!

SARGENTO — Apenas chegou a Braga o Luizinho de Encourados com a ordem do general de retirarmos para o Porto, a tropa amotinou-se aos gritos do povo, que alcunhava o general de jacobino. Oh! raios dos diabos! O meu infeliz general depois dos francezes atravessarem o posto de Salamonde sem resistencia, nunca mais viveu tranquillo. Tenho aqui o bilhete que elle mandou para o quartel general por mãos do fidalgo d'Encourados. E sabes, Trinta e tres?... que o Luizinho é um valente. Foi um feito de heroe a sua chegada ao quartel general por entre a multidão de revoltosos! Bravo rapaz, com todos os diabos! Ah! que se não fosse... entendes?

TRINTA E TRES — Entendo, entendo; mas leia o bilhete que o resto fica por minha conta.

SARGENTO (*lendo*) — «Os francezes atravessam o posto de Salamonde sem acharem resistencia. Está tudo perdido. Avisinha-se o inimigo. Retire immediatamente para o Porto com a caixa militar e com a secretaria. Avise do acontecido os brigadeiros Victoria e Parreiras. Recommendo a minha familia á sua amizade e fidalguia.» Entendes?!

TRINTA E TRES — Ah! que já não existem os homens do nosso tempo. Deixarem os marinellos que os jacobinos passassem Salamonde sem um tiro! Não estava lá o Trinta e tres.

SARGENTO — Mas estava lá eu com todos os diabos! Estavamos em linha de batalha em pontos de podermos sustentar a fuzilaria, e eu na frente, entendes? para mostrar áquelles cobardes o que é um soldado portuguez. Havia enthusiasmo que farte em toda a linha, mas deram dez horas e

os francezes não appareciam. Então os excomungados começaram a asneiar, entendes? e eu disse com os meus botões, nada, isto não está bom. Isto não são soldados, é paisanada que, se arrefece, toma as de Villa-Diogo, com os narizes pelo faro da lareira... é preciso animal-os, e então desci á povoação, mandei vinho e dei-lhes de beber até tocarem com o dedo... e comecei a dizer que tínhamos a distancia o soccorro dos inglezes. N'isto começam a desfilar os herejes pelo caminho de Ruivães. Sentido! rapazes, gritei eu. E' ter firme que não passa nem um! E os francezes avançavam de espadas desembainhadas sem fazerem caso de nós. Fogo, grito eu, fogo, fogo com seiscentos diabos! Fogo! Mas nem um tiro, entendes? nem um tiro! Olhavam para mim espantados. Estavam todos bebados os marinellos! Fugam, fugam, gritou um do meio da multidão, e lá vou eu arrastado na onda, sem me poder assenhorear por muito tempo; porque apenas pude, entendes? desandei ás cutiladas a elles... Ah! canalha! ah! cobardes! Fosses tu para lá, Trinta e tres, fosses para lá que o mais que fazias era desancar os ossos aos que te ficassem mais perto! Entendes?

TRINTA E TRES — Ah! cães! Que ao primeiro que eu visse fugir arrancava-lhe os olhos, com um milhão de raios!

SARGENTO — Foram elles os proprios, que juntos ao povo de Braga assassinaram o general Freire. A' noticia de que a caixa do regimento partia para o Porto, a multidão invadiu o quartel general, gritando: Morra a familia do jacobino! Praticou uma heroica defeza Luiz Vasques de Encourados! Ah! que apesar de tudo não resisti a dar-lhe um abraço de metter os tampos dentro, entendes? Valente como um raio! Com os demonios,

Luiz Vasques não desmente a raça de Fernão Silvestre !

TRINTA E TRES (*á parte*) — Disse-me Camilla, que lhe havia dado um Christo de ouro ! Eu creio que foi Deus quem decretou aquelle amor ! A figura da cruz afugenta as balas dos herejes.

SARGENTO — A' quarta vez que os malditos tentavam subir ao quartel general, conseguimos fechar as portas para salvar a familia do infeliz. De repente ouviu-se no campo de Sant'Anna um brado horrivel que fez estremecer Luiz Vasques e *De profundis* ! Tinham adivinhado, entendes ? Era Bernardim Freire que entrava no campo de Sant'Anna apedrejado pelo povo ! « Senhor sargento-mór, vamos ao andar de cima que lá temos lugar seguro para vigiar sem perigo » ; gritou-me Ayres Pinto. O primeiro que chegou á janella foi Gonçalo Alardo, dando um grito de terror ! Corremos todos : Ah ! Trinta e tres, o infeliz general, sem espada, sem chapéo, ensanguentado, era arrastado pelo povo que o levava para o aljube por ordem do general Eben ! Com mil raios ! gritei eu lançando-me pela escada abaixo, mato quem o matou ! E fazia-o com esta espada de Belver. Antes que depois me matassem ! Mas... a Providencia valeu-me, valeu-me, entendes ? porque eu ia ser victima dos revoltosos, se o braço vigoroso de um amigo não me impedisse o caminho desatinado.

TRINTA E TRES — Com mil demonios ! que foi uma acção bonita ! E quem era esse amigo, que salvou a vida do meu sargento ?

SARGENTO — Quem era, Trinta e tres ?... Um pobre infeliz...

DE PROFUNDIS (*acordando*) — *De profundis clamavi* !

SARGENTO (*indicando-o*) — Aquelle pobre dou-

do a quem se deve a salvação da familia de Bernardim Freire.

DE PROFUNDIS (*levantando-se rapidamente a estas palavras, dá alguns passos pela scena*) — Bernardim Freire!... (*Harmonia na orchestra*). Ah! sim... mataram-no!... (*Como descrevendo a scena passada, agarrando-se ao sargento-mór*). Não passas... vai por alli... por alli! Lá está Luiz Vasques e a esposa inanimada do general... Fugam... fugam! senão... *De profundis clamavi... requiem eternum!* (*Pausa*). O povo, o povo foi a Tibães buscar o engenheiro Villasboas... os padres não o queriam entregar... trouxeram-no amarrado... depois... *De profundis clamavi!*

TRINTA E TRES — Mataram-no?

DE PROFUNDIS — Deram-lhe tiros... atacaram-no com espadas... ataram-lhe uma corda aos pés... e arrastaram-no até onde estava o outro.

SARGENTO — O outro, quem?

DE PROFUNDIS — Ah! sim... o general!... Adei, sargento, foram chamar um padre. O pobresinho pediu que o não matassem sem confissão! Eu... também não quero morrer... sem confissão!

SARGENTO — Oh! cala-te, Francisco, cala-te!

TRINTA E TRES — Não, deixe-o continuar.

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi!* estava no céu! A esposa cahiu como morta... com a cabeça no regaço da filha mais velha!... Luiz Vasques levantou-a nos braços, e disse: Sargento-mór, é preciso salvar esta familia!

SARGENTO — E' verdade, Francisco. E eu gritei logo, entendes, Trinta e tres? «Isso nem se pergunta, meu fidalgo! Nem o proprio Satanaz teria força de m'os arrancar dos braços.» E partimos eram 10 horas guiados por *De profundis!*

DE PROFUNDIS — Eu trazia a filhinha... Como

era linda! Devia ser assim meu filho... (*Com um pequeno enfurecimento*). Braz de Paiva!... (*Soccegando-se*). Deus castiga! Estes tiros... *De profundis clamavi, requiem eternum!* (*Sahe a correr*).

SCENA II

O Sargento, Trinta e tres, depois Chanisco,
Camilla e criados

TRINTA E TRES — Aonde irá *De profundis*?

SARGENTO (*indo á porta*) — Corre na direcção de Encourados. Deus o guia talvez para felicidade d'alguem. Parece que o pobre doudo apparece sempre no lugar do perigo como instrumento de salvação. Agora ouve, Trinta e tres. E' preciso tratarmos de nós porque o caso vai-se tornando mais serio.

TRINTA E TRES — Aqui não entram elles em quanto cá houver polvora e bala e fôr vivo o Trinta e tres, essa lhe juro eu.

SARGENTO — Em quanto a Camilla... não lhe digas por ora que Luiz Vasques veio de Braga, entendes?

TRINTA E TRES — E vossemecê a dar-lhe! Que tem que ella o saiba, com um milhão...

SARGENTO — Mas é que eu não quero e em minha casa mando eu, entendes?

TRINTA E TRES — Pois sim, se o rapaz lhe dér na cabeça de vir por ahi, manda-o talvez embora?

SARGENTO — E mando-o com seiscentos diabos, entendes? E' bom rapaz, valente como as armas, mas ainda assim no meio de tudo que temos passado não póde nunca esquecer-me que a honra d'um valente soldado de Belver e Puyg-Cerdá não

se calca assim aos pés d'um fidalgo de Encourados. E tenho dito.

TRINTA E TRES — Pois então se vossemecê é mau pai, deixe-a morrer para ali ao canto d'uma parede, roída pela paixão, como o fato pela traça.

SARGENTO — Com todos os diabos, não ha-de morrer, porque eu não quero que ella morra, entendes? e tu tambem não queres que és muito amigo d'ella, não é verdade, Trinta e tres?

TRINTA E TRES — Eu sou, com um milhão de raios, mas embirro com o seu genio, ora ali está e tenho dito!

SARGENTO — Pois tu atreves-te?... Olha que se o repetes, piso-te aos pés, entendes?

TRINTA E TRES. — Qual pisa, vossemecê não é homem que pise ninguem!

SARGENTO — E não sou, não, senhor, entende? Não vale zangar, Trinte e tres.

CHANISCO — O' meu sargento, quer que sirva a cêa?

SARGENTO — Quero. Ouve, ó Chanisco, onde está minha filha?

CHANISCO — Já vem ahi, que agora mesmo me perguntou aonde estava vossemecê. Anda hoje mais contente porque está cá o meu sargento.

SARGENTO — Então traze a cêa e dize-lhe, que venha já. (*Chanisco sahe*). Ella está contente, entendes?

TRINTA E TRES — Isso está ella!

SARGENTO — Está mais contente, com um milhão de diabos! Nem uma palavra, Trinta e tres.

TRINTA E TRES — Esteja descansado. Isto cá é toca d'onde não sahe coelho. (*A' parte*). Pois sim: estou mesmo a arrebentar por lhe dizer que chegou o Luizinho.

CAMILLA (*entrando muito abatida*) — Meu que-

rido pai. Deus ouviu as minhas orações. Agora, não torna a partir, não é verdade?

SARGENTO — Não... sim... quero dizer, entendes? que se os francezes... Mas não te assustes... porque eu e o Trinta e tres... (*À parte*). Valha-me Deus!

TRINTA E TRES (*à parte enternecido*) — Coitadinha, quer disfarçar e não póde... Tem os olhos roxos de chorar a minha linda menina. (*Limpa as lagrimas*).

SARGENTO — Vem sentar-te aqui!... (*Vai com ella para a mesa*). Toma o teu lugar, Trinta e tres. (*Trinta e tres toma assento á mesa. Entram os criados e sentam-se nos seus lugares*). Então vem essa cêa?

JABEL (*entrando*) — Ahi vai, ahi vai! Roma não se fez n'um dia!

SARGENTO — Nada de respostas, Jabel, entendes? (*Chanisco e Jabel servem a cêa. Gallinha e presunto n'uma travessa larga, couves, malgas de caldo, etc., etc. Depois do sargento abençoar a comida os criados esfarellam brôa dentro do caldo*).

CAMILLA — E estes tiros são dados muito longe, não é verdade? Não correm ainda muito perigo os nossos soldados?

SARGENTO — Não... não te assustes, Camillinha. Os francezes não entram cá!

CAMILLA (*à parte*) — Ai! Luiz amado, se não tornarei a vêr-te!

SARGENTO — Vamos, minha filha, come alguma cousinha. Trinta e tres disse-me que tu ha uns dias que não comes nada.

CAMILLA (*abatida*) — Não tenho vontade, meu pai.

SARGENTO (*com muita meiguice*) — Anda, por

alma de tua mãe! Olha, queres este bocadinho?
(*Chega-lhe á bocca um bocadinho de gallinha*).

CAMILLA — Oh! meu pai... não posso mais!

SARGENTO (*pasmado em afflicção chega-lhe o caldo, que Camilla leva aos labios. Trinta e tres com a cabeça apoiada nas mãos não tem comido nada*)

— Por alma de meu pai! Tu tambem não comes!
(*Empurra a travessa para o lado do Trinta e tres*).

TRINTA E TRES — Não quero comer.

SARGENTO — E porque?

TRINTA E TRES — Porque não tenho vontade.

SARGENTO — Raios do inferno! Não tens vontade?! Olhem o melindroso. Come com um milhão de... Quem não come morre, entendes?

TRINTA E TRES — Já lhe disse que não quero. Coma vossemecê e não lhe importe com os outros. Metta-se com a sua vida. E' como lhe digo.

SARGENTO — Ai, que o maroto quer ensandecer-me! Mas não és tu que o consegues com essa cara, entendes? — Que estás tu a olhar para mim, Chanisco? Nunca me viste? O' alma de cantaro, querem vêr que não déste de beber á egua!

TRINTA E TRES — A egua bebeu que lhe dei eu de beber. Sabe que mais?... coma e deixe-se de berrar.

SARGENTO — Eu arrebento. (*Começa comendo como um desesperado sem dar palavra. Todos se calam*). Fallem! Estes ladrões parece que perderam a falla. Fallem, entendem? O' Chanisco, eu deixei-te ordem para irem fallar com o morgado d'Adães; que te disse elle?

CHANISCO — Eu lá fui ter com o *fidaurgo*, e elle *diche-me* que agora *nom* ha dinheiro, porque *bomecê* bem sabe que os francezes *estom* em *riba* de nós.

SARGENTO — Os diabos levem os *taes* fidalgos

que não fazem senão pedir dinheiro e a respeito de pagar, nada!

JABEL — Ai! os francezes hão-de ser a desgraça de muita gente.

SARGENTO — Callocio! (*Todos se levantam. Momento de silencio. Erguem as mãos e rezam baixo*).

CAMILLA (*depois da oração*) — A sua benção, meu pai?

SARGENTO (*abençoando-a*) — Vai, minha filha, vai deitar-te que são horas. E para quem está tão fraquinha... (*Os criados sahem*). O' Jabel, fica-me de sentinella ao pé da menina, entendes, e olha que se te deixas dormir ou te descuidas d'ella, racho-to, minha sorna, racho-te, entendes?

JABEL — Fique descansado, senhor!

CAMILLA — Boas noites, Trinta e tres.

TRINTA E TRES — Boas noites, Camillinha. (*Baixo*). Alegre-se, minha linda menina, o snr. Luiz chegou de Braga com seu pai.

CAMILLA (*com alegria*) — Ah!

SARGENTO — O que foi?

TRINTA E TRES — Nada... fui eu que a pisei sem querer!

SARGENTO — És um bruto... é o que tu és, entendes? — Doe-te, Camilla?

CAMILLA — Não, meu pai. (*A' parte*). Ah! obrigada, meu Deus! (*Sahe*).

TRINTA E TRES (*á parte*) — Ai, que consolação! Se não lh'o dizia, arrebatava.

SCENA III

Sargento e Trinta e tres

SARGENTO — E que te parece este caso, Trinta e tres? Então, hein, não me vai a pequena a

emmagrecer a olhos vistos por causa da minha questão com Vasco Mendes?

TRINTA E TRES — A culpa é sua.

SARGENTO — A culpa é minha? Pois vem cá, homem do diabo, que querias tu que eu fizesse n'este caso?

TRINTA E TRES — Queria que vossemecê tivesse mais juízo do que elle.

SARGENTO — Pelo inferno! Pois aquillo era cousa que se soffresse? Pôr assim em desprezo minha filha, e fazer pouco caso de mim! Lá que um homem haja de perder assim um amigo velho, por quem déra os olhos da cara, não sei lá porque nomes herejes d'Affonsinos, vá; mas que ainda em cima a filha ande ahí a finar-se por um homem não querer soffrer uma entaladella d'estas, pelo inferno, que não se soffre, entendes?

TRINTA E TRES — Soffre-se tudo, com mil demonios, quando queremos salvar a vida d'uma filha. Pois vossemecê não percebe que sua filha morre de paixão por Luiz Vasques?

SARGENTO — Como assim?... Isso não póde ser, homem!

TRINTA E TRES — Pois vossemecê nega aquillo que eu vi mesmamente com estes que a terra hade comer?

SARGENTO — Não póde ser, não póde ser, entendes?

TRINTA E TRES — Pois é, pois é com um milhão de... Até no dia em que vossemecê foi para Braga, fallou ella com o morgado alli no largo, á nossa porta! E, pelo inferno, não me diga que não, que fui eu que a levei lá... e presenciei tudo!

SARGENTO (*no auge da cólera*) — Tu, traidor!

TRINTA E TRES (*fitando o sargento com altivez*) — Eu, sim, senhor! e não me arrependo e tenho

dito. Vossemecê imagina que eu sou capaz de deixar morrer a pequena, só porque vossemecê é um casmurro, um homem de mau genio, sem alma, nem consciencia? E não me diga que não, com um milhão de diabos! Vossemecê é um mau pai, porque quer matar sua filha; porque ella morre, digo-lh'o eu... porque quer muito áquelle bom rapaz... e porque vossemecê não tem alma, nem consciencia. Vossemecê não é mais amigo d'ella do que eu que a vi nascer... E tenho dito. Vou-me embora d'esta casa... não quero aqui estar mais tempo... porque ella morre... e morre por sua causa. Vou-me embora, tenho dito... porque ella morre... e eu quero-lhe muito... morre... e... (*Não pôde continuar, tremem-lhe os labios e acaba chorando*).

SARGENTO (*em completa transição da raiva á amizade, tambem muito commovido*) — Mas escuta cá, homem; minha filha não morre... isso não pôde ser... entende?

TRINTA E TRES — E' como lhe digo.

SARGENTO — E' como dizes, por vida minha! Eu sou um pedaço d'asno! Mas, olha, senta-te aqui, homem... Mas, então como ha-de ser isto?... Responde, homem, se ella nos morre, como ha-de ser isto?

TRINTA E TRES — Como ha-de ser isto? Deixar-me fazer o que eu quizer, porque em fim eu quero-lhe como filha. Não diga vossemecê nada; não dê largas a esse seu maldito genio, e quando eu fallar do Luizinho, diga-lhe muito bem d'elle, finja que lhe quer muito.

SARGENTO — Qual finja, nem qual diabo! Se lhe quero verdadeiramente, se quero como a um filho, entendes? Tu bem o sabes, Trinta e tres.

TRINTA E TRES — E bem o merece elle que quer muito á nossa Camilla.

SARGENTO — E ella, homem, se ella nos morre?!

TRINTA E TRES — Qual morre, nem qual diabo, não se morre assim!

SARGENTO — E' o que eu digo, Trinta e tres, não se morre assim.

TRINTA E TRES — Eu prometti ao Luizinho... *(Batem á porta. Os dous olham-se em silencio. Tornam a bater).* Quem está ali?

FERNÃO *(fóra)* — Abre, João, sou eu. *(O sargento-mór abre a porta).*

SCENA IV

Os mesmos e Fernão Silvestre

SARGENTO *(abraçando-o)* — Ah! és tu, compadre! Quem diabo o havia de dizer... a estas horas!...

FERNÃO *(com ironia)* — Bem vês, João Peres, que sem ser á noite, o jacobino, o traidor á patria, não póde descer da planura d'Airó. As horas a que descem os mochos e as corujas estou menos arriscado a ser corrido como lobo por estes patriotas lapões do teu couto!

SARGENTO — Marotos!

FERNÃO — Dá-me um trago de vinho, Trinta e tres. Estou cansado e preciso refocillar as forças. Andei avisando os nossos camaradas de que estejam promptos á minha voz. *(Bebe).*

SARGENTO — Sabes da morte do general Freire?

FERNÃO — Sei de tudo quanto se tem passado, porque tenho gente em toda a parte. Agora escuta, meu amigo. As scenas passadas em Braga provam-nos que os francezes podem chegar a cada

momento; porém, não é esse o maior perigo, por agora, mas sim um inimigo poderoso que trabalha irritando a furia da população contra a familia de Encourados e contra a tua.

TRINTA E TRES — Adivinho de quem se trata.

FERNÃO — De Braz de Paiva. Meu sobrinho Luiz contou-me os motivos d'aquelle infame procedimento. Mas não perçamos tempo com palavras. Victima dos inimigos ou da ira da população, a tua casa não está segura. Acho melhor que tua filha se recolha ao paço de Encourados.

SARGENTO — Depois das scenas passadas, compadre?... Bem sabes...

FERNÃO — Sei que esperava encontrar-te com mais siso. Queres sacrificar tua filha aos perigos que lhe arma o teu capricho louco e desatinado? Queres deixar Camilla entregue a um assalto do populacho. Como se o paço de Encourados não fosse mais capaz de resistir até ás proprias partidas dos francezes! Ouves o que eu te digo?

SARGENTO — Ouço. Faze o que quizeres.

FERNÃO — Muito bem. Estou convencido e digo como o grande poeta:

*Que em casos tão estranhos, claramente
mais peleja o favor de Deus, que a gente!*

Com tudo a casa não deve ser abandonada e devem ficar a defendel-a os teus criados, entretanto que nós nos avisemos melhor sobre o caso. As janellas são seguras e as portas magnificas. Ha provisões de bocca e polvora bastante. (*Batem á porta*).

SARGENTO — Quem será?

FERNÃO — Quem está ahí?

DE PROFUNDIS (*fôra*) — *De profundis clama-
vi, requiem eternum.*

OS TRES — *De profundis!* (Trinta e tres abre a porta).

SCENA V

Os mesmos e De profundis

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi, requiem eternum!* Fernão Silvestre! Ah! encontrei-o!

FERNÃO — Procura-me, Francisco?

DE PROFUNDIS — Luiz Vasques escreveu. (*Entrega-lhe uma carta*).

FERNÃO — O que será isto? (*Lendo*). «Tio Silvestre, preciso fallar-lhe já. A obra da destruição começada por Braz de Paiva pôde continuar se a não aniquilarmos immediatamente. O epitheto de jacobinos roe na reputação dos bons patriotas e o povo é cego. Nada resolvo sem a sua presença. Os seus homens esperam-no, mas em todo o caso não venha só. Se ali está João Peres que o acompanhe. Diga-lhe que lhe juro sobre a cruz sagrada de Camilla que serei esposo d'ella... ou da morte. Parta para resolvermos a defeza de tudo que nos é mais caro. Diga mais a João Peres, que se o odio o domina ainda contra meu pai, minha propria mãe irá pedir-lhe de joelhos que nos receba como defensores de Camilla. *Luiz Vasques.*»

SARGENTO-MÓR e TRINTA E TRES — Oh! que nobre fidalgo!

FERNÃO — Nada de commoções que não temos tempo para tanto. Vamos, sargento. Medo não tenho, mas se a minha vida é precisa escudemol-a com o teu valor.

SARGENTO — E pelo inferno que has-de chegar na santa paz ou mato o primeiro que se atravessar

na frente. Trinta e tres, continuas a ser o pai de minha filha.

TRINTA E TRES — Vá, com um milhão de diabos! que o primeiro que me cheirar a fechadura ha-de cheirar-lhe a polvora com uma bala pelas ventas!

FERNÃO — Vamos. Dentro d'uma hora estaremos de volta. Vou seguro porque tu ficas. *De profundis*, aonde está Luiz Vazques?

DE PROFUNDIS — Perto do paço d'Encourados.

SARGENTO — Vamos. (*Sahindo*).

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi, requien eternum.*

SCENA VI

Trinta e tres só, depois Chanisco

TRINTA E TRES (*fechando as portas*) — Por aqui não entram elles. Agora toca a pôr as cousas em ordem, que ás vezes o diabo é negro! (*Chamando*). Chanisco, oh Chanisco?

CHANISCO (*dentro*) — Eh!

TRINTA E TRES — Vem cá, Chanisco.

CHANISCO (*dentro*) — Lá vou.

TRINTA E TRES — Olhem lá como elles estão alerta! Não que o medo dos francezes não deixa dormir ninguém. Bem. Agora toca a mandar preparar as armas e elles que venham que cá está o Trinta e tres.

CHANISCO — Que temos de novidade?

TRINTA E TRES — Chama a nossa gente, distribue-lhe as armas e que venham dormir para aqui.

CHANISCO — O que é isso, Trinta e tres, são já francezes?

TRINTA E TRES — Não, homem. Não morras já p'ra ahi de medo. É para guardarmos aquella porta, se alguém quizer entrar sem minha licença.

CHANISCO (*sahindo*) — Olá, rapazes!

TRINTA E TRES — Este não é dos peores. Dos outros é que eu tenho medo, que não vale nenhum o recruta mais medroso do meu tempo. (*Suswro dos criados dentro*). Os malditos fazem uma bulha que são capazes de acordar a Camillinha!

JABEL (*dentro*) — Ai! meu Deus! Serão elles, serão os jacobinos?

TRINTA E TRES — Eu não digo! ahi está a Jabel a gritar. Os diabos a levem. (*Para dentro*). Façam menos bulha, endiabrados!

CHANISCO (*entrando*) — Prompto, Trinta e tres, estamos todos promptos. (*Entram os criados armados todos de espingardas*).

TRINTA E TRES — Bom, rapazes, é deitar para ahi, que eu fico de sentinella. Quando ex os chamar é logo arriba ou racho-os de meio a meio.

SCENA VII

Os mesmos, Jabel e depois Camilla

JABEL (*espavorida*) — Ai! são os jacobinos, camarada? São os bichos assanhados? Ai! que morremos todos!

TRINTA E TRES — Cale essa bocca, excommungada, que pôde acordar a menina.

JÁBEL — Ah! a menina já se levantou assustada! Eu logo a avisei que tinham chegado os francezes! Ella ahi vem.

TRINTA E TRES — Os infernos te confundissem, velha maldita.

CAMILLA — Meu Deus? Aonde está meu pai? Trinta e tres, que significa isto?

TRINTA E TRES — Não se assuste, Camillinha, estou eu aqui, isto, é só uma prevenção. Seu pai foi ao paço d'Encourados fallar a Luiz Vasques.

CAMILLA (*com alegria*) — A Luiz! (*Rumor fóra*). Oh! não, quer enganar-me... ouço rumor lá fóra!

JABEL — Valha-me Nossa Senhora.

CAMILLA — Diga-me, diga-me se é meu amigo. Meu pai e Luiz correm algum perigo, diga?

TRINTA E TRES — Não, não! (*A' parte*). E o rumor augmenta! (*Alto*). Oh! afianço-lhe que nem o proprio Satanaz seria capaz de entrar aqui. E vossês, rapazes, façam o que eu fizer, e quem me vir ter medo, — com trezentos diabos! — dê-me um tiro que lhe perdão a morte! (*Batem á porta*).

CAMILLA — Batem áquella porta.

JABEL — Ai, que nos vem buscar, minha menina.

TRINTA E TRES — Cale-se, com um milhão de diabos! Não tenha medo, Camillinha. Se quer, retire-se ao seu quarto e esteja socegada.

CAMILLA — Não, terei valor. Entrego-me á mercê de Deus! (*A' parte*). E porque não ha-de perigar a minha vida, se a tua está em perigo, meu Luiz. (*Tornam a bater*).

TRINTA E TRES — Quem está ahí?

UMA VOZ — Amigo, preciso fallar-lhe.

TRINTA E TRES — Não conheço flamengos á meia noite. (*Baixo*). Rapazes, espreitem pelo postigo e apontem as espingardas.

A VOZ — Da parte do principe regente nosso senhor, ordeno-lhe que abra as portas.

CAMILLA — Meu Deus!

TRINTA E TRES — Qual principe, nem qual dia-

bo, retirem-se ou descarrego! (*Ouve-se maior susurro e tiros disparados contra a porta*).

CAMILLA E JABEL (*dando um grito*) — Ah!

CAMILLA — Estou agoniada! Isabel, Isabel! Eu morro! (*Desmaia*).

TRINTA E TRES (*como fóra de si querendo tratar de Camilla e começando o fogo*) — Camilla, Camilla! Fogo, Chanisco, fogo, rapazes, por todas as frestas! — Vai buscar agua, velha do diabo! Firmes! fogo! (*Os criados mettem as espingardas pelas frestas*). Camilla, minha Camillinha! O' Chanisco, estás com trombas de medo, firme, senão racho-te!

ALGUMAS CRIADAS (*entrando*) — Meu Deus! Oh! salve-me, salve-me, Trinta e tres!

TRINTA E TRES (*rodeado de mulheres*) — Larguem-me, larguem-me, feiticeiras!... Fogo, fogo! rapazes! (*As mulheres*). Se me dão mais um grito metto-lhes um tiro pela bocca dentro. Levem Camilla e fechem-se no quarto d'ella. Ninguem lá irá, estejam descansadas! A elles, rapazes! E' carregar e fogo!

JABEL e AS CRIADAS — Valha-nos Deus! Valha-nos Nossa Senhora!

TRINTA E TRES — Levem Camilla e tratem d'ella. Molhem-lhe as fontes com vinagre. (*As criadas levam Camilla e Trinta e tres corre á porta do fundo*). Aqui, Chancudo, aqui almas do diabo! que a porta já dá de si! (*Mettem as espingardas por uma das setteiras da porta*). Fogo! (*Ouve-se o tiro e grande susurro*). Cahiram uns poucos! Animo! A porta não poderá resistir por muito tempo! Aqui é que eu os quero vêr. Se eu morrer, corram para o quarto da menina, pelo inferno! se me deixam chegar alguém a ella, racho-os! (*Ouvem-se grandes pancadas na porta*). Ah! estabeleceram um vai-vem

d'encontro á porta. Fogo, rapazes! (*Grande susurro, galopar de cavallos e gritos*). Mas que é isto? estas vozes.

FERNÃO (*dentro*) — A elles, rapazes, que não escape um só! Viva o sargento-mór de Villar!

TRINTA E TRES — Vivas ao sargento-mór! Cesar fogo! que me parece que são os nossos. (*Vozes confusas*). Sim, é a voz do meu sargento!

FERNÃO (*fóra, lutando*) — Pelejai, verdadeiros portuguezes!

TRINTA E TRES (*escutando*) — Fernão Silvestre... Luiz Vasques e Vasco Mendes! Ah! com um milhão de balas se os vejo aqui reunidos é este o dia mais feliz da minha vida! Dêem-me então com uma bala que eu entrego contente a vida, pela vida da minha Camillinha.

VASCO (*fóra, batendo*) — Abram! abram! E' Vasco Mendes d'Encourados! E' o sargento-mór!

TRINTA E TRES — Sim, é a voz do fidalgo. Ajudem a destrancar a porta.

SARGENTO — Abre, Trinta e tres! Sou eu!

TRINTA E TRES — Bem sei, já os conheço... mas esperem que os malditos voltaram as guardas á fechadura!

JABEL — Ainda ha muito perigo, Trinta e tres? A menina Camilla voltou a si e não ha quem a possa suster. Quer por força vir aqui!

TRINTA E TRES — Pois que venha: já não ha perigo. Diga-lhe que está cá o snr. Luiz. (*Abre a porta*).

JABEL — Ella ahi vem!

SCENA VIII

Os mesmos, Luiz Vasques, Camilla, Vasco Mendes, Fernão Silvestre, D. Luiza, homens do campo, alguns com armas, outros com archotes.

CAMILLA — Luiz? (*Vendo-o*). Ah! meu Luiz! (*Lançando-se nos braços d'elle*).

LUIZ — Camilla, minha Camilla adorada! Como é venturosa esta hora em que te aperto nos meus braços!

D. LUIZA (*beijando-a*) — Querida filha!

CAMILLA — Minha mãe... (*Emendando*). Oh! perdôe-me minha senhora!

D. LUIZA — Oh! chama-me, chama-me assim que és digna d'isso!

CAMILLA — Minha mãe! (*Chora nos braços d'ella*).

VASCO — Perdôa-me, Camilla, o mal que te causei! O orgulho do fidalgo curva-se diante d'um amor tão santo, minha filha!

CAMILLA — Oh! snr. D. Vasco! (*O sargento está com o lenço nos olhos commovido vendo esta scena*).

VASCO — Aperta agora a minha mão, João Peres. Não me queiras mal.

SARGENTO — Com mil diabos! Eu podia lá querer-lhe mal, fidalgo? Se eu sempre fui seu amigo! (*Abraça-o chorando*).

TRINTA E TRES — Então agora chora?

SARGENTO — Deixa-me chorar com um milhão de raios do inferno! E' porque estou contente, entendes?

TRINTA E TRES — Entendo... entendo que vos-

semecê é um casmurro... que já podíamos estar no solar de Encourados e eu não estava agora com este hombro mettido dentro por segurar a porta áquelles marinellos!

FERNÃO — Aperta a minha mão, Trinta e tres! Praticaste uma defeza corajosa. Eu bem te disse, João Peres, que o nosso maior inimigo era... o amor d'aquellas crianças! Eu bem vi á luz dos archotes a cara sinistra do malvado!

LUIZ — Oh! sim, apostava a minha vida que não nos tínhamos enganado. Era elle... era o miseravel que tem empregado todos os meios para lhe roubar a fortuna, João Peres, e que a justiça de Deus não castigou ainda.

SCENA IX

Os mesmos e De profundis trazendo
Braz de Paiva ferido

DE PROFUNDIS — Castigou-o já.

ALGUNS — *De profundis!*

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi, requiem eternum! (Põe Braz no chão).*

LUIZ — Braz de Paiva ferido?!

BRAZ DE PAIVA (*com a voz sumida*) — Eu morro!

FERNÃO — Morre, miseravel!

DE PROFUNDIS (*com furia*) — Ninguem lhe toque... Pertence-me... e eu quero que elle viva! E' o assassino de meu filho... mas é meu irmão!

FIM DO TERCEIRO ACTO

11. [Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

[Illegible text]

ACTO IV

O paço d'Encourados. Mobilia condigna. Qualquer sala no
estyllo das casas nobres do Minho. E' noite

SCENA I

Vasco Mendes, Sargento-mór, Luiz Vasques,
Camilla e D. Luiza

*(Ao levantar o pano ouve-se o troar da artilheria.
Camilla sentada conversa com Luiz, D. Luiza
sentada trabalha n'uma mesa a um candieiro.
Sargento e Vasco Mendes estão sentados tambem).*

VASCO — E tu a teimares; não acredito. Por
mais que te esforces, meu amigo, não me fazes dis-
sipar o desgosto de ter perdido a tua amizade.

SARGENTO — Mau, fidalgo! Eu não o trato da
mesma fórmula? Olhe, quer que lhe diga, entende?
O acolhimento carinhoso com que D. Luiza rece-
beu Camilla, a sinceridade e franqueza de coração
lavado com que o fidalgo a levou nos braços e lhe
chamou filha, deram-me de subito com toda a ma-
china do agastamento em terra! Entende?... Ora

aqui tem, e tenho dito. Sabe porque eu estou assim casmurro? E' porque receio que o meu amigo Trinta e tres tenha morrido com alguma bala dos jacobinos. Ha dous dias que não recebemos noticias d'elle. Má idéa teve elle de partir para Braga. Eu bem lhe dizia: Trinta e tres, vê o que fazes?... Olha que é melhor o paço de Encourados, do que a metralha dos jacobinos, entendes? Mas o Trinta e tres não podia estar quieto desde que minha filha não precisava já dos seus cuidados. E lá se marchou para Braga o meu amigo e quem sabe se a esta hora... sim, quem sabe se... entende?

VASCO — O Trinta e tres ha-de voltar, descansa, que os valentes de Belder não morrem assim.

SARGENTO — Isso é pelo melhor. Era bem bom que assim fosse. (*Fica pensativo*).

LUIZ — Não estejas assustada, Camilla. Se os francezes entrarem o paço de Encourados ou o solar dos nossos primos na Villa da Feira ser-te-hão abrigo seguro. Tranquillisa-te, Camilla da minha alma.

CAMILLA — Meu Luiz, não devemos pela nossa felicidade esquecer as dôres alheias; quantas mães choram n'esta mesma hora a perda dos seus filhos queridos! Quantos orphãos, quanta viuvez não nos apresenta este quadro de desolação e fome!

LUIZ — Consola o teu coração bondoso com a idéa de que Deus receberá os martyres e enxugará as lagrimas dos pobres opprimidos.

D. LUIZA — Ouve-se mais distinctamente a artilheria, não é verdade, sargento?

SARGENTO (*levantando-se*) — Pela minha vida que é a verdade, fidalga... (*Indo á janella*). Sabe que mais, snr. Vasco Mendes, a artilheria sôa para os lados do Carvalho d'Este, entende? Com

um milhão de raios, que aqui estamos nós de gaiola sem ninguém que nos diga nada! O' snr. Luiz?

LUIZ (*levantando-se*) — Sargento-mór?

SARGENTO — Ora escute, escute fidalgo. Não ouve fuzilaria?

LUIZ — E' verdade, afigura-se-me que o fogo alcança até á serra da Falperra. (*Rumor dentro*). Que rumor é este? Soldados e ordenanças fugitivas, não vê?

CAMILLA — Meu Deus!

SARGENTO — Lá entra o Manoel no portão. Manoel, ó Manoel, porque foge essa gente? Que novidades ha?

UMA VOZ — Os francezes romperam as linhas!

SARGENTO — Romperam as linhas, fidalgo, entende? Quer dizer que estão alli, estão cá! Ah! com um milhão de raios que me vou a elles e em quanto se não quebrar nas minhas mãos esta espada de Belver, mato tudo que me cheirar a jacobino, entende? A espada de Belver.

VASCO — O seu lugar é aqui, sargento-mór. O paço d'Encourados precisa defender-se e não podemos assim dispensar um valente soldado como é João Peres Villalobos.

SARGENTO — Tem razão, a minha vida pertence-lhes.

VASCO — Diga antes que pertence a sua filha.

CAMILLA — Oh! meu querido pai, não nos deixe, não?

SARGENTO — Mas quem é que pensa em tal, com um milhão de raios? A minha vida é de Camilla, do meu Luizinho, e tambem dos meus fidalgos, porque o digo eu e quem me disser que não, racho-o com todos os diabos! Entendes?

LUIZ — Dirige-se para aqui um homem a cavallo. Ah! é meu tio Fernão Silvestre!

SARGENTO (*com alegria*) — Elle! Ah! viva o meu compadre Fernão Silvestre e morram os jacobinos! Lá se apeou.

VASCO — Deve trazer-nos noticias.

SARGENTO (*correndo á porta da entrada*) — Compadre, corra com todos os diabos! Quando se trazem noticias frescas não se chega assim a pisar ovos, entende?

FERNÃO (*dentro*) — Lá vai, João Peres, lá vai.

SCENA II

Os mesmos e Fernão Silvestre

FERNÃO (*entrando com uma carta*) — Noticias do Trinta e tres.

SARGENTO — Está vivo?

FERNÃO — Aqui está uma carta d'elle.

SARGENTO — O que eu pergunto é se elle está vivo?

FERNÃO — Pois se elle estivesse morto não escrevia, homem.

SARGENTO — Bem era de suppôr. Vamos a ouvir.

FERNÃO — A carta não alcança senão até antes de hontem. Chegou agora porque o homem que a trazia, demorou-se no Carvalho d'Este e só hoje fugiu de lá, trazendo tambem a noticia de que os francezes romperam as linhas. Ouçam. (*Lendo*). «O inimigo atacou o Carvalho d'Este hontem, 17, com pouco energia e como quem esperava não encontrar resistencia. Em consequencia da pouca gente que empenhou na acção e de não empregar artilheria, retirou com alguma perda. Hoje atacou com mais força. A peleja foi bem ferida d'ambos os lados. Os francezes deixaram morto no campo

o general Carvoisieu, cuja cruz da legião de honra foi entregue ao general barão de Eben por um soldado da legião lusitana. Depois do ataque o general francez mandou um parlamentar ao barão d'Eben, que o reteve prisioneiro dando ordem aos postos avançados que fizessem fogo sobre qualquer francez que se aproximasse. As nossas forças são por ahí uns vinte mil homens; dous mil de linha, o resto das ordenanças e povo mal armado. Tenciono partir amanhã porque entendo que está tudo perdido. Se alguém se me atravessa no caminho a impedir que eu vá abraçar o meu querido sargento-mór, racho-o com todos os diabos! E tenho dito. *Rodrigues.*»

SARGENTO — E que nunca as mãos te dêam, Trinta e tres, entendes?

FERNÃO — A carta esteve retardada, por tanto como não veio hontem deve de certo chegar hoje. (*Rumor dentro*).

LUIZ (*indo á janella*) — Que porção de povo que foge do lado do Carvalho! Vê-se perfeitamente á luz dos archotes. Estão a bater no portão do pateo.

VASCO (*gritando á janella*) — Manoel, não abras, não abras sem saber quem é.

SARGENTO — Não abras, com um milhão de diabos, olha que se abres, racho-te marinello, entendes? (*Batem*).

VOZ (*fóra*) — Quem está ahí?

TRINTA E TRES (*fóra gritando*) — Sou eu, sou eu, meus fidalgos. E' o Trinta e tres.

SARGENTO — O Trinta e tres!

VASCO — Não lhe conheci bem a voz. Não abras, Manoel.

VOZ (*fóra*) — Quem está ahí?

TRINTA E TRES (*fóra*) — O Trinta e tres! o

Trinta e tres! Com mil raios! agora sou o Noventa e nove. Ah! não abrem? Escalar a fortaleza! Direita volver, em frente, ordinario, marche!

SARGENTO — E' elle, fidalgo, é elle, entende? Abre, Manoel. Abre marinello, entendes?

TRINTA E TRES (*fóra*) — Agora já não preciso dos teus favores.

LUIZ — E' elle, lá está subido em cima do muro.

SARGENTO — Trinta e tres! ó Trinta e tres!

TRINTA E TRES (*fóra*) — Ora vivam lá, meus fidalgos. Arreda-te debaixo, olha que te salto em cima!

SARGENTO (*correndo á porta*) — Não desmiente os valentes de Belver! Por aqui, por aqui amigo.

SCENA III

Os mesmos e Trinta e tres

TRINTA E TRES (*entrando fardado e todo coberto de pó*) — Ora venha de lá esse abraço!

SARGENTO — E já me fazia falta, entendes? Maroto! se me tornas a deixar, racho-té, entendes?

TRINTA E TRES — Não haja medo, por aonde eu entrei, não entram os jacobinos. Meus fidalgos... Camilla!

CAMILLA (*com alegria*) — Trinta e tres! (*Este vai para abraçar-a e sustem-se*).

TRINTA E TRES — Perdoem-me!... é que eu quasi que a vi nascer... (*Enternecido*). Se o meu sargento... e o snr. Luiz dessem licença!

SARGENTO — Abraça-a, com todos os diabos! Isto até consola um pai: ter um amigo assim, entendes?

TRINTA E TRES (*alegremente*) — Em frente, ordinario, marche! (*Corre a Camilla e beija-a*). Camillinha!

CAMILLA — Meu amigo!

TRINTA E TRES (*enxugando uma lagrima*) — Com mil balas! Consola isto mais do que um posto de coronel! Ouçam, meus fidalgos. Está tudo prevenido? Estão tomadas todas as providencias para a defeza d'esta casa?

LUIZ — Tudo está a postos, meu amigo, não ha de que recear. Se os amotinados vierem, se vierem os francezes, todos encontrarão aqui resistencia digna de soldados, aqui hão-de achar o que vale como diz o grande poeta:

..... *fulgente e armado*

O Mavorte feroz dos portuguezes!

TRINTA E TRES — Por toda a parte por onde passei, desde Braga até aqui, não se falla n'outra cousa mais do que em vir dar cabo d'este ninho de jacobinos e traidores, que assim denominam elles o paço d'Encourados.

D. LUIZA e CAMILLA — Oh! meu Deus!

D. LUIZA — Não sei o que me adivinha o coração.

LUIZ — Socegue, minha mãe.

TRINTA E TRES — Por todas as freguezias dos arredores, é um brado unisono de rancôr, contra esta casa. Em toda a parte se fazem ajuntamentos e reuniões contra ella. Esta noite ou amanhã pela manhã a populaça das freguezias circumvisinhas estará aqui reunida em grande força, se os francezes não chegarem primeiro.

LUIZ — Pois que venham os miseraveis que fogem ao inimigo, que lhes assassina os filhos e só

tem força para assassinar os proprios irmãos! Que venham aquelles que assim enlutam as paginas da historia d'um povo, agitando em proveito de seducção e roubos o facho da anarchia, sem lhe importar que o inimigo desfralde a bandeira da victoria na patria em que nasceram! Que venham os instrumentos cegos manejados pela mão occulta, que trabalha o aniquilamento dos verdadeiros liberaes! Que venham! que nós todos, como um só homem, havemos de disputar-lhes á custa do sangue os nossos bens, a nossa honra!

SARGENTO — Bravo, fidalgo! E cá está a espada de Belver, com um milhão de... entende? Conte commigo. Eu sou o que sou... e mais não digo. Tenho dito!

FERNÃO — Que julgas pelo que viste, Trinta e tres? Está tudo perdido?

TRINTA E TRES — Concedam-me licença. O cansaço e a agitação quebraram-me. (*Senta-se*). Está tudo perdido. A gente que defendia o Carvalho d'Este dispersou em todas as direcções, enfiada pela derrota e pela convicção, de que foi atraçoada pelas manobras d'aquelles que ella appellida jacobinos e traidores. Estão por ahi a arder muitas casas e tem sido assassinada muita gente. Os soldados da legião e os milicianos reúnem-se em magotes ás turbas furiosas e praticam todos os desacatos imaginaveis. E, com tudo, é mister confessal-o, bateram-se bem, combateram em quanto tiveram pólvora e bala. Na Falperra bateram-se até á baioneta e á faca. O pomar de apar do convento custou rios de sangue aos francezes. Muito fizeram elles, fizeram o que eu nunca cuidei que fossem capazes de fazer. Povo mal armado raras vezes resiste tanto tempo a soldados disciplinados e que tem roído muito cartucho em batalhas.

LUIZ — Mas em fim, forçaram as linhas?

TRINTA E TRES — Forçaram com um milhão de cartuchos! Às dez horas estava tudo em completa derrota. Vi desde logo que nada mais tinha a fazer alli e não sei o que me chamava o coração para Braga. Ah! fidalgos! Nunca em minha vida pensei vêr tal cousa. Quando cheguei disseram-me que estavam a matar os presos do aljube. Corri lá, já tinham fuzilado sete. O povo fazia-os sahir a um e um e fuzilava-os immediatamente.

CAMILLA — Oh! que horror, minha mãe!

TRINTA E TRES — Já tinham morto o corregedor de Braga e o de Barcellos e Azevedo de Mello. Eu estava horrorisado sem saber o que fazer, quando me sinto puxar para o lado. Quem havia de ser? O louco *De profundis*.

LUIZ — *De profundis* em Braga!

TRINTA E TRES — Eu lhe conto, Luizinho. Hontem á noite o povo foi a Santa Maria e prendeu o conego Valentim.

LUIZ — O conego Valentim!

TRINTA E TRES — Depois de o levarem preso para Braga, quizeram matal-o. *De profundis* seguiu o povo até lá...

LUIZ — E mataram o conego?

TRINTA E TRES — Não mataram, consegui salvar-o.

SARGENTO — Tu?! Nunca as mãos te dêam. O conego é um grande homem, por alma de meu pai. E tu fizeste o que devias, entendes? Sei o que digo, e vai com esta.

TRINTA E TRES — Ao encontrar-me *De profundis* disse-me: «O conego Valentim está alli preso.» E adei? — «Espero salvar-o.» Tu? — «E vossemecê vai ajudar-me a salvar-o.» Eu? — «E se não vem, vou eu só.» E dizendo isto arremetteu por

entre a multidão. Sigo-te com um milhão de balas, disse eu, correndo atraz d'elle. E segui-o. D'a-hi a meia hora com a ajuda d'um soldado que foi nosso companheiro na batalha de Belver, o conego Valentim estava salvo. *De profundis* desappareceu com elle e nunca mais os tornei a vêr. (*Rumor fóra*).

ALGUNS — O que é isto? (*Correm á janella*).

CAMILLA (*assustada, á parte*) — O' minha mãe, tu, na habitação dos justos em que descansas em paz, ora a Deus pela vida do meu Luiz.

LUIZ — E' o Manoel e os criados que prohibem a entrada no pateo a um homem em mangas de camisa.

VOZ (*fóra*) — Para traz, ou descarrego!

LUIZ — Traz um archote na mão. Ah! é Francisco. (*Gritando*). Deixem-n'o, deixem-n'o. Por aqui, por aqui, meu amigo. Vem com elle um homem que não conheço. (*Todos esperam com anciedade*).

SCENA IV

Os mesmos, De profundis e Valentim

DE PROFUNDIS (*entra com um archote na mão, em mangas de camisa e collete de baetão*) — *De profundis clamavi... requiem eternum!* Aqui, padre... aqui ninguem o mata!

VALENTIM (*entrando*) — Ah! meus amigos!

ALGUNS — O snr. padre Valentim!

VALENTIM — Snr. Vasco Mendes, deixe que primeiro agradeça a este valente soldado! Obrigado, Trinta e tres! A ti eu devo a minha vida... a ti e a elle! (*Indica o louco*). Obrigado, Francisco! (*Harmonia na orchestra*).

DE PROFUNDIS (*olhando todos espantado, collocando-se, encobrindo o corpo de Valentim com a sua figura como quem receia que lhe façam mal*) — Não lhe façam mal, não!... Não quero! Foi elle quem baptizou o meu filho... o meu querido filho! E elle matou-o! (*Com ferocidade*). Maldito! Vive ainda! Luiz... eu fui pô-lo á porta dos paes... e salvaram-n'o... A ferida não era grave! Deus não castiga os maus... Meu filho!... Como era lindo!... Luiz... meu amigo, quando tenhas um filho deixas-me beijal-o?... Sim, tu és bom!

CAMILLA — Pobre louco!

DE PROFUNDIS (*chegando-se machinalmente a Camilla*) — Camilla, has-de ser feliz... meu filho pede a Deus por ti. (*Dando uma gargalhada*). Ah! ah! ah! (*Cresce o rumor fóra*). Será elle?! *De profundis clamavi requiem eternum!* (*Salta a correr*).

VASCO (*depois de ter ido á janella*) — Luiza, é preciso que te recolhas ao teu quarto. Quem sabe o que vamos passar e por isso deixa-nos trabalhar sósinhos. A presença das senhoras não é conveniente n'este desassocego!

LUIZA — Eu vou, meu Vasco. Deus ha-de velar sobre quem é bom.

CAMILLA — Luiz... adeus. Adeus, meu pai.

LUIZ — Não desanimas, Camilla. A presença do snr. Valentim dar-te-ha animo para esperar que nos defendamos como heroes. Quer acompanhá-la, padre!

VALENTIM — Recebo as suas ordens, fidalgo! (*O rumor augmenta*).

VASCO — Vão, vão, que os momentos são preciosos.

CAMILLA (*baixo*) — Luiz, conserva sempre junto do coração a cruz d'ouro de minha mãe!

LUIZ (*beijando-a*) — Deus é por nós, amor da minha alma. (*Sahem Camilla, Luiza e Valentim*).

SCENA V

Vasco, Fernão, Sargento, Trinta e tres, Luiz e depois De profundis

SARGENTO — Por minha vida, fidalgo, que nunca senti tanta vontade de provar a esses marinelllos o que são os valentes de Belver, entende? Compadre, commande a fortaleza com pericia, que encontra soldados mais firmes do que pinheiros. E vá com esta, com um milhão de raios!

VASCO — Teremos antes d'isso de apartar-nos: é-nos mais conveniente.

SARGENTO — Sahir d'aqui? Isso perdôe, fidalgo! e aqui está o Trinta e tres, entende...

TRINTA E TRES — Por minha vida que não são d'aqui. Isso é que não, sargento-mór. O veterano das campanhas da liberdade não abandona assim o posto.

DE PROFUNDIS (*entrando*) — *De profundis clamavi!* Muito povo... muito povo... vem cá... *De profundis clamavi...*

LUIZ — Francisco, Francisco! Explica-te, meu amigo.

DE PROFUNDIS — Gritos: Estão cá os jacobinos... Vem deitar fogo ao paço... muito povo... soldados da legião... Esta noite... *requiem eternum!*

FERNÃO — Vasco, meu irmão, é preciso tomar providencias. Quem sabe o que acontecerá? E' necessario pôr as mulheres em segurança. D'aqui a duas horas devem partir para a Villa da Feira. Tu, sobrinho, e tu, João, vão com ellas para as guardar.

SARGENTO — Alto ahi, compadre. Eu não sou homem que volte as costas, nem na frente do proprio diabo!

LUIZ — Eu não desamparo meu pai, na hora do perigo!

FERNÃO (*com rispidez*) — Silencio, sobrinho! Esta não é hora para attender a caprichos, nem para combater imaginações desatinadas que repugnam com o bom senso e com a prudencia! Nem eu, nem Vasco Mendes precisamos de mais ninguém para defender o solar de nossos paes. Parte, João Peres, é preciso que partas. Apesar da fortaleza d'esta casa não se póde prevêr o que acontecerá, e Camilla não deve ficar exposta aos azares dos acontecimentos que vão dar-se. E' necessario que tua filha saia d'aqui para lugar mais seguro.

VASCO — Sim, partirás, pois, Luiz. Partirás para acompanhar tua mãe, porque bem vês que uma senhora não deve correr o risco do assalto que a populaça vai dar a esta casa. Para defendermos o solar d'Encourados não precisamos de ti; para ficar enterrados debaixo das suas ruinas, basta-nos eu e teu tio! Tu, vive, meu filho, para continuares o grande nome dos senhores d'Encourados! Partirão dentro de duas horas; vou dar as ordens convenientes. (*Vai para sair*).

GRITO (*fóra*) — Morram os jacobinos!

VASCO — Ouve-se o primeiro grito dos revoltosos. Fernão, arma a nossa gente. Luiz, participa a tua mãe a nossa resolução. João Peres, manda sellar os cavallos. (*Movimento. Sahem Fernão, Vasco e sargento*).

SCENA VI

Luiz, Trinta e tres e De profundis

GRITO (*fôra*) — Morram os jacobinos! (*Ourem-se tiros*).

LUIZ — Dispararam os primeiros tiros... Francisco, Francisco, não saias agora.

DE PROFUNDIS — Não, não... mataram o meu filho... querem matar-te também!...

LUIZ — Trinta e tres, vem commigo.

TRINTA E TRES — Vamos, meu fidalgo, um soldado de Belver não abandona o general.

SCENA VII

De profundis só e depois Braz

DE PROFUNDIS (*depois de pausa*) — Ah! ah! ah! querem matar os filhos ao povo! Bem hajam assassinos! Também mataram o meu. (*Com força*) Infamia, traição! Foi alli... alli... O barco leva o menino... pelo rio abaixo... As aguas vão turvas como as azas da morte. Elle lá vai... lá vai... leva o menino nos braços... e a barregã ao lado... Voltou-se o barco... Ah! acudam-lhe... acudam-lhe... Lá sorri a criancinha... Traidor! traidor! *Requiem eternum!* (*Pausa*). Rio de maldição! As tuas aguas excommungadas... sorvem os anjos e poupam os demonios! Lá sahe elle a nado... e a criancinha... meu filho... morto... morto! Aguas que correis, peixes que nadaes... areias que as soffreis... sêde malditas para todo o sempre! *Requiem eternum!* Rio maldito! Que nas tuas aguas corram os cadaveres... tantos... tantos como as areias do

mar... Que por onde passem empestem os campos e percam as almas! *De profundis clamavi!... Sê a sepultura do infame... Requiem eternum!... Requiem eternum! (Fica pensativo).*

BRAZ (*entrando cautelosamente*) — Não sei como não deram por mim. O fogo está lançado por todos os lados... Ah! senhor d'Encourados!...

DE PROFUNDIS (*á parte*) — O fogo! (*Occulta-se*).

BRAZ — Como as portas do seu palacio se abrem ao dinheiro do seu rival! Camilla está aqui!... Ha-de fugir por não sentir prazer em morrer quemada... e então a minha gente leval-a-ha. Que bella cousa não é a revolução para podermos satisfazer ambiciosos desejos de vingança! Luiz Vazques, jurei a tua perdição! Hei-de perder-te embora seja preciso assassinar-te!

DE PROFUNDIS (*caminhando para elle*) — Como assassinaste meu filho!

BRAZ (*horrorizado*) — Francisco!

DE PROFUNDIS — Não pronuncies o meu nome! Lá vai a criancinha pelo rio abaixo... Dêste-lhe a morte... e eu salvei-te... indo levar-te ferido á porta de teus paes. Que queres? *Requiem eternum!* Roubar-me o agasalho... os meus amigos... Não, porque espero beijar o filhinho da sua ventura! Vou matar-te! (*Puxa d'uma pistola e aponta-lh'a*).

BRAZ — Francisco, Francisco! Meu irmão!

DE PROFUNDIS (*abaixando a pistola*) — Sim, não posso vingar-me com o sangue de minha mãe! Por onde entraste... entrega-me a chave para que eu possa prohibir a entrada dos ladrões.

BRAZ — Aqui a tens, Francisco... mas deixa-me sair.

DE PROFUNDIS — Por alli, por alli. (*Indica-lhe a porta por onde entrou Braz, apontando-lhe a pistola*).

BRAZ (*sahindo*) — Colloca-te o inferno no meu caminho, maldito! (*Sahe*).

GRITO (*fóra*) — Morram, morram os jacobinos!

LUIZ (*entrando*) — Infames! Francisco, para quem apontas essa pistola?

DE PROFUNDIS — Para... (*suspendendo-se*) para o fogo!

LUIZ — Ah! João Peres, Trinta e tres? Venham, venham!

SCENA VIII

Os mesmos, Vasco Mendes, Fernão, Sargento e Trinta e tres. (Ouvem-se tiros e tumulto, depois Camilla e Luiza).

FERNÃO — Luiz, é preciso partir immediatamente!

LUIZ — Não, não partirei; só de meu pai recebo ordens. Que parta elle se acha que na familia pôde haver quem volte as costas ao perigo! Não partirei por Deus!

SARGENTO — Bravo, Luizinho! E cá está a espada de Belver e o valente Trinta e tres. Não partiremos!

FERNÃO — Por Christo! Quem manda então n'este solar? Não recebeu já a ordem de meu irmão? Que nobre fidalguia é essa, que assim desobedece aos paes?

SARGENTO — Com um milhão de balas! Partiremos, que o manda o meu compadre, entendem?

DE PROFUNDIS (*á parte*) — E Braz de Paiva está alli... E' preciso que elles fujam! (*Alto*). Foge... leva a tua Camilla... Eu fico em teu lugar.

LUIZ — Obedeço, meu pai, sim! Porque recear? Um senhor d'Encourados não desce á villania de

imaginar que o solar de seus paes possa ser calçado pelos villões das margens do Cavado!

VASCO — Sim, são esses os nossos conselhos; parte.

D. LUIZA (*entrando com Camilla e Valentim*)

— E tu tambem ordenas que eu parta, Vasco?

VASCO — E' preciso, Luiza!

GRITO (*fóra*) — Morram os jacobinos! (*Continua o susurro*).

D. LUIZA — E' preciso separar-me de ti? E' preciso que eu vá morrer longe do meu Vasco! Ha trinta annos que somos casados, esposo, e nunca estivemos um momento longe um do outro. Não consintas que depois de tanto tempo nos desunam. Vasco, se o solar póde resistir ao assalto, não é preciso que eu parta; se não póde, deixa-me morrer onde tu morreres.

SARGENTO (*á janella*) — Está lançado o fogo na adega e no celleiro. Com mil balas! Fogo! gente de Encourados! (*Tiros*).

LUIZ — Camilla... querida mãe, Deus ha-de permittir que esta separação seja curta. Isto não póde durar muitos dias. Agora, bem o vê, conheço, é perigoso ficar aqui! A sua presença, o receio de a vê arriscada quebrariam as forças e o animo dos defensores do solar, ainda que bem resolutos e valentes! O paço é forte, poderá resistir por muito tempo. Aqui não entrará ninguém. Mas consigo aqui dentro, querida mãe, abalados pelo terror que necessariamente estas scenas lhes hão-de causar, meu pai e meu tio perderão o animo.

SARGENTO — Depressa, com todos os diabos! O povo cada vez é mais. Temos sahida facil pelo lado do pomar, onde mandei collocar os cavallos! Entende, fidalgo? Os marinellos julgam que a ponte levadiça está em cima e eu mandei descel-a.

FERNÃO — Adeus, cunhada! Até d'aqui a poucos dias! Coragem, é preciso e está tudo dito. Não tenha receio, eu fico velando por elle, e se necessario fôr, sacrificarei a minha vida, para salvar a de seu marido.

GRITO — Morra a familia d'Encourados.

VALENTIM — Por Deus, ou será tarde!

VASCO — Adeus, minha Luiza.

LUIZA — Esposo! esposo!

TRINTA E TRES — Fugam! Em quanto nós os entretemos com o fogo pelo lado do pateo. Fogo!

VASCO — Luiz Vasques véla por tua mãe. Em quanto a ti lembra-te que a honra e a gloria foram em todos os seculos o alvo a que balisaram os nossos illustres antepassados! Ajoelha-te! (*Luiz obedece*). Que Deus te abençõe, filho, e te mate no momento em que te esqueceres da tua propria honra e da gloria do nome dos senhores de Encourados.

LUIZ — Adeus, meu pai. Vamos!

SARGENTO — Camilla! Ah! que se não tenho no caminho de empregar a espada de Belver, arre-bento, Trinta e tres, entendes! Toma conta na senhora fidalga! Olha que se te descuidas d'ella, ra-cho-te, marinello, entendes?

TRINTA E TRES — Cá vou com um milhão de balas! Obrigado a fugir! Ah! valentes de Belver, envergonhem-se com seiscentos diabos! Vamos, padre Valentim, se me começa a tremer, bom cavalleiro teremos para sobre a egua dos senhores fidalgos! (*Sahem*).

SCENA IX

Vasco Mendes e Fernão Silvestre

VASCO — Adeus, adeus! (*Cahindo sobre uma cadeira*). Ah! se os tornarei a vêr!

FERNÃO — Vamos, coragem, irmão. E' preciso ser homem! (*Correndo á janella*) Lá montam... Adeus! Passam a ponte! Estão salvos!

VASCO — Oh! agora posso morrer!

FERNÃO — Vamos, é necessario ter animo. Não nos esqueçamos que é este o solar d'Encourados e que nós nascemos dentro d'elle.

Não vos hão-de faltar gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa!

Agora corramos a reunir aos nossos que defendem a entrada aos malfeitores!

VASCO — Não, Fernão Silvestre. Não será o meu braço que vá lutar contra a sorte que Deus quer dar-me. Aqui nasci, aqui será a minha campa.

FERNÃO — Loucura, Vasco Mendes. Não quero deixar-te só, mas será cobardia não defendermos a vida que a outros pertence já. (*Grande combate fóra*). O que é isto? (*Corre*).

DE PROFUNDIS (*entrando a correr*) — *De profundis clamavi...* Fidalgo... passaram as portas... o incendio augmenta... Prohibem-lhes a entrada as chammas que invadem a escadaria. *Requiem eternum!* (*Sahe*).

FERNÃO — Ah! Manoel está morto!

GRITO — Morram os jacobinos!

FERNÃO — Vasco, Vasco, já não ha que fazer aqui! Porque pretendes ficar? Queres suicidar-te,

nas chammas ateadas pelos malvados? Queres que Deus na eternidade te peça contas em nome de tua mulher e de teu filho!

VASCO — Não, esperal-os-hemos aqui, defendemos com a vida a santa herança dos nossos avós! E quando esses falsos liberaes, movidos a punhados d'ouro pela mão occulta que trabalha por perder-nos tenha pisado os nossos cadaveres, o honrado sangue de Encourados deixará gravada nas pedras que nos forem campá a honra do nosso nome!

FERNÃO — Oh! sim, e cantaremos:

*Digno feito de ser no mundo eterno
Grande no tempo antigo e no moderno.*

VASCO — Vamos, Fernão Silvestre! (*Vai para sahir e cahe levando a mão á testa ferido por um tiro*). Ah!

FERNÃO — Vasco, Vasco! meu irmão! Ah! malvados! Morto! E' para villões o prantear a morte! Jazes no lugar que te foi berço! Assim devia ser, digna vergontea de tão brilhante raça! Um beijo, meu irmão e vai no céo pedir a vingança do teu nome! (*Vendo o incendio*). Oh! é preciso partir! Não tarda que te sejam mortalha as ruinas do teu solar! Digna recompensa d'um heroe! Adeus, Vasco? Devêra morrer contigo?! (*Vendo a casa a abater*). Não, que teu filho, não tem outro pai! (*Sahe. Harmonia na orchestra. As paredes começam a fender-se vendo-se por entre ellas o incendio; por fim acabam por abater. Derrocada. A luz dá em cheio no corpo de Vasco. Grande movimento de povo ao F.*).

GRITO — Morram os jacobinos!

DE PROFUNDIS (*entrando por entre as ruinas se-*

guido de povo que occupa a scena) — De profundis clamavi! (Vendo Vasco). Ah! fidalgo, fidalgo! Vasco Mendes! Morto! Como é feliz! Está no céu a beijar meu filho!

BRAZ (*entrando*) — A familia conseguiu fugir, porém um dos snrs. de Encourados jaz aqui morto! Será Luiz!

DE PROFUNDIS — Não! A mim assassinaste-me o filho... a elle assassinaste o pai!... Has-de fugir agora, porque eu vou rezar a Deus! (*Com dous paus incendiados fórma uma cruz que volta para Braz de Paiva, collocada sobre o corpo de Vasco. Põe as mãos, ajoelha e diz*): *De profundis clamavi, requiem eternum! (O luar dá-lhe em cheio sobre a face. Cahe o panno).*

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V



QUADRO V

Uma sala qualquer na Villa da Feira, não rica, mas elegantemente mobilada. Um leito de cortinados occupando o F., mesas, cadeiras, etc.

SCENA I

(*D. Luiza deitada na cama. Rosa perto d'ella sentada; Camilla, perto d'uma mesinha sentada a trabalhar*).

CAMILLA (*á parte*) — Adeus, Camilla, coragem, disse elle quando partiu com meu pai; havemos de voltar em breve. Tu ficas para entretanto que eu não chego, cobrires de sorrisos e de flôres a existencia angustiada de nossa mãe. De nossa mãe! Se chegará esse dia! (*Chora*).

LUIZA (*deitada*) — Não chores, Camilla; tem animo como eu tenho. *De profundis* deve hoje trazer-nos noticias.

CAMILLA (*levantando-se*) — Bem quizera não mortifical-a, minha mãe, porém n'esta incerteza... n'este receio de vida ou morte não consegue estancar-me

as lagrimas a esponja de tão amargo fel! (*Ouve-se bater á porta*). Ah! bateram!

LUIZA — Rosa, Rosa, vá vêr quem é. Ajuda-me, Camilla, quero sentar-me. Se fosse o meu Vasco!

ROSA (*entrando*) — Minha senhora, minha senhora, é o padre Valentim!

CAMILLA e LUIZA — Valentim!?

SCENA II

As mesmas e Valentim

VALENTIM — Deus esteja aqui e o demonio com os herejes e jacobinos.

LUIZA — Noticias, noticias de Vasco, snr. padre?

VALENTIM — Nenhumas, minha senhora. Nem de seu marido nem de Fernão. Silvestre consegui obter noticias. Não sei se abandonariam o solar depois do incendio e se marchariam a defender o Porto, como valentes soldados que eram, por S. Jorge. Do Porto, venho eu, snr.^a fidalga e as noticias que lhe trago são tristissimas. Os francezes estão senhores da cidade, que começaram a ganhar, saltando pelos parapeitos do S. Mamede. O povo, em medonha agglomeração, foge, esmagando aos pés os proprios filhos!

CAMILLA — Meu Deus! E Luiz e meu pai?

VALENTIM — Não os vi... só encontrei o Trinta e tres... mas esse mesmo de longe. (*A' parte*). Felizmente por um triz que não me mette uma bala nos miolos por me vêr capellão-mór do general francez. (*Alto*). Porém, minhas senhoras, encontrei um homem que me assegurou que seu filho e João Peres, estão de perfeita saude. Eram tres horas da tarde quando cheguei á ponte das barcas, enfiei

imediatamente por ella, mas no meio tive de parar em razão do muito povo que alli estava agglomerado e que escutava em silencio um homem que debruçado sobre as guardas da ponte, vociferava em tom lugubre, voltado para o rio. Era *De profundis*, em mangas de camisa, de cabeça descoberta, pés descalços e com o rosto illuminado pelo brilho da allucinação! Acudam-lhe! acudam-lhe! gritava elle... lá vai o menino pelo rio abaixo... lá vai o menino! *De profundis clamavi, requiem eternum!*

CAMILLA (*consigo*) — Como o pobre louco amava o seu filhinho!

LUIZA — Diga-me, padre, se os francezes estão senhores do Porto, é quasi certo que o meu filho chegue hoje, não é verdade?

VALENTIM — Certamente. Seu filho e o sargento-mór devem calcular que lhes é mais facil retirar primeiro do que depois. A ponte é bastante pequena para dar vasão a todo o povo fugitivo.

LUIZA — Meu Deus!... que horrivel inquietação! Se meu filho morre...

SCENA III

Os mesmos, Luiz e o Sargento

LUIZ (*entrando excessivamente acabrunhado. João Peres igualmente. Em ambos se nota o desalinho proprio de militares depois d'uma batalha. Harmonia na orchestra*) — Mais valêra a morte do que a vergonha de vêr a patria avassallada pelas baionetas inimigas!

LUIZA e CAMILLA — Ah! Luiz!

CAMILLA — Pai! (*Momento de silencio. João Peres senta-se acabrunhado a uma das mesas.*)

LUIZ — A sua benção, minha mãe.

LUIZA — Deus te abençõe, filho. Oh! mas leio no teu rosto a declaração d'uma grande desgraça! E' alguma noticia má a respeito de teu pai?

LUIZ — Não, minha mãe. Dentro dos muros do Porto, durante estes dias de combate não consegui encontrar nem meu tio nem meu pai. Julguei mesmo que viria encontrá-los já na Villa da Feira.

SARGENTO — Por alma de meu pai que bem fizeram elles se lá se deixaram ficar ainda. Retirar foi de cobardes, entende? Eu envergonhei as barbas dos valentes de Belver.

LUIZ — Perdoei-lhe á conta do amor da patria, a cegueira que o ia fazendo morrer agarrado á plataforma sem meio algum de defeza. Não foi cobardia, não, João Peres, faça-me mais justiça! Para trazer aqui teu pai, minha Camilla, foi preciso lembrar-lhe, que a nossa vida mais te pertencia e a nossa mãe do que á patria moribunda. Snr. João Peres, disse eu, aproveitando um empuxão com que o enthusiasmo da turba-multa atirára com o sargento ao meio da plataforma, — é necessario sahir d'aqui.

SARGENTO — E eu berrei, — isso não, por alma de meu pai! não me envergonho confessal-o, entende?

LUIZ — Nem mais uma palavra; ordeno-lhe em nome de Camilla! Foi esta a minha ultima ordem.

SARGENTO — Foi assim mesmo, snr. morgado. Só o nome da minha Camillinha...

CAMILLA — Obrigada, obrigada, meu pai. (*Abraça-o*). Mas o pai tem o fato todo molhado!

VALENTIM — E o snr. morgado da mesma forma.

SARGENTO — Se o padre lhe parece que o banho foi pequeno!

LUIZ — Para chegarmos aqui sãos e salvos, fingindo aos francezes que corriam já pela alameda de Miragaya fóra, dirigindo-se para o lado de Cima do Muro, foi-nos preciso atravessar o Douro a nado.

LUIZA — A nado?! Meu Deus!

VALENTIM — Mas porque não vieram pela ponte?

LUIZ — Pela ponte?! Escute, padre, o espectáculo horroroso que presenciámos. Depois que o bispo e o general Parreiras passaram para Villa Nova...

VALENTIM — Foi com elles que eu passei também.

LUIZ — Ou por ordem d'elles ou sem ella, os que estavam de guarda á ponte fizeram levantar um dos enormes alçapões que ella tinha a meio, sem se lembrarem que era naturalmente por alli que a cidade se havia de esvasiar, logo que os francezes se assenhoriassem das linhas. Assim aconteceu. Os habitantes da cidade, em massa compacta e apertadissima, dementados pelo pavor correram á ponte; porém ao chegarem ao meio, estacaram um momento. Ouviu-se então um grito medonho porque diante d'aquella massa compacta, tão comprimida e tão ferozmente impellida para a frente, estava um abysmo, um abysmo horrivel! As primeiras dezenas de pessoas sumiram-se de repente na voragem. Os seus gritos de dôr communicaram com a rapidez da electricidade o instincto da repulsão áquella massa immensa de gente. Todos pretendiam firmar-se, não ir mais ávante, conseguindo em fim a força dos que resistiam equilibrar-se com a dos que empurravam para a frente. O numero dos que se sumiam n'aquelle abysmo fatal começou a ir a menos; mas de repente a im-

mensa molle comprimida nas duas extremidades começou a alargar no centro, a alargar sobre as guardas da ponte. Ao cabo estas não podendo dilatar-se mais estouraram e por aquelles dous enormes rombos lufaram immediatamente uns após outros, centenares de homens velhos, crianças e mulheres. — Oh! que horrivel espectáculo!

CAMILLA — Que recompensa dará Deus no futuro a uma nação martyr da liberdade!...

LUÍZ — Nunca em minha vida senti pavôr tamanho. — O boqueirão a que serviam de paredes duas das barcas chegou a entulhar-se; e por um momento sobre aquelle pavimento de cadaveres a multidão arremessou dezenas de pessoas para o outro lado do abysmo. No rio, junto á ponte, milhares de desgraçados, agarrados uns aos outros appareciam e desapareciam á tona d'agua, debatendo-se sempre pela corrente abaixo. Os gemidos de aquelles infelizes e os gritos dos que presenciavam de terra esta immensa desgraça, com a morte tambem a poucos passos de distancia, porque os francezes desciam pela rua de S. João, lançando de si um chuveiro de balas, eram medonhos, tremendos, indisiveis. Os cataclysmos que sorvem as nações, apresentam-se em campo mais vasto, mas não são nem mais horréndos, nem mais pavorosos.

D. LUÍZA — Ai! filho! que quadro de tamanha dôr, nublado ainda pela horrivel inquietação do desespero! Oh! quem sabe se já não tens pai!

LUÍZ — Entreguemos a Deus a sentença do nosso futuro, minha santa mãe! Desfraldaram-se as aguias victoriosas na cidade do Porto. Soult venceu, conquistando no seu impeto desbravador a desolação das nossas campinas, a morte dos nossos filhos: conquistou o *terreno* d'uma cidade, mas não ganhou um povo, porque outro poder mais forte ha-de

agrilhoar o gigante que tenta *sujeitar a Europa* nos seus braços robustos! Outro poder mais forte ha-de estreital-o n'um circulo de contraria fortuna, acabando-o como o indigno escorpião, victima do seu proprio desalento! E esse poder terrível, ameaçador em gritos de suprema vingança, repetirá sempre, sempre até á ultima hora de futuros seculos sobre as campas das familias os gritos dilacerantes de tantos martyres. — Esqueceremos o amor da familia pelo amor da patria, até quando soar a *hora tremenda* da vingança! Oh! perdôa-me, Camilla, perdôe minha mãe, mas Deus não nos fará esperar por muito tempo, e então, ai d'elle! ai d'esse bandido da Europa, a quem chamam Bonaparte, quando vir avermelharem-se os rios com o sangue dos seus proprios defensores! Quando cada habitação se transformar em patibulo para execução dos verdugos da nossa patria! (*Com um sorriso sarcastico*). Oh! a hora ha-de chegar breve, francezes, ha-de chegar! Napoleão não é a Providencia!

SARGENTO — Bravo, senhor morgado! Com mil raios! que melhor não fallariam os valentes de Belver, entende?

ROSA (*que tem ido observar a uma das portas*) — Minha senhora, minha senhora, muita gente que vem do lado d'Oliveira d'Azemeis.

LUIZA — Camilla, acompanha-me. Senhor padre, ajude-me... quero ir até ao mirante.

VALENTIM — Oh! minha senhora, veja que no seu estado...

LUIZA — Se Deus tiver de alancear-me com o ultimo golpe, nos seus braços, padre, terei forças para recebê-lo.

LUIZ (*apertando a mão de Camilla*) — Ser-lhe-

hão conforto os seus dous filhos, minha mãe. (*Sa-
hem Luiza, Rosa e padre*).

SCENA IV

Luiz, Sargento e depois Trinta e tres

SARGENTO — O que eu não posso levar á paciência, entende, meu fidalgo, é que o marinello Trinta e tres não quizesse seguir-nos para o Regado, sabendo o perigo em que se achava aquella bateria, e se deixasse ficar na bateria do Bomfim. Por minha vida que foi uma desobediencia ao seu capitão... e muito mal feito, entende?

TRINTA E TRES (*entrando fardado de espingarda e mochila cheio de pó e estropiado*) — Mal feito ou não, cada um faz o que quer, quando não é nenhuma criança! Tenho dito!

SARGENTO (*trovejando colerico mas com muita vontade de lhe dar um abraço*) — Pois ainda tu me appareces, alma de cantaro! Faltar-me á disciplina, a mim, ao seu capitão, entendes? Por alma de meu pai que te racho! Porque não me obedeceste, maroto? 20 dias de calabouço, entendes? 20 dias bargainço! Desobedecer-me!... e depois... ah! por minha vida que te como a alma, ladrão! Fazer-me estar em cuidados! e não haver por lá uma bala que te estendesse, nem um dragão francez que te cortasse as orelhas! Regalava-me, entendes? E se tu morresses, excommungado?!... Eu arreben-to-te! porque não me obedeceste, diz ladrão! a mim! ao teu capitão! 20 dias de calabouço, enton-des?... 20 dias de calabouço! (*A cada imprecação é abraço e murro que te parto*).

TRINTA E TRES (*quasi commovido*) — Vá, homem, tenha juizo. Pois eu sou lá alguma criança!

Vá com um milheiro d'elles, tenha vergonha e tenho dito!

SARGENTO — E tens razão por alma de meu pai! Sou um grande bruto, entendes? Tu és um valente de Belver... e vai com esta que te digo. Mas como escapaste, homem, como escapaste?

TRINTA E TRES — Escapei como escaparam muitos, que elles não mataram tudo. Mas adivinhe lá, se é capaz, quem foi que eu encontrei, meu sargento?

SARGENTO — Quem foi, por alma do meu pai? Desembucha ou arrebento-te.

TRINTA E TRES — Lá chegaremos. Eu fui um dos penultimos que deixaram a bateria do Bomfim. O ultimo foi o general Victoria, valente homem, grande cabo de guerra!

SARGENTO — E é, por alma do meu pai e vai com esta...

TRINTA E TRES — Era perto do meio dia quando a cavallaria inimiga chegou ao Prado, ouviu-se então o toque de retirar, acompanhei o general até S. Cosme e embarcamos para o outro lado indo sahír a Avintes. O general e os outros marcharam para Lisboa a reunir-se ao exercito que Beresford está preparando. Achando-me então sósinho, entrou-me a fallar dentro dos cascos uma birra, que dizia — Vamos lá outra vez para o Porto. E dito e feito. N'esse mesmo dia á tardinha entrei pela bateria do quartel general.

SARGENTO — Alma de cantaro!

TRINTA E TRES — Estava eu exactamente para fugir ao excommungado d'um suíço, feio como Belzebut, de baioneta calada e arma aperrada para mim, quando senti do meu lado uma voz que gritava com toda a força. E' elle! é elle, é o Trinta e tres! ia para rodar á direita porém o tal vul-

to agarrou-me tão depressa e com tal força que quasi me suffocava com abraços. Adivinhe quem era, com um milhão de diabos!

SARGENTO — Falla ou dou um estouro, entendes?

TRINTA E TRES — Era o Bernardo italiano que nós chamavamos o Pangaio!

SARGENTO — Aquelle que tu salvaste em Bel-ver?

TRINTA E TRES — E que depois tratei de enfermeiro até que sarou das feridas que recebeu.

SARGENTO — Pois era elle, por alma de meu pai! Valente cousa é o fazer bem, Trinta e tres! Eu sempre t'o disse, homem, entendes? Sei o que te digo.

TRINTA E TRES — Mas pagou-me bem. Chegados á barraca em que elle estava, ai! pai do céu! Aquillo é que era fartura... carne, salpicões, patos, capões, gallinhas, perus, foi uma derrota completa. Bebeu-se á saude do genero humano — até se bebeu á saude de Napoleão e do nosso principe regente, até vossemecê não escapou, sargento-mór.

SARGENTO — Bonito! banquetearas-te com os traidores á patria, entendes? Por alma de meu pai...

TRINTA E TRES (*com mau modo*) — Era o Pangaio! era o Pangaio e basta! eu com os amigos não tenho aquellas. E demais como queria vossemecê que eu estivesse com ceremonias com os heres se eu tambem já não estava lá muito christão!...

SARGENTO — Marinello!

TRINTA E TRES — No dia seguinte quiz gozar o saque concedido pelo general á tropa! Ah! meu fidalgo, ouviam-se gritos e gemidos por toda a parte; até não escaparam os conventos das freiras.

N'algumas casas onde entrei, não vi senão trastes quebrados, gavetas arrombadas e roupas despedaçadas pelo meio das salas. Os excommungados não queriam senão botas e camisas e de dinheiro só o metal, que do que era em papel, vendiam contos de reis por meia duzia de cruzados novos, e o mesmo faziam ás joias, por mais valor que tivessem. A' vista d'estas scenas de pilhagem tambem eu roubei, meu sargento!

LUIZ e SARGENTO — Roubaste?!

TRINTA E TRES — Roubei, com um milhão de diabos! mas d'estes roubos até Deus os abençôa, porque algum dinheiro e algumas joias que apanhei e outras que recebi do Pangaio, como não lhe conhecia os donos vim distribuindo tudo pela gente mais pobre que encontrava fugindo.

SARGENTO — Oh! bem hajas tu, Trinta e tres, entendes?

TRINTA E TRES — Quando o Soult se sahiu com uma proclamação em que dizia: que o Porto devia ser queimado por ter resistido, mas que elle lhes perdoava. Fui ter com o Pangaio e gritei-lhe: Sabes que mais — o teu general é um grande maroto! Dizer que uma cidade deve ser queimada por se ter defendido, não é de soldado é de salteador. Outro officio, meu amigo... temos conversado. E puz-me a andar. Agora sabe a quem eu ouvi cantar o *Te-Deum* na sé do Porto em acção de graças pela victoria das armas francezas?

LUIZ e SARGENTO — Quem?

TRINTA E TRES — Um maroto a quem eu e *De profundis* salvamos em Braga, o conego Valentim de Santa Maria do Abbade.

LUIZ — O conego Valentim?! Mas elle já aqui estava quando nós chegamos.

TRINTA E TRES — Aqui?! Aquelle traidor! E'

porque algum motivo o obrigou a fugir. Ha muitos dias que elle se tinha passado para os francezes!

SARGENTO — Tu estás dementado, homem? isso não póde ser, entendes?

TRINTA E TRES — Pois é, com um milhão de raios! Aqui está até um officio d'elle ao capellão do regimento a que pertence o Pangaio, avisando-o para o *Te-Deum* na sé.

LUIZ (*lendo*) — Assignado... o esmoler capellão-mór D. João Valentim Nolasco, adjunto á pessoa do general Soult. (*Amarrotando-o*). Miseravel vaidoso! Sempre desconfiei d'aquelle padre. A vaidade matou-o, tornando-o traidor e ridiculo!

SARGENTO — Pelo inferno! se o pilho agora... por vida minha... trinco-lhe a alma, fidalgo, trinco-lhe a alma, entende?

LUIZ — Snr. João Peres, não se rebaixe, irando-se contra Valentim. Deixe-o continuar com aquellas traiçõesinhas... Portugal pouco perderá com elle.

SARGENTO — Não, senhor morgado, bem sei... mas eu racho-o, racho aquelle padre, com seiscentos raios! Cantar um *Te-Deum* em acção de graças pela victoria dos herejes? Racho-o e tenho dito!

TRINTA E TRES — Apoiado, meu sargento, d'aqui não sahe elle com a corôa inteira, não! Todo o meu filé é dar cabo d'um padre e se o não faço não me salvo.

SCENA V

Os mesmos e Valentim

VALENTIM — Senhor morgado, sua mãe... (*João Peres e Trinta e tres fazem movimento de raiva,*

mas dominam-se com um gesto de Luiz que caminha para Valentim e lhe entrega o officio que lhe deu Trinta e tres).

LUIZ — Conhece esta assignatura?

VALENTIM (*á parte*) — Meu Deus !... Como veio isto aqui parar?

SARGENTO — Responda, com um milhão de diabos !

VALENTIM — Fidalgo : não procuro negar que é essa a minha assignatura, porém, bem vê que se eu não cumprisse as ordens de Soult... ter-me-hiam fusilado...

TRINTA E TRES — Maior crime ainda : traição por cobardia.

SARGENTO — E cumprindo-as, posso eu matal-o agora, como traidor á minha patria, entende?

VALENTIM — Snr. sargento...

LUIZ — Nada obrigaria um homem de honra, um patriota brioso a levantar canções de louvor a Deus sobre as cabeças ainda quentes e esmigalhadas de seus filhos, sobre o seio esfarrapado e sangue das esposas estremecidas ! Deus não ouviria esse cantico perjuro, pelos muitos gemidos de um povo agonisante entre a fome, a morte e a deshonra ! Deus não o ouviria, porque o hereje que assim blasphemasse a oração nos labios, ou seria um renegado maldito, traidor á patria como Judas foi a Christo, ou estaria de joelhos no altar sagrado, curvado com ignominia da cobardia, manchando as vestes do sacerdote, mentindo á sociedade, mentindo ao proprio Deus ! — Que lhe rasgassem as insignias, com o espectaculo degradante da praça publica, merecia o padre que uma vez assim praticasse ! Se foi o senhor não é para os brios de um fidalgo consentir na sua presença o padre que não soube conservar a dignidade do

manto da religião! Saia — n'esta casa agora mando eu!

SCENA VI

Luiza, Camilla, Rosa e os mesmos

LUIZA (*entrando amparada por Camilla e Rosa*)
— Depois da minha morte, Luiz!

LUIZ — Oh! minha mãe!...

VALENTIM — Oh! snr.^a D. Luiza... salve-me das injustas iras de seu filho! Commetti uma pequena leviandade politica...

SARGENTO — Leviandade politica! Olhe que eu racho-o, entende?

CAMILLA — Meu pai! meu pai!

SARGENTO — Sabe que mais, fidalgo? Este padre é jacobino... este padre é um... é um padre, e tenho dito. Não póde ser bom e vá com esta.

LUIZA — Filho, snr. João Peres, não é para agora o condemnar desacertos politicos. Se alguns erraram, precipitando a conquista da nossa terra, Deus lhes será juiz. Conego Valentim, recolha-se á bibliotheca.

VALENTIM (*com hypocrisia*) — Obrigado, snr.^a D. Luiza! (*Sahe e Rosa por outro lado*).

LUIZ — Minha mãe, tenciona conservar ainda esse padre em sua casa?

LUIZA — Não é para agora o condemnar desacertos, repito. Escuta, Luiz. *De profundis* anda em frente d'esta casa e por mais que o chamassemos, o pobre louco evita a nossa presença. Olha,

Luiz, o infeliz Francisco ama-nos e quer certamente poupar-se a uma narração fatal! Oh! o seu cantico mortuario, implantou-me no coração um presentimento que me mata! (*Quasi desfallecida e amparando-se a Luiz*).

LUIZ — Oh! minha querida mãe!

SARGENTO (*limpando uma lagrima, baixo a Trinta e tres*) — Isto é mais forte do que eu, entendes?

TRINTA E TRES (*baixo*) — Entendo. E' que nas marchas e contramarchas da vida tambem se apanham aguaceiros!

ROSA (*entrando a correr*) — Minha senhora, minha senhora, o snr. Fernão Silvestre e outros homens!

GRITO (*quasi geral de surpresa e alegria*) — Ah!

SCENA VII

Os mesmos, Fernão e dous camponios
que o amparam

(*Harmonia na orchestra. Fernão vem com os vestidos cobertos de pó e o rosto denegrido ainda. Traz um braço ao peito e a cabeça coberta de panos recingidos por larga atadura, que lhe occulta um pouco a fronte. — N. B. manda isto o romance; tenha porém cuidado o actor em não carregar demasiadamente a caracterisação*).

LUIZA (n'um grito surdo) — Só?! (*Fica perplexa*).

LUIZ (*vencido do primeiro impeto d'assombro*,

movido pela agonia da suspeita) — Meu tio! meu tio! aonde está meu pai?

FERNÃO — Do pago de Encourados restam sómente as ruínas; de teu pai, Luiz Vasques, restam apenas as cinzas. Vasco Mendes, morreu como devia morrer; jaz sepultado debaixo das ruínas do solar de seus paes.

LUIZ (*n'um grito de dôr profunda, vai cahir sentado com a cabeça entre as mãos n'uma cadeira perto de uma banca*) — Ah!

LUIZA (*quasi sem poder articular as palavras e depois de ter levado as mãos ao coração, ampara-se a Camilla. Trinta e tres e Sargento que ficaram com duas caras brutalmente commovedoras, chegam-lhe uma cadeira*) — Ai!... Deus não me enganou!

SARGENTO — Fidalga, snr.^a fidalga!

FERNÃO — Que é isso, Luiz Vasques? que é isso, filho de Vasco Mendes? Olha que te estão vendo e podem dizer que és indigno de representar o nome illustre dos nossos avós. (*Depois de pausa. Luiz chora. Fernão com desespero*). Ah! chora, sim, porque morreu o ultimo dos Encourados! Morreste, Vasco Mendes, e contigo feneceu a gloria da nossa raça. Feliz tu que não ficaste para assistir a esta vergonha! Some-te bem fundo pela terra abaixo, irmão; bem fundo... bem fundo, que te não chegue lá alguma d'estas lagrimas que deshonram a tua memoria e o nome glorioso da nossa familia. Tu a chorares, Luiz Vasques!... tu a pranteares como mulher! Nunca os senhores d'Encourados prantearam affrontas como escravos, vingaram-n'as como nobres senhores!

LUIZ (*levantando-se d'um impeto*) — Snr. Fernão Silvestre, apesar de ser meu tio, aviso-o de que não lhe recebo a injuria, porque uma lagrima

de saudade, escapando-se dos olhos foi rolar sobre a sepultura ainda quente de meu pai! (*Quando se levanta ao principio da fallá, avança para Fernão e é detido pelo sargento que lhe segura um braço*).

LUIZA (*levantando-se por um esforço supremo, querendo disfarçar o seu estado quasi moribundo*) — Luiz... sim... não é para os filhos, a suavidade das lagrimas... é para as mulheres, que outro consolo não têm! Porém, eu quero ser a primeira a dar-te exemplos de valor. Vasco... o meu Vasco, morreu como devia morrer...

FERNÃO — Como devia morrer o chefe d'uma raça de heroes. Gloríe-se da morte de seu marido, cunhada; repita diante de todos com orgulho que é viuva de Vasco Mendes de Encourados!

LUIZA (*depois de ter mostrado o gesto d'uma grande agonia interna*) — Luiz... Camilla... quero abençoal-os... sobre a sagrada e veneranda memoria do meu Vasco!... (*Luiz e Camilla ajoelham-lhe aos pés, perto da cadeira. Harmonia continua, senão tiver ainda findado, até ao fim do acto ou começa aqui novamente no caso contrario. Luiza põe as mãos sobre as cabeças no momento em que os abençôa*). Luiz... tu, ramo illustre... d'uma familia honrada e ennobrecida segue as pisadas de teu pai... queiras tu, filho, que o brilho da nossa raça... seja sempre, sempre, como o sol radiante nos nossos respeitados pergaminhos! Camilla... tu, sorriso da Providencia, que nos foste do céu a recompensa, em tão pungentes amarguras! tu, harmonia entre gemidos, balsamo que suavisa o fel, guia-o sempre com o condão da tua sciencia e da tua honra! (*Diligenciando sorrir-se, mas pronunciando cada vez mais as agonias*). Hei-de vê-los ainda... muito felizes... porque terei valor... de sobreviver á glo-

ria... do meu Vasco. (*A Camilla*). Anjo, tão digno do meu Luiz, não te esquecerás de ensinar a teus filhos... o nome querido... que os innocentes hão-de embalar risonhos nos seus labios côr de rosa... Entre os dias da sua ventura!... Eu os abençoô, filhos... Luiz, entrego-t'a... e a Deus entrego a minha alma! (*Cahe expirando. Quadro, grito de horror. N. B. — Tenha-se bastante cuidado na posição em que Luiz Vasques deve cahir horrorisado*).

LUIZ — Morta! (*Pausa. Luiz ajoelha no regaço da mãe. — Fernão, animando o sobrinho*).

FERNÃO — Erguei-vos, grandes homens d'outras eras, erguei-vos, que se perde a terra que engrandeceste. Onde estão aquelles antigos animos portuguezes? onde estão aquelles homens soberanos, que só sabiam mandar e não obedecer? A raça abastardou-se. Filhos dos heroes, a pé, a pé, que se perde a grande obra de vossos passados. A terra de vossas mães e de vossas esposas, a patria de vossos filhos está a dous passos do nada das nações. E vós não vos moveis! Estão já promptas as cadêas que vos hão-de algemar os pulsos; já vos teem um pé sobre o peito aquelles que pretendem ser vossos senhores. E vós dormis! Vergonha a quem cruza os braços diante da patria a morrer! Vergonha e infamia aos portuguezes bastardos que preferem viver escravos na terra que os viu nascer, a morrer gloriosamente com ella n'um campo de batalha!

LUIZ (*levantando-se imponente e limpando as lagrimas*) — Sim! Nem mais uma hora a espada na bainha! Serei digno do teu nome, minha santa mãe! digno do teu amor, Camilla! digno do amor da minha patria! (*Tomando as mãos de Fernão*).

VALENTIM (*entrando*) — Morta! (*Levantando as mãos com hypocrisia. Requiescat in pace*).

SARGENTO — Que veio o senhor fazer aqui?

LUIZ — Minha mãe já deu contas no céu... o senhor tem ainda que as dar na terra... saia. — Não profane a paz dos mortos. (*Valentim sahe e cahe o pano*).

FIM DO QUINTO QUADRO

QUADRO VI

Telheiro airoso, guarnecido d'hera, construido entre as ruinas do solar. Grade ao F., pela qual se vê distinctamente o mesmo fundo do quarto acto. A' E. A. uma especie de fornalha ou lareira, uma mesa de pedra, uma cruz indicando o sitio onde morreu Vasco. O luar deve vir coado pelas ruinas bater na cara de Fernão, que está sentado á mesa. *De profundis* deitado no seu monte de palhas.

SCENA I

De profundis, Fernão e depois Trinta e tres

FERNÃO (*só, pensativo, encostado á mesa*) — Não, é impossivel que nos reste alguma esperança... Luiz Vasques é morto! A sete annos de esperança consoladora, succedem-se em fim os dias d'amargo convencimento! Ora pois, foi o decreto de Deus! extingue-se no pó do esquecimento a nobreza d'uma familia de heroes! Alli, junto á campa ignorada do infeliz Vasco acharei tambem repouso eterno; e nem uma pedra, nem um signal gravado ensinará aos seculos futuros a gloria dos nobres de Encourados! (*Fica pensativo*).

TRINTA E TRES (*entrando pensativo e com sinais de desgostoso*) — Ora, santas noites, fidalgo.

FERNÃO — Adeus, Trinta e tres. Mas que tens,

homem?... Alguma nova proeza d'aquelle ingrato de João Peres?

TRINTA E TRES — Deixe-me, snr. Fernão, nunca vi um homem assim!

FERNÃO — E Camilla está melhor?

TRINTA E TRES — Camillinha morre, morre, fidalgo, apesar de ser ella propria quem me disse que o seu casamento com o morgado da Barca era feito por sua livre vontade. Ah! mas não é, não... mas eu é que não posso roer vêr a pobre criança n'aquelle estado. Ha dous dias entrei mesmo damnado no quarto do sargento, que anda sempre a correr para Villar e sempre mais triste de cada vez que de lá volta. Por fim, disse-me: Sabe, Trinta e tres, que se minha filha não casa com Braz de Paiva, mato-me!

FERNÃO — Pois meu compadre disse-te isso?

TRINTA E TRES — Mato-me, porque não posso com esta vergonha.

FERNÃO — Mas, que vergonha?

TRINTA E TRES — Se Camilla não casar o reitor tira-me a sargenteria-mór, já m'o tem dito mil vezes e hoje repetiu-m'o com juramento.

FERNÃO — E' por isso?... Bem dizia o meu amado poeta:

Oh! gloria de mandar! oh! vã cobiça
D'esta vaidade a que chamamos fama!

TRINTA E TRES — Eu estive para rebentar, palavra de honra, vendo que aquelle casmurro sacrifica a vida d'uma criança por um lugar de sargento-mór. Ao cabo elle disse-me: Trinta e tres, eu caso Camilla porque a pequena tambem diz que sim. Pois eu vou-me até lá perguntar-lhe outra vez, repliquei eu. E meu dito, meu feito. Era sol pos-

to (*commovido*) fui dar com a pobresinha a chorar, sentada á beira do rio, n'aquelle sitio, onde Luiz Vasques quiz matar o da Barca. Interroguei-a e ella cahiu-me a soluçar nos braços, respondendo-me: «Rodrigues, este casamento é impossivel. A alma de Luiz Vasques perseguir-me-ha toda a vida. Sinto-a aqui a fallar-me sempre, dentro do coração. Salve-me, salve-me!» — Ah! fidalgo, não sei como não endoudeci de colera; mas, contendo-me, para que ella se não apavorasse, disse-lhe: deixe estar que tudo se ha-de arranjar até amanhã.

FERNÃO — E havemos de pensar n'isso. Lá por que o orgulhoso sargento não cumpre até á morte a palavra de que era digno o meu sobrinho Luiz Vasques, não devemos deixar sacrificar aquella criança. Até já, Trinta e tres.

TRINTA E TRES — Vá, vá, meu fidalgo, que aonde o senhor chega, chega o bem.

FERNÃO (*a Joanna que vem agora até perto da lareira vêr a comida*) — Joanna, aprompta-me a cêa que eu volto já.

JOANNA — Sim, meu senhor.

FERNÃO — Tu cêas por cá, Trinta e tres?

TRINTA E TRES — Obrigado, fidalgo, vou-me a fazer companhia á pobre Camillinha. Tambem pouco me demoro, tenho só de dar por aqui uma ronda, á espera d'um sujeito a quem avisei que precisava dizer-lhe umas palavrinhas.

FERNÃO — Toma cuidado...

TRINTA E TRES — Vá descansado, fidalgo. (*Fernão sahe, tirando o chapéo quando passa junto á cruz*).

SCENA II

Trinta e tres, Joanna que entra e sahe,
depois Braz

TRINTA E TRES — Ora aqui tem, snr.^a Joanna, uma sentinella digna d'un monumento do primeiro imperador da China. Hein? que me diz a isto? Um veterano do Belver a fazer-lhe a guarda de honra!

JOANNA — Não era d'esperar, não. O camarada apparece tão poucas vezes por cá...

TRINTA E TRES — Ando ahi com uns negocios... a vêr se vai despachado... (*á parte*) um maroto para a outra vida! (*Alto*). São cá uns negocios.

JOANNA — Sim, sim, eu não sou curiosa. (*Á parte*). Bem sei; do que estás á espera é do caldo que está mesmo amarellinho como pão de ló. Pois vou acabar-te a palestra. (*Alto*). Até logo, Trinta e tres. (*Tem já apparecido ao fundo Braz de Paiva embuçado*).

TRINTA E TRES — Haja descanso, snr.^a Joanna. (*Esta sahe*). Sahiu a proposito, deve ser elle. Já sabia que não faltava... não que a minha espingarda vai procurar os amigos muito longe. (*Dá um leve signal com a bocca a que Braz corresponde*). Podemos fallar aqui.

BRAZ (*descendo*) — Estou ás suas ordens, bem vê que não faltei.

TRINTA E TRES — Não, sem muito receio... e sem vir armado como o arsenal d'un exercito. Eu aposto que v. s.^a é todo armas e munições de guerra. E por fim tem razão, sabe a vontadinha com que eu lhe ando... o receio é justo.

BRAZ — Não reccio cousa alguma. Sei que o senhor se oppunha ao meu casamento com a filha do sargento por uma promessa que fizera; hoje porém Luiz Vasques é morto...

TRINTA E TRES — E' exactamente sobre esse ponto que tenho a dizer duas palavrinhas. Ora, senhor morgado, eu prometti ao Luizinho d'Encourados de lhe guardar a Camillinha em quanto vivo. Por ahi dizem que elle morreu em Victoria e na verdade não ha noticias d'elle. Mas não ha certeza d'isto. Por tanto o casamento não se faz porque, palavra d'honra, dou-lhe um tiro e mato-o antes d'elle se fazer, senão com uma condição.

BRAZ — Diga qual é.

TRINTA E TRES — Ficar o casamento demorado até eu ir saber novas d'elle. Parto amanhã para o Porto e depois vou á França, á Inglaterra, vou perguntar ao Lord, vou perguntar até ao proprio diabo, mas hei-de voltar com as novas certas. Se elle morreu acabou-se; case-se com Deus. Sem isto nada feito e tenho dito.

BRAZ — Olhe, snr. Rodrigues, eu entendo em minha consciencia, que vossemecê tem razão e por isso aceito as suas condições. Mas é escusado ir passear mundo para verificar a morte do snr. Luiz Vasques. Muita gente que veio de Tolosa m'o disse, e algumas pessoas contaram-me até os promeiros: Luiz foi ferido por uma bala no peito e duas cutiladas na cabeça, na batalha da Victoria, e morreu em casa d'um conde, cujo nome não me occorre agora, muito christãmente, e foi enterrado com toda a pompa. A' hora da morte disseram que me havia escripto uma carta em que me pedia perdão, carta que não recebi, porque a perdeu o camarada a quem foi entregue.

TRINTA E TRES — Homem, tudo isso póde ser muito bem verdade...

BRAZ — Dou-lhe a minha palavra d'honra.

TRINTA E TRES — E' que... senhor morgado, tudo isso parece-me assim a modos de historia...

BRAZ — Aposto a vida pelo que digo.

TRINTA E TRES — Olhe o que diz?...

BRAZ — Digo que lhe perdôo a morte no dia em que Luiz Vasques apparecer.

TRINTA E TRES — Jura?

BRAZ — Juro.

TRINTA E TRES — Muito bem. Lembre-se, senhor morgado, que acaba de fazer um juramento na presença da cruz do Redemptor.

BRAZ — Juro, repito, que te perdôo a morte se Luiz Vasques apparecer. Agora promette-me não se oppôr ao meu casamento?

TRINTA E TRES — Case-se muito embora, mas lembre-se bem, o dito, dito. Agora quero responder-lhe a uma pergunta que o senhor me fez, querendo saber porque motivo escolhi este lugar para lhe fallar. E' porque, julgando eu todo este negocio da morte de Luiz uma falsidade inventada pelo senhor em seu proveito, quiz arrastal-o ao lugar onde encontra sempre agasalho e pão um desgraçado, victima tambem da sua malvadez. Julguei que assim o remorso poderia vir mais breve. Veja-o. (*Indica De profundis que está deitado a um lado da scena*).

BRAZ — Francisco!

TRINTA E TRES — Seu irmão! A unica pessoa, depois de Camilla, que o pobre Luiz deixou recomendada ao tio Fernão Silvestre.

BRAZ (*com falsa commoção*) — Trinta e tres, foi uma desgraça, mas não póde ter remedio. Luiz Vasques está morto.

DE PROFUNDIS (*sonhando*) — *Requiem eternum!*
Luiz... Luiz... Tu has-de voltar... que m'o pro-
metteu meu filho!

TRINTA E TRES — Ouve-o?

BRAZ — Ouço: vozes d'um louco.

TRINTA E TRES — Talvez as d'um propheta!
Em fim... ella cá está. (*Bate no cano da arma*).
Até á vista, senhor morgado.

BRAZ — Adeus, Trinta e tres. (*Sahe*).

TRINTA E TRES — Tão certo como tu vaes ago-
ra pelo caminho calculando o meio de te livrares
de mim! Isso lá está quieto, morgadinho! O Trin-
ta e tres tem sete folegos! Ora, vamos lá até Vil-
lar. (*Sahe*).

SCENA III

Joanna só e depois Luiz e dous soldados

JOANNA — E adei, agora é que o snr. Fernão
Silvestre se ha-de demorar quando a cêa já está
nos cachõesinhos e a gallinha com umas cocegas
de ser comida... (*Abaixa-se a metter lenha na for-
nalha*).

LUIZ (*apparecendo ao fundo com o seguinte uni-
forme: pequeno bonet á ingleza de pala enverniza-
da e galão d'ouro; casaco de pano azul abotoado até
ao pescoço, gola direita rodeada por um ramo de lou-
ro, bordado a ouro fino, canhões condignos. Sobre-
tudo de campanha, forrado de vermelho, botas de
montar de verniz elegantemente justas ás pernas,
com esporas de prata. Na mão um chicote de punho
tambem de prata. Aos soldados*) — Sigam para Vil-
lar; digam ao reverendo reitor que só á noite po-
derei ter a satisfação de o comprimentar. (*Os sol-
dados partem*). E de lhe agradecer a protecção que

dispensou na minha ausencia ao senhor morgado da Barca.

JOANNA (*á parte*) — Olá, temos intruso a horas da cêa... pois vou-me regalar com uma boa tigela de caldo e depois o snr. Fernão que se demore quanto quizer. (*Entra E.*)

LUIZ (*descendo pensativo, não dá por Joanna e vem sentar-se com melancolia profundissima na mesma mesa em que esteve Fernão, junto da porta por onde sahio Joanna, — depois de pausa*) — Tudo como eu!... Que mudança... Oh! é triste evocar as recordações do passado quando sobre o esquecimento d'ellas já se ergueram novos planos, novas aspirações. Triste d'aquelle que pára n'um ponto e pensa que os outros pararam tambem com elle.

JOANNA (*indo a sahir com a tigela; dá com os olhos n'elle e assusta-se com o fardamento exquisito*) — Ah! quem é vossê? que quer?

LUIZ — Não me conheces, minha boa Joanna?

JOANNA — Se o conheço. *Abre-nuncio!* benzo-me de tal conhecimento!... arrede-se para lá, sôr confiado. Entrar assim na propriedade albeia sem pedir licença...

DE PROFUNDIS (*levantando-se ás primeiras exclamações da velha, mira o desconhecido com olhos em que se illuminam de repente o espanto e a alegria, levantando ás mãos ao céu*) — *De profundis clamavi... Requiem eternum.*

JOANNA — Ora esta! Nunca me aconteceu uma cousa assim.

SCENA IV

Os mesmos e Fernão Silvestre

FERNÃO — Joanna, que bradar é esse? (*Luiz volta-se sorrindo, Fernão desce a examinal-o e diz em voz pausada e levemente commovida*). Se acaso os mortos podem resuscitar, este é o filho de meu irmão!

LUIZ (*lançando-se-lhe nos braços*) — Meu tio, meu tio, sou eu, Luiz Vasques.

FERNÃO (*commovido, apalpando-lhe convulsamente as faces e os cabellos*) — Tu, és tu, sobrinho?! Oh! graças a Deus, a raça dos senhores de Encourados não ha-de acabar em mim!

JOANNA — Pois é elle? Elle!... o meu menino... o Luizinho! Perra de mim (*limpando as lagrimas*) que não reconheci logo o filho da santa, que tantos annos me deu com tanto amor o seu pão a comer.

LUIZ — Ora a minha boa Joanna!

DE PROFUNDIS (*que se tem conservado immovel como um espectro, como recendo interromper aquellas expansões d'alegria*) — *De profundis clamavi. Requiem eternum!*

LUIZ — Francisco, meu pobre Francisco! (*Aper-ta-lhe a mão*).

DE PROFUNDIS — Luiz Vasques... tu voltaste... e eu já o sabia.... olha, Luiz... eu vi esta noite... o meu querido filho... abraçado áquella cruz... cantando o hymno do teu noivado... com a tua adorada Camilla... e elle dizia assim... felizes os esposos que se amam... e que podem um dia... apertar no regaço tranquillo do seu amor... um filho... um filho estremecido... Chora, pai... chora, tu...

que te proibiram o gozo de tamanha ventura... e eu chorei cantando: *De profundis clamavi. Requiem eternum!* (Vai sentar-se triste no seu monte de palhas).

LUIZ (*consigo*) — Pobre d'elle... desgraçado!

JOANNA — Cada vez está peor. (*Tornando a Luiz*). Ora, ora o meu Luizinho como chegou de saúde! Vou accender a vella benta á minha Nossa Senhora. (*Sahe*).

FERNÃO — Oh! ainda me parece incrível tornar a vêr-te, sobrinho! Mas, não... posso dizer bem alto: és tu verdadeiramente, Luiz! (*Torna a abraçal-o*). Mas esta divisa se me não engano é...

LUIZ — Sou tenente general, meu tio — ganhei o posto em Waterloo!

FERNÃO — Mais alto, sobrinho... mais alto, que os feitos dos senhores d'Encourados relatam-se em voz de trovão! Gloria á raça dos antigos heroes, Luiz Vasques, que reviveste com as tuas acções a fama dos nossos passados! Elle te abençoará do céu! *Pausa. Sobe até junto da cruz*). Luiz, é aqui a sepultura de teu pai.

LUIZ (*descobre-se e ajoelha junto da cruz*) — Meu pai, no tribunal divino onde descanças, perdôa-me, se mais brilhante não consegui tornar o nome que me legaste, e envia no perdão a tua benção ao filho que te amou tanto.

FERNÃO — És o meu orgulho, Luiz. Mas porque não escreveste?

LUIZ — De toda a parte escrevi sempre a si e a todos; porém já sei por algumas informações que não receberam as minhas cartas. Ferido gravemente em Tolosa, dei-lhes parte ainda assim por intervenção d'um amigo, que lord Wellington exigia de mim que continuasse para a frente com elle ao serviço d'Inglaterra, garantido-me desde logo

o meu posto de general. Depois que Napoleão embarcou cessava completamente a razão que me trazia desterrado da patria. Despedi-me de Wellington e parti. Chegado a Braga, indaguei dos que tinha aqui deixado... Como tudo estava mudado!... Disseram-me que o tio vivera com o sargento-mór de Villar, mas que depois...

FERNÃO — Sei a que te referes, sobrinho; mas pela honra do meu nome juro-te que em casa do sargento-mór de Villar nunca de ti se receberam noticias. O teu nome só vivia em lagrimas! Camilla amou-te ainda muitos annos depois que acreditamos que havias morrido, e João Peres, que via a filha descendo pouco a pouco para o tumulo, arrastada pela saudade e melancolia, dizia todos os dias e a todas as horas: «O nosso Luiz morreu; moço como aquelle não torna a nascer. — Camilla morre e eu não duro muito depois d'ella.» Mas um dia o sargento-mór disse-me: «Camilla casa e casa por...» — Não o deixei continuar. Voltei-lhe as costas e fui ter com ella. Afilhada, disse-lhe eu, é verdade que déste o teu consentimento para casares? — «Meu pai assim o quer!» — «E achas que ha ahi no mundo algum homem que possa occupar no teu coração o lugar que esteve cheio pelo amor de Luiz.» — «Meu pai assim o quer.» — Volveu ella, desfazendo-se em lagrimas. Desde então voltei-lhes as costas, deixei-os e vim procurar entre as ruinas do solar de nossos paes um canto onde findar meus dias.

LUIZ — Então o casamento?

FERNÃO — Dizem que será dentro de oito dias.

LUIZ — E o noivo?

FERNÃO — E' esse villão da Barca, irmão do nosso desgraçado *De profundis*.

LUIZ — Meu tio, é impossivel que Camilla ame Braz de Paiva!

FERNÃO — Não sei, nem o quero saber.

LUIZ (*depois de pausa*) — Pois bem, meu tio, desde a infancia habituei-me a amar aquella mulher! Este amor faz parte da minha vida, e ha sete annos que vivo só pela recordação d'elle. Sem Camilla não comprehendo a vida; sinto que me é impossivel viver! (*Com força. De profundis vai-se levantando e tomando o F. para depois lhe prohibir a sahida*). Cumpra-se o meu destino, acabe-se embora a raça dos senhores d'Encourados, mas não ha-de findar, consentindo impune, quem ouse descarregar-lhe o golpe final. Arrede ao lado, meu tio, vou matar aquelle villão! Vêl-a d'outro, nunca! Que Deus se amerceie depois de mim. Ainda em algum canto do mundo ha-de restar uma bala que me finde esta agonia, se a agonia me deixar arrastar até lá!

FERNÃO — Luiz! Luiz! Os senhores d'Encourados sacrificaram sempre até o proprio sangue do coração á gloria e á honra do seu nome.

LUIZ — O senhor d'Encourados já não existe, mas sim um condemnado ao desespero pela ira de Deus! Arredar do meu caminho, snr. Fernão Silvestre! Quero passar!

FERNÃO — Pois vai... eu te renego, filho degenerado de Vasco Mendes! (*Deixa-se cahir desalentado sobre um escabello perto da mesa. Luiz sobe e encontra-se na frente de De profundis que lhe impede a passagem com os braços abertos*).

LUIZ — Francisco, tu és meu amigo, deixa-me passar.

DE PROFUNDIS — Não... Luiz... Luiz... Camilla ainda te ama... ella não quer... mas o pai... o Braz de Paiva ordena... diz-lhe que se não casar

com elle... então o reitor... *Requiem eternum! Requiem eternum...*

LUIZ — Camilla ama-me... ama-me... sim, eu creio na tua voz, Francisco! (*Aperta-lhe a mão*). Oh! conta-me, conta-me o que sabes, por Deus! Por alma do teu filhinho!

DE PROFUNDIS (*a esta palavra torna-se completamente hirto pelo idiotismo e responde com voz cavada e angustiosa*) — O meu filhinho!... *De profundis clamavi. Requiem eternum!* (*Sahe correndo*).

LUIZ — Camilla ama-me! Tio!... tio!... Se ainda me anima esta esperança porque ha-de ser o senhor o primeiro a despedaçar-m'a?

FERNÃO (*levantando-se d'um impeto*) — Pois bem, verás tu proprio, incredulo! Vem commigo.

LUIZ — Vou e juro-lhe, tio Fernão, que se Camilla perder no meu conceito um só dos dotes de que a julgo digna, então... disponha de mim, tio, obedecer-lhe-hei cegamente.

FERNÃO — Bem hajas. (*Sahem ambos*).

SCENA V

Joanna entrando, depois Sargento e Camilla

JOANNA — Ora temos uma cêa que está mesmo um brinco, meus fidalgos... mas então elles sahiram! a estas horas! Mal avisado anda hoje meu amo! dentro e fóra, dentro e fóra... que negocios serão aquelles?... E logo então hoje, que eu estava morta por ouvir contar ao Luizinho, as suas façanhas que praticou lá por essas terras estranhas... mas, espera... quem vem acolá?... Ah! é o sargento-mór de Villar... andava de mal com o snr. Fernão, porém agora como chegou o Luizinho... Cheguem-se, cheguem-se, raparigas, que o

moço é mesmo d'enfeitiçar... sempre traz um bigode mais bonito... Ai! meus tempos de rapariga!

SARGENTO (*entra dando o braço á filha*) — Snr.^a Joanna, está cá o meu compadre Fernão Silvestre?

JOANNA — Não, snr. sargento, mas pareço que não deverá demorar-se. Já estava a cêa na mesa quando saíu. Quer entrar e esperar?

SARGENTO — Não, espero mesmo aqui.

JOANNA — Como quizerem; eu vou-me abafar a cêa para não arrefecer. (*Sahe*).

SARGENTO — Filha, quiz fazer-te a vontade em te acompanhar até aqui, mas custa-me, custa-me, Camilla, entendes? O compadre ha-de ralar, dizendo que sou eu que te sacrifico... que sou um mau pai... que sou...

CAMILLA — E eu hei-de convencer-o do contrario... não quero que meu pai esteja indiferente com o seu melhor amigo. Verá como lhe digo, que não é o pai que me obriga, que sou eu que assim o quero...

SARGENTO — Tu!... tu és uma santa. Cada vez estás mais triste... cada vez te matas mais... por vida minha....

CAMILLA — Mas o que hei-de eu fazer, meu querido pai?

SARGENTO — Que lhe has-de fazer!... Mas então casas contra vontade, entendes?

CAMILLA — Eu disse que sim, voluntariamente, meu pai. Depois, na verdade, que importa o casar, ou não casar? Olhe, meu querido pai, isto está por pouco... a minha tosse já me não deixa dormir.

SARGENTO — Filha! filha!

CAMILLA — Eu sei que morro... sei que morro! Sinto a morte a minar-me aqui no coração... depois... no outro mundo, Luiz ha-de perdoar-

me, porque lhe hei-de contar tudo, tudo o que tenho soffrido. Meu pai, por alma de minha mãe, pelo amor que me tem, peço-lhe que depois de eu morrer, não me deixe tirar isto do seio... E' o retrato do meu noivo... de Luiz! lembra-se, esta medalha que me deu na vespera de partir para a guerra? Não permitta que o outro m'o tire... prometta-m'o, prometta-m'o, querido pai. Vejo-o em sonhos, ouço-lhe até a voz chamar-me sua, e ainda ha pouco me parecia vê-lo a volitar no espaço, quando vinhamos nos sitios mais solitarios da estrada. Eu via-o... (*De repente apertando o coração com força*). Ai! que immensa dôr!... aqui... Luiz... meu Luiz amado... (*Cabe desmaiada*).

SARGENTO (*recua no auge do terror, depois vai a ella, apalpa-lhe as faces e as mãos e dá um grito*). — Ah!... acudam, acudam! Snr.^a Joanna! snr.^a Joanna! depressa! Traga agua, depressa, por Deus!

JOANNA (*entrando*) — O que é isto? o que é isto, sargento-mór?

SARGENTO — Valha-me! Valha-me! senão a minha filha morre!

JOANNA — A menina Camilla... Jesus, tão descorada! Quer dar-lhe uma fomentação com genebra?

SARGENTO — Sim, sim, traga-me genebra, e agua... mas depressa... por Deus!... Camilla, Camilla! (*Cuidando-a*).

SCENA VI

Os mesmos, Trinta e tres e depois
De profundis

TRINTA E TRES (*entrando*) — Que é isso, capitão? que gritos são estes?

SARGENTO — A minha filha morreu... morreu!

TRINTA E TRES (*dando um grito*) — Com mil raios! (*Corre a ella, toma-a nos braços, o sargento afasta-se um pouco horrorisado*). Camilla! Camillinha! (*Vendo que lhe não responde*). Ah! que vossemecê é um mau pai! Foi certamente a costumada pregação do casamento! E foi para isto que os não encontrei em Villar. Ah! o senhor é um mau homem!

SARGENTO — E sou, com um milhão de diabos!... sou um mau homem, entendes?

JOANNA (*entrando*) — Aqui está, aqui está a ge-nebra.

TRINTA E TRES — Esfregue-lhe os pulsos, snr.^a Joanna. (*Esta ajoelha em frente de Camilla*). Camilla, Camillinha... repare que sou eu... o seu amigo Trinta e tres... Não é seu pai, não... seu pai é um verdugo! (*Voltando-se para o sargento*). E' um verdugo, tenho dito!

SARGENTO — Sou um verdugo, sou, Trinta e tres.

TRINTA E TRES (*a Camilla*) — Descance que o casamento não se faz porque eu não quero... (*Ao sargento*). Porque eu não quero... e tenho dito... porque eu vou-me áquelle patife e mato-o na primeira esquina.

JOANNA — Parece-me que vai tornando a si.

SARGENTO (*correndo*) — Camilla! Camilla!

DE PROFUNDIS (*entrando*) — *De profundis clamavi. Requiem eternum!* Trinta e tres!... Trinta e tres...

TRINTA E TRES — O que queres tu, Francisco!

DE PROFUNDIS (*com alegria*) — O outro... o outro... não, *requiem eternum!*

TRINTA E TRES — O outro?! (*Vindo ao pé d'elle*). Que dizes tu, Francisco? O outro?

DE PROFUNDIS — Sim, o outro... o outro... veio... veio já...

TRINTA E TRES — O outro... mas que outro, com um milheiro de Satanazes! Quem é o outro?

DE PROFUNDIS (*como em segredo*) — O outro... o nosso amigo... Luiz Vasques... está vivo... vem ali já...

TRINTA E TRES (*n'um grito de suprema ventura*) — Ah! E' certo o que tu dizes, Francisco?

DE PROFUNDIS — Está vivo!...

TRINTA E TRES — Vivo! Chegou em fim a minha hora! Vou passar-te recibo do nosso contracto, Braz de Paiva!

SARGENTO — Que é isso, Trinta e tres?

TRINTA E TRES (*com muita alegria*) — O que é... é que vossemecê é o maior cabeça de burro que o céo deitou a este mundo. (*Sahe correndo*).

DE PROFUNDIS — *De profundis clamavi. Requiem eternum!* (*Sahe*).

SARGENTO — Camillinha! Estás melhor, não é assim? (*Camilla já tem dado signaes de vida mas sem ter aberto os olhos*).

TRINTA E TRES (*dentro*) — Lá vem elle! Eil-o, eil-o! Está vivo! Entregue aos seus amigos! Por aqui, depressa! Venha salvar esta criança!

LUIZ (*dentro*) — Camilla, Camilla!

SARGENTO — Estes gritos...

SCENA VII

Os mesmos, Luiz, Fernão, Trinta e tres e depois De profundis

LUIZ (*correndo*) — Ah! Camilla! (*Como fóra de si dá um empurrão no sargento e toma Camilla nos braços*).

SARGENTO (*recuando espantado como automato*)
E' elle! é elle! por alma de meu pai!

TRINTA E TRES — E' elle, sim, é elle em corpo e alma, vivo e são! Agora escolha com quem a quer casar!...

CAMILLA (*tornando completamente a si levanta a cabeça na direcção opposta á posição em que está Luiz, sem o vêr* — Meu pai, este casamento... é impossivel!... eu vi a sombra de Luiz... era elle... elle...

LUIZ — A sombra não, anjo da minha vida! E' elle, é elle proprio! Repara em mim, minha querida Camilla... sou eu... é Luiz que te falla... que está vivo... que está junto de ti!

CAMILLA (*estremece como que se a tocasse uma pilha galvanica, olhando depois radiante da mais dôce expressão d'amor e felicidade*). Tu... és tu... (*Levanta as mãos ao céu e as lagrimas deslisam-se-lhe suavemente pelas faces*). Deus! Meu Deus! não sou digna de morrer agora... seria morrer de felicidade!

LUIZ — Chora... chora, minha linda martyr, que é suave, muito suave, enxugar o ultimo pranto da desventura.

GRITO (*dentro*) — Viva o senhor d'Encourados!

TRINTA E TRES — Ahi vem o reitor de Villar e os rapazes dos nossos coutos.

FERNÃO — E tu ainda tens cara de apparecer diante de mim, João Peres?

SARGENTO — Deixa-me, compadre, uma asneira todo o mundo faz, entendes? e demais eu pensava que o nosso Luizinho era morto! Sou um pedaço d'asno, tenho dito, e não me digas que não, com um milhão de diabos, sei o que digo!

SCENA VIII

Os mesmos, Reitor e camponezes

TODOS — Vivam os fidalgos d'Encourados!

REITOR — Fidalgos, eternas sejam de hoje em diante as alegrias que renascem no paço d'Encourados! Bem vindo á sua patria o filho de Vasco Mendes, o esforçado guerreiro que combateu com honra nos campos de batalha! Agora tenho a fazer-lhe na presença de todos a declaração de que eu e padre Paulo nos interessavamos pelo casamento de Camilla, com o morgado da Barca, convencidos por elle que D. Luiz tinha morrido.

LUIZ — Infame! Foi elle certamente quem subtrahiu a minha correspondencia. Em fim, padre, eu desculpo-os se algum mal fizeram, sem querer, á minha pobre Camilla. Sei que todos são meus amigos. Não pensemos mais n'isso. Amanhã, padre, na ermida de Villar, espero que deitará a benção a estes dous infelizes que ha tanto tempo, não contam um momento de ventura!

CAMILLA — Ai, meu Luiz amado!

REITOR — E que festa verdadeira para todos os amigos da sua familia.

GRITO — Vivam os fidalgos d'Encourados!

TRINTA E TRES (*olhando ao fundo e dando um grito*) — Ah! é elle! (*Aponta a espingarda e desfecha*). Espera... faltava o sello no contracto do casamento!

LUIZ — Que é isso, Trinta e tres!

TRINTA E TRES — Um saldo de contas.

DE PROFUNDIS — Era meu irmão!... não se salva, não, era maldito! *Requiem eternum!* (*Ajoelha nos degraus da cruz e fica em oração*).

TRINTA E TRES — Excellente penna para passar recibos. Devo ter remorsos, fidalgo?

LUIZ — Não, Trinta e tres! As viboras esmagam-se!

TRINTA E TRES — Obrigado! Agora posso ir descansado ás bodas.

SARGENTO — Nunca as mãos te dêam, Trinta e tres, entendes?

TRINTA E TRES — Não falle commigo. Vosse-mecê foi um mau homem!

SARGENTO — Um mau homem? Tu atreves-te! Olha que eu racho-te, entendes?

GRITO — Vivam os fidalgos d'Encourados! Vivam!

SARGENTO — Racho-te com um milhão de diabos, entendes? (*Posição comica dos dous amigos, querendo engalfinhar-se como dous gallos, e cahe o pano*).

FIM

biblioteca
municipal
barcelos

5740

El sargento-mor de Villar